



2018

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO

Calvolima
Imobiliária

MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
P. COURA

CERVEIRA
CAMINHA
MOLEDO
ÂNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXIII – N.º 1417 • 1 de JUNHO de 2018 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

“Terrorismo ambiental” em Santa Rita

págs. 23 a 25

Árvores plantadas há mais de 60 anos, cortadas sem dó nem piedade. E sem justificação!



Procissão na segunda-feira, dia 21



O abate inclemente das árvores que bordejavam a estrada para o mosteiro



Procissão na segunda-feira, dia 21. Fixem esta imagem, porque as árvores desapareceram todas



Assim ficaram as árvores abatidas na semana depois da festa de Santa Rita

PARABÉNS, “Voz de Melgaço”

*Que a sua voz continue
A ecoar por muitos anos
E a sua informação perpétua,
Uma essência livre de enganar.*

*Que faça sobressair
Em cada facto que narra
A alegria e o porvir,
Muita uva e... pouca parra.*

*Que esta voz, soe em nós,
Como um hino glorioso
De tantos anos de prós,
Que o tornam vitorioso.*

*O tempo tem demonstrado
Que com sabor e afincos,
Muito se tem qualificado
Sendo certo, pois não minto!*

*Felicito-o por ser merecido
Pelo trabalho e dedicação,
Levanto a minha voz e digo,
Um bem-haja, de todo o coração!*

Armanda Urze

Repovoamento do Rio Minho



pág. 17

**Para além das Fronteiras:
o património Cisterciense e a
Identidade Cultural Europeia hoje**
pág. 9

Quinta do Regueiro

*Um pequeno produtor
a produzir vinhos gigantes*

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Mensagem de Agradecimento



Há uma frase do livro O Principezinho que me tem acompanhado nos últimos meses:

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si. Levam um pouco de nós.

E ao longo destes meses, várias coisas têm acontecido que tornam isto cada vez mais verdadeiro.

O que aconteceu no passado dia 10 de Maio no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Melgaço foi mais uma prova disso.

O meu pai vivia os problemas dos Bombeiros, era solidário com o vosso esforço, com o vosso trabalho, com a vossa dedicação e com o vosso espírito de equipa. O meu pai lutava pelos Bombeiros e corria quilómetros por todas as freguesias sempre que era preciso pedir ajuda.

E deixou-nos isso: a força de lutar, a necessidade de ser justo, a vontade de ajudar, o saber fazer bem ao outro sem esperar nada em troca.

Em nome da minha família, tudo o que eu vos posso deixar é um muito sincero agradecimento.

Santo Agostinho dizia, a propósito da morte, "eu não desapareci, estou só do outro lado do caminho". Por isso, e onde quer que ele esteja, eu sei que naquele dia estava muito feliz e estaria certamente emociado e agradecido.

Naquele dia, voltamos a senti-lo mais perto de nós. Obrigada.

Joana Alves

No Aniversário de "A Voz de Melgaço"

Em 1 de Junho próximo "A VOZ DE MELGAÇO" completa mais um ano de vida. Esse facto é, só por si, um motivo de profundo regozijo. Mas, se tal como as pessoas, 72 anos representam um percurso e um saber acumulado que merecem o mais puro e sincero e vibrante aplauso, um jornal, sobretudo dadas as circunstâncias e vicissitudes por que passou até chegar aqui, é uma Instituição que merece ser acarinhada e enaltecida. Eu, por exemplo, sou testemunha privilegiada de que, no post 25 de Abril os jornais regionais foram os primeiros alvos a abater pelo Movimento das Forças Armadas tendo-se realizado, inclusivamente, no Quartel da Região Militar do Porto uma reunião para discutir o assunto sob orientação (sensata) do General Passos Esmeriz. Mas "A Voz de Melgaço", não tremeu. Nem tergiversou, seguindo incólume o seu caminho. Também localmente, é preciso dizê-lo houve algumas dificuldades. Geralmente, para que haja colaboração do poder instituído exige-se subserviência e louva -minha e também aí o jornal não curvou a cerviz pondo a verdade dos factos e o serviço do Concelho e suas populações acima de interesses mesquinhos e passageiros. Apesar disso, o jornal manteve a linha que os seus fundadores lhe traçaram na primeira hora. E por isso hoje todos lhe reconhecem verticalidade e rigor, com uma colaboração variada que em cada número lhe dão corpo e fascínio que vai da simples notícia do acontecimento ao artigo de carácter histórico e científico à opi-

nião política mais sensata e avaliada, sem deixar de constituir para a mor parte das pessoas, ou para todos, a carta de família que nos fala das nossas raízes e dos nossos amigos. Por isso também aumenta, cada vez mais, o número de pessoas que pagam as assinaturas como Amigos como quem conhece as muitas dificuldades da Imprensa Regional e não quer que "A VOZ DE MELGAÇO" acabe por falta de consciente contributo.

Por mim, é por demais sabido o amor que lhe dedico desde a mais tenra idade, tendo sido nas suas colunas que me nasceram "os dentes literários". Embora o Cónego António Vaz fosse a pessoa com quem mais de perto convivi por razões literárias, devo ao Padre Júlio, Director do Jornal, palavras (imerecidas) de estímulo e incentivo que muito contribuíram para o meu percurso literário e sobretudo para forma de encarar com modéstia, mas também com firmeza, as opiniões alheias. Ao Padre Carlos Vaz (infelizmente desaparecido na meia idade) devo também palavras de incentivo e estímulo para as minhas produções que, sem me fazerem perder o pé da modéstia da minha colaboração, me ajudaram a percorrer o caminho "sáfaro

e ingrato" da literatura no dizer de Aquilino, e que constitui, hoje por hoje, um dos sinais distintivos da minha personalidade.

Penso que tudo isto são razões mais do que suficientes para que me regozije por esta data, e formule, na pessoa do seu distinto Director, a quem vivamente saúdo com um abraço de muita amizade, os votos das maiores prosperidades e longa vida.

Alberto Pereira der Castro

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Arminda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa

Membro da:
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

**IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E
EXPEDIÇÃO:**

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

A Voz de Melgaço ESTATUTO EDITORIAL

1º – «A VOZ DE MELGAÇO» é um jornal mensal de informação geral, mas dando primazia à informação local.

2º – A empresa «Jornal A Voz de Melgaço, Lda.» é a sua proprietária.

3º – «A Voz de Melgaço» é um jornal de inspiração cristã e independente de quaisquer forças económicas, ideológicas e políticas.

4º – É um jornal de Melgaço e para a gente de Melgaço.

5º – É um jornal aberto a todos os que nele queiram participar, tendo como parâmetros de orientação o respeito mútuo pelas ideias de cada um, com ampla liberdade de opinião e expressão, sempre com o desejo de construir e na observância dos princípios de sadia convivência consagrados na Constituição da República e na Carta dos Direitos Humanos.

6º – Tem como especial objectivo ser elo de ligação entre os melgacenses, quer residentes na terra natal, quer espelhados pelo País e pelo estrangeiro. Quer ser para todos, como o afirmou no número inicial: «uma carta de amor, levando saudades e trazendo suspiros que nem a distância nem o tempo abafam».

7º – «Embora de informação geral, do país e do estrangeiro, a primazia vai para os assuntos da terra. "O noticiário de Melgaço" ocupa o primeiro lugar.

8º – «A Voz de Melgaço» assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas assim como pela boa fé dos leitores.

40 anos da Diocese de Viana



RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

Um texto do Dr. José Lima, nas páginas 9 e 10 já dá ênfase à exposição feita em Fiães. Uma outra ocorreu também na Casa da Cultura. Esta tinha elementos comuns a toda a Diocese, caracterizava melhor as paróquias do arciprestado e contava ainda com uma série de telas do consagrado monge Luís Alvarez, de Oseira, de que o Dr. José Lima destaca a faceta de pintor no já referido texto. Nós apresentamos algumas das telas em exposição na Casa da Cultura. Estas telas foram também para exposição no Paço da Glória – Arcos de Valdevez, no dia 30 de Maio.

Terapia con Ozono
Generación de O₃ y métodos de aplicación

OZONO
La Odontología del Futuro
Incorpórese a la Odontología Biológica

Utilización del Ozono en Odontología
Beneficios y Ventajas

Saiba mais na **EstheticSmile**
Tlf. +351251404002
808215415

Largo da feira - Melgaço

Padre Carlindo Vieira

Etnógrafo, Cronista e Poeta da Ribeira Lima

Todo o "Lima" na grande extensão desde Ponte de Lima a Viana é espraído com as margens atapetadas de verdura, matizada de lugarejos, cheio de vida, sorrisos, amor." Assim registou António Costa na sua obra Literária "No Minho" – 1874.

O escritor Carlindo Vieira está de acordo com Ramalho Ortigão e na sua prosa acentua a narrativa do autor das Farpas: "Quem não foi e não veio pela direita e pela esquerda da Ribeira, de Viana a Ponte de Lima e Ponte de Lima a Viana; quem durante alguns dias não viveu e não passeou nesta ridente e amável região privilegiada éclogas e de pastorais, não conhece de Portugal a porção de céu e de sol mais vibrante, viva e alegre, mais luminosa e cantante"...

Transcrevemos do grande investigador Carlos Alberto Ferreira de Almeida, saudoso amigo que foi catadrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: "A zona fluvial do Embarcadouro que deu nome à terra, bem como o lugar contíguo da Barca do Porto, mostra-nos as excelentes paisagens fluviais, recordando-nos a importância dos antigos fluxos fluviais que o rio servia.

POETAS DO LIMA

"Os rios são intensos mundos que se redemoinham em torno das suas águas, das suas ribeiras," assim assinala Eliseo Afonso.

A Ribeira Lima é um território privilegiado pela sua beleza, e cantada desde sempre por muitos poetas, cronistas, historiadores, pela etnografia colorida e um espaço geo-cultural onde vive gente festiva.

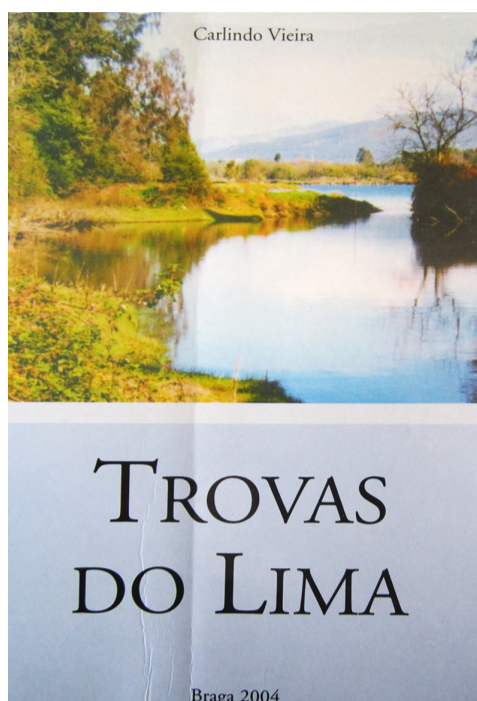
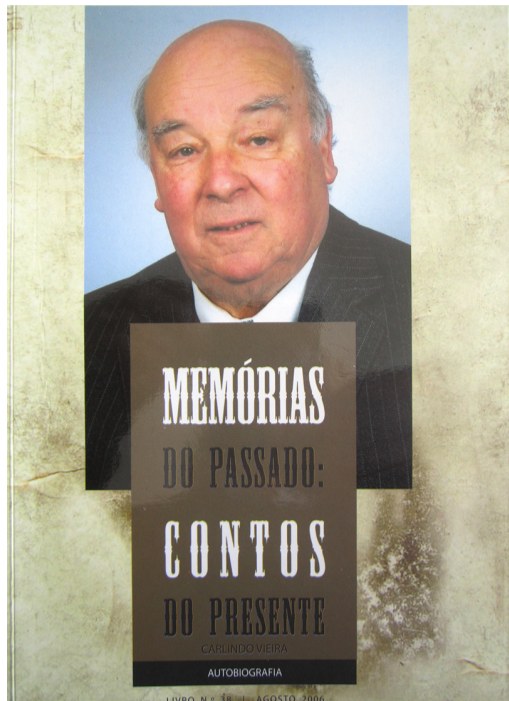
Assim, os inspirados poetas bucólicos Frei Agostinho da Cruz, Diogo Bernardes, António Feijó, António Ferreira, Sebastião Pereira da Cunha, Pedro Homem de Mello, Teófilo Carneiro, e muitos outros, cantaram o fascínio do rio que desce das Terras de Sarreaus, "Xinzo de Lima", para o oceano na foz vianense.

Do notável poeta António Feijó é sempre de recordar:

**Nasci nas margens do rio Lima
Rio saudoso, todo o cristal.
Daí angústia que me vitima,
Daí deriva todo o meu mal.**

**É que das terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca vi nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.**

O livro "Lima" é a grande obra bucólica de Diogo Bernardes que nos leva a sentir a natureza e o encanto dos lugares da memória e a descobrir "a alma dos lugares"



Carlindo Martins Vieira é também um poeta da Ribeira Lima e publicou em 2004 "Trovas do Lima"

É de referir o grande contributo do escritor António Manuel Couto Viana, publicando a obra

"Poetas Minhotos - Poetas do Minho," em dois volumes, editada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo em 2004.

Aí encontramos registos abundantes de todos aqueles que cantaram a Ribeira Lima

APRESENTAÇÃO

"Nasci perto do Lima.

Acordei muitas vezes com a voz enrouquecida dos carreteiros que gritavam aos bois e ao som estridente do chiar dos carros, que, dos altos dos montes, transportavam faxina e toros de pinheiro para o porto e fábricas de Viana.

Em menino assisti, nas "segunda de Ponte", à chegada dos barcos que aportavam ao Poço do Esteiro, para descarregar as pessoas e as mercadorias que traziam da feira.

Observei, espalhados pelo largo do Esteiro os inúmeros utensílios agrícolas e os animais caseiros que tinham sido comprados na grande feira quinzenal.

Como a viagem nunca se fazia em menos de duas horas o Largo do Esteiro – onde existiam duas tabernas – era paragem obrigatória para refrescar goelas e desaguar estômagos, para aguardar familiares que ajudassem no transporte dos utensílios e dos animais, a caminho de casa.

O barco seguia ao sabor de ventos e marés e, naturalmente, prescindia de horário, difícil de cumprir naquelas condições.

Como qualquer rio que se preza, o Lima tem as suas musas e as suas ninfas."

TROVAS DO LIMA

Percorrendo serenamente as páginas "Trovas do Lima" sentimos a alma do poeta Carlindo Vieira:

**As margens do Lima
são quadros de estima,
ao nosso redor...
– São telas pintadas,
de cores variadas,
por Deus criador.**

**Muitos amieiros,
e esguios salgueiros,
a água a mirrar...
– P'ra ver na corrente,
nem sempre contente,
a mágoa a chorar.**

**Compridas vessadas,
as veigas deitadas,
avistam o Lima...
– A ver se descobrem
as cheias que cobrem
as terras por cima.**

**As leiras bordadas,
de cor's são pintadas,
em cada estação...
– Lavradas escuras
precedem verduras,
colheitas de V'rao.
As margens do Lima
são terras de estima,
e de admiração...
– Não há S. Migueis,
se nada colheis na sua estação.**

OS BARCOS DE ÁGUA-ARRIBA

**Barcos de ir à feira,
com toda a maneira,
deslizam no rio...
– E seguem p'ra cima,
à vara e à bolina,
à chuva e ao frio.**

**de velas ao vento,
erguidas a tempo,
de a Ponte chegar...
– O barco de feira
tem pressa e canseira
de lá aportar.**

BARQUEIRO DO LIMA

**Barqueiro do rio Lima,
Puxa a ceroula p'ra cima,
Que o dia vais começar!...
– O sol já espregueira na serra,
Há vento por toda a terra,
É hora de navegar.**

**No cais abunda madeira,
Desde o toro à faxineira,
Para o barco transportar!...
– Enche, barqueiro, o porão
Coloca a carga, à feição,
Do que vais negociar.**

**Deixa o Estreito, vai p'ró rio,
Iça a vela ao vento frio,
A meio ou a «pano inteiro»!...
– A maré faz baixa-mar...
Toda a água está a ajudar
A viagem do barqueiro.**

BIOGRAFIA

O escritor Carlindo Vieira que usava o pseudónimo de Carlos Miguel, nasceu em São Salvador da Torre, Viana do Castelo, a 22 de fevereiro de 1929.

Faleceu rodeado da família carinhosa em 18 de Junho de 2017.

A sua obra literária vai desde a poesia, passando pela história, crónica, romance e etnografia fornecendo valiosos contributos à antropologia social e cultural.

Se o rio Minho tem o barco típico "carocho", o rio Lima destaca o barco "de água-arriba".

No livro Barqueiros do Lima, "1984", Carlindo Vieira apresenta um excelente estudo etnográfico, referente a embarcação de "água-arriba", referindo os barqueiros notáveis, como eram os celebrizados velho Facão e o Quitéria, entre outros, sendo de lembrar o Amorim, o último barqueiro.

De forma sintética fazemos o registo do "curriculum vitae" do escritor Carlindo Vieira:

1945 – Curso de Filosofia

1948- Curso de Teologia

1952 – Ordenação Sacerdotal – Pároco de Jolda (Madalena) – Arcos

1953 – Início Oficial da atividade literária

1965 – Pároco de S. Bartolomeu do Mar

1967 – Semana de Estudos da EU, na Alemanha

1973 – Início do Professorado (Língua Portuguesa)

1978 – Cadeiras Ad Hoc:

– Universidade do Porto (Introdução aos Estudos Históricos e Literatura Portuguesa V e VI)

– Universidade de Coimbra (Língua Portuguesa)

1981 – Coordenador Conselheiro

1985 – Diretor Diocesano do Ensino Religioso nas Escolas – 1º Ciclo

1987 – Voto de Louvor da Câmara de Viana do Castelo

1990 – "Efetivação" na Escola C+S da Abelheira Viana do Castelo

1995 – Aposentação do Ensino – Homenagem do Rotary de Viana

1999 – 1º Prémio das Quadras d'Agonia 99 – homenagem dos Lyons em Viana

2002 – Cidadão de Mérito de Viana – Bodas de ouro de escritor

BIBLIOGRAFIA

O escritor que vimos a referir nos seus trabalhos literários que vão da etnografia à poesia, publicou 42 obras assim intituladas:

- Aurora de Rimas – 1964
- Sargaço – 1969
- S. Salvador da Torre na História da Ribeira Lima – 1973
- O banho Santo de S. Bartolomeu do mar – 1973
- Barqueiros do Lima – 1984
- A minha vaquinha – 1991
- Pelourinhos e Picotas – 1991
- Pelourinho de Viana – 1991
- Dobadoura de Contos – 1992
- A Lavradeira de Viana – 1992
- Farol do Burgio 1º vol (jornalismo) – 1992
- A casa Rural Minhota – 1993
- Santa Barbara da Montaria (romance) – 1993
- Ideias Trocadas – 1993
- Contos da Ribeira Lima (contos) – 1994
- Farol do Bugio 2º vol (jornalismo) – 1994
- O Diabo à Solta, na Romaria de S. Bartolomeu do Mar – 1994
- A Procuração (romance) – 1995
- O Poeta Aurélio Fernando – 1995
- A “Colónia de Viana” – 1996
- Conversas com a minha Vaquinha – 1997
- Cantares da Ribeira Lima – 1998
- Introibo ad Altare Dei – 1998
- Encontros do Destino (romance) – 1998
- Bica Aberta (jornalismo) – 2000

- Memórias do Passado... Contos do Presente – 2006
- Tecla e Tecla – 2006
- Pétalas Caídas... ao fim da Tarde Etimologia de Alguns Topónimos da Freguesia de Torre
- Ontem, Hoje e Amanhã - 2009

Devemos sublinhar que no romance o “Zezinho Cigano” o autor insere-se na literatura nacional e internacional que às questões do mundo juvenil tem dedicado atenção.

Leva-nos a recordar “Os Capitães da Areia” de Jorge Amado, até José Mauro Vasconcelos, e o seu livro “ O meu pé laranja Lima”.

Ainda, em jeito de síntese: Sally Trench, “ Enterra-me com as botas”; de Anne Frank, “Diário”; de Ernest Schnabel “No rosto de Anne Frank”; de Castelau; “Os Dous de Sempre”; de Graciliano Ramos; “Vidas Secas”; de Maria Teresa Gonzalez; “A lua de Joana”; de Altino do Tojal; “Os Putos”; de Alves Redol “Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos”; de Miguel Torga, “Novos Contos da Montanha”; de Sebastião da Gama, “O Diário”; de Soeiro Pereira Gomes, “Esteiros”; e tantos outros, onde a problemática juvenil é focada em diversos contextos e com cores consistentes.

ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL

O nosso tecido histórico-cultural é resultado do contexto geográfico e de longa elaboração humana.

Temos agradáveis lugares da memória, e por vezes sentimos a alma dos lugares.

Há ética e estética na paisagem humanizada legada pelos nossos

antepassados, onde o segredo foi saber guardar, para o futuro o receber e criar.

Celebramos o Ano Europeu Património Cultural com lema:

PATRIMÓNIO – ONDE O PASSADO ENCONTRA O FUTURO.

A Ribeira Lima possui um património antropológico, histórico, artístico, musical e até místico.

É relevante na dinâmica material e espiritual onde os laços antigos são conversas de hoje, na diacronia do tempo e do espaço.

O escritor Carlindo Vieira lançou nos seus livros pinceladas fortes do “modus vivendi” da gente que comunga os tons bucólicos do Rio Lima, e os sons harmoniosos da corrente da água e da passarada.

A sua diversificada e valorizada escrita revela emoção, identidade cultural e criatividade literária.

Carlindo Vieira é um humanista e segue os cânones da literatura saudável, e por tudo tem um lugar entre os notáveis profissionais das letras.

O escritor, onde correu o sangue da estirpe da gente alegre, honrada e trabalhadora da Ribeira Lima, foi sacerdote, professor, poeta, romancista, cronista e etnógrafo.

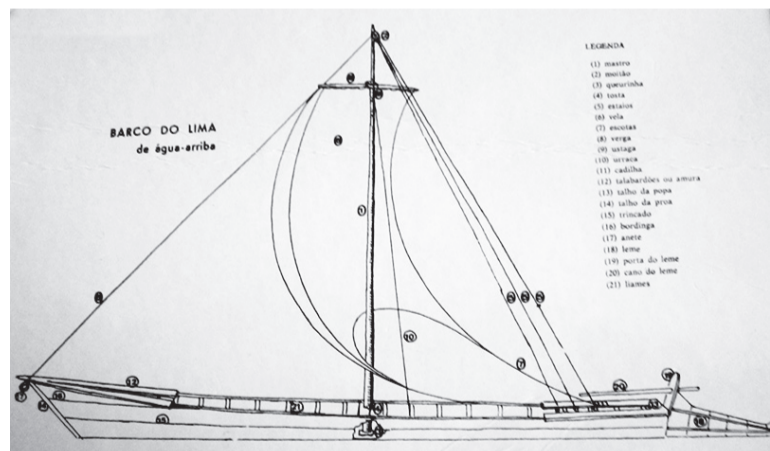
Foi esteta da língua portuguesa. O autor concilia a clareza, concisão e correção. Como Antero de Figueiredo conhece que a língua portuguesa é fidalga pela nascença... cândida para bucólicas e terna para lirismos, vivaz do termo popular e culta em pausada escrita de humanistas.

Devemos sublinhar que as carências sociais, reveladas de modo especial num meio rural, foram mitigadas com a criação de três cantinas, concretizadas por Carlindo Vieira e merecendo o apoio de Peter Pit Milward, aristocrata inglês, que residia no conhecido Paço da Glória, em Jolda da Madalena, Arcos de Valdevez.

“Sopa quentinha e roupa agasalhadora para todas as crianças”, nos anos 50 do séc. XX.

A diocese está a celebrar 40 anos da sua Fundação. É de registar que Carlindo Vieira publicou o livro “Colónia Vianense” (1996), onde se registam dados referentes ao processo da criação da Diocese de Viana.

José Rodrigues Lima



O Zezinho Cigano (romance) – 2000

Monografia de S. Salvador da Torre – 2000

E dando sequência às narrativas diversificadas nos anos seguintes publica:

Contos do Vale do Lima; Estudos Toponímicos de Torre; Dívida de Gratidão à Lavradeira de Viana, Crónicas; Antologia de Contos; Antologia de Textos e Diálogos; Baladas da Hora que Passa.

E a sua produção literária continua com as publicações:

- Trovas do Lima – 2004
- Histórias e Contos – 2005
- Mensagens e sugestões – 2005

Excursão a Fátima

De Melgaço com direcção a Fátima, foi com grande prazer que depois de 55 anos de ausência nesses Dias Festivos do 12 e 13 de Maio, pude este ano fazer parte desse grupo de verdadeiros devotos de Nossa Senhora de Fátima... Foi com muita honra que acompanhei esse grupo e assim assisti a todos os actos religiosos em louvor de Nossa Senhora.

Parabéns ao organizador da dita excursão “que continue a obra” e que Nossa Senhora de Fátima lhe dê força e coragem para poder continuar esta boa acção durante muitos anos.

Um abraço de Paris para todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima.

António Dias



FLASHS DO CICLO
As mentiras do 25 de Abril. A vergonha do Partido Socialista

Havia o dia das mentiras que era o dia 1 de Abril agora mudaram esse dia das mentiras para o dia 25 do mesmo mês. Com uma grande diferença. Com efeito, no dia 1, as mentiras eram uma brincadeira, cujo conteúdo apenas dava para pequenos incómodos a quem acreditasse, como por exemplo, quando davam informações que certo indivíduo, seu amigo, o esperava às tantas horas em tal sítio. Também havia notícias nos órgãos de comunicação. Notícias bombásticas desfeitas no dia seguinte. Era só para a borgia. Porém, agora, as mentiras do dia 25 de Abril têm dois interesses: Primeiro, criar heróis. Efectivamente todos os anos, aparecem novos heróis, ainda este ano apareceu mais um cabo “mentiroso” a relatar que desobedeceu a um brigadeiro quando este o mandou fazer fogo contra o Capitão Salgueiro Maia, acrescentando que o brigadeiro o ameaçou que, ou fazia fogo contra o capitão, ou levava um tiro na cabeça. Isto é apenas um excerto, do chorrilho de mentiras que o dito cabo relatava no Diário do Minho na véspera do dia 25 de Abril; Segundo interesse: denegrir o antes do 25 de Abril de 1974. É normal. Efectivamente, com Salazar a maioria dos políticos actuais não tinham lugar, quer no governo, quer na Assembleia, quer nas autarquias. Obviamente procuram denegrir o passado, enganando os jovens com mentiras de terror. Mas, antes do 25 de Abril não havia os assassinatos, nem assaltos e muito menos tanta corrupção. É impossível, encontrar um organismo do Estado limpo da corrupção.

Assim, acho curiosa a vergonha do partido socialista. Não sei se perderam ou ganharam vergonha. Efectivamente o actual primeiro ministro, bem como vários ministros do actual governo, fizeram parte dos Governos de Guterres e Sócrates, governos cuja corrupção só poderá ter paralelo com os governos de Vasco Gonçalves. Assim, é óbvio perguntar aos que agora se sentem envergonhados onde estavam quando se deu o caso da Junta Autónoma das Estradas, levou à demissão do seu presidente General Garcia dos Santos, por este general ter tentado impedir a corrupção que grassava na empresa, sendo ministro da tutela, João Cravinho que agora se arvora como arauto do combate a essa maleita mas, nessa altura, beneficiando do apoio do PGR, Cunha Rodrigues foi tudo arquivado, bem como a Fundação VARA que levou à demissão do então ministro da Administração Interna, por este ministro ter dito que aquela fundação era “JURIDICAMENTE, POLITICAMENTE E ETICAMENTE –” reprovável. O que levou o Presidente Jorge Sampaio a impôr a Guterres a demissão de Vara. Depois, veio o Sócrates que, tal como Guterres, teve na PGR Cunha Rodrigues, Sócrates tinha Pinto Monteiro para o defender, mas, teve azar, porque Pinto Monteiro atingiu o limite de idade e a actual Procuradora ainda entrou a tempo de recuperar o prestígio da Justiça, a qual havia batido no fundo para defender os corruptos do PS. Mas a Ministra da Justiça já manifestou o desejo de a substituir. Esperemos que o Presidente da República não seja levado por António Costa.

Arménio Melo

Para Daniel Faria



Sabes?
Já floriu a magnólia
Que agora explode em folhas verdes.
Traz com elas a Primavera...
Também te trouxe a ti, a Primavera, em Abril...
Mas foi egoísta... arrancou-te antes que o Verão chegasse.
Esqueceu-se, porém, que “na verde bondade de permanecer”
Te deixou connosco para sempre... para sempre...

Armando Coelho Rodrigues
Baltar, numa tarde de Maio de 2006

Sócrates: o pântano que mói a Esquerda

O pântano ou o lodo – a corrupção – invadiu as duas democracias ibéricas, destruindo, em lume brando, a credibilidade nos actores políticos do “arco do poder”. Com o mal dos outros, podemos nós bem. O que mói a Esquerda, em Portugal, são os casos Sócrates e Pinho, embora a Direita não possa atirar pedras ao telhado dos vizinhos.

Quem chegar a Portugal por estes dias e acompanhar as notícias pensa que a classe política portuguesa é corrupta e nos partidos apenas se salvam alguns; sim, esses que exigem condenações antes de os visados serem ouvidos na justiça e nos inquéritos para onde eles próprios os convocam.

Pressionados ou com medo de serem acusados de cumplicidade com os alegados corruptos, alguns dirigentes partidários fazem declarações impensadas que depois são exploradas pelos jornalistas que fazem delas tema de debate interminável e de opinião sustentadamente falaciosa.

Sim, mas querem que o povo acredite nos altos dirigentes e ministros socialistas? Se nada viram nem suspeitaram, ou foram ingénuos, ou crédulos ou demasiado cegos pela obediência ao partido para não se aperceberem o que acontecia.

Durante a maioria de Sócrates nem foram exigentes, nem cautelosos na prossecução do interesse público.

O caso José Sócrates reúne todos os ingredientes para ser classificado como a “telenovela” do século. Envolve problemas com a Justiça; actos imputados ou suspeitos que são, na sua essência, dignos de uma estrutura criminosa mafiosa (os quais ainda não foram objecto de acusação, muito menos de condenação, pelo que vigora aqui a presunção da inocência a favor do ex-Primeiro-Ministro); dinheiro e entregas de dinheiro entre amigos, com a colaboração do motorista;

vida de luxo, em Lisboa e em Paris; mulheres e jornalismo.

Ele continua inocente do ponto de vista judicial: mas na política não é necessário apenas combater os delinquentes. Devemos dizer sem equívocos que houve um primeiro-ministro cujos comportamentos éticos enlamearam Portugal.

UM ARCO DE CORRUPÇÃO

José Sócrates, Manuel Pinho, Armando Vara, Oliveira e Costa, Duarte Lima, Dias Loureiro, Passos Coelho são nomes do arco do poder que estão contaminados por acusações de corrupção e comportamentos fraudulentos, alguns deles condenados, outros acusados, mas todos metidos no mesmo lodo que não deixa respirar a ética política.

No lote dos condenados, o caso mais impenetrável é o de Oliveira e Costa. Condenado a 14 anos de prisão, ainda não foi preso. Presidiu ao BPN, foi responsável pela maior burla da história da Justiça portuguesa julgada até ao momento. Apesar de julgado e condenado, continua tranquilamente em liberdade, mantém todos os seus privilégios e nem sequer devolveu um único euro do prejuízo que provocou aos portugueses.

Enquanto se exigem explicações por parte da Justiça, do lado de lá da fronteira, Eduardo Zaplana foi detido nos últimos dias por alegados branqueamento de capitais e crime fiscal.

Trata-se do ex-presidente (só chegam às malhas da Justiça quando são ex e o povo começa logo a duvidar!) da Comunidade Valenciana e ex-ministro de Trabalho.

Este dado obriga os estudiosos a actualizar o legado do pântano de José Maria Aznar: doze dos catorze ministros que formaram o seu Governo, em 2002, estão acusados, presos ou implicados em casos judiciais escabrosos.

Mas situemo-nos no nosso cantinho, agora que o PS e as suas altas individualidades decidiram expressar agora os seus estados de alma sobre as acusações a José Sócrates ou Manuel Pinho, após um silêncio de mil dias.

É preciso encontrar as causas que permitiram ao PS viver este tempo atrás de uma cortina de falsidade e irrealismo, onde ninguém sai bem na fotografia. Nem o jornalismo, nem a política.

O PS enclausurado nos dogmas da justiça viu-se impedido fazer autocritica, como aconselhou tantas vezes Ana Gomes, a propósito de Paulo Portas, de Passos Coelho (Tecnofarma) José Sócrates e Manuel Pinho.

De facto, não foi a necessidade ética que calou o silêncio. Foi a percepção pela opinião pública e publicada de um PS que liderou o país através de um mitómano com estilos de vida pouco socialistas. Foi a revelação de Manuel Pinho receptor de uma “avença” de Ricardo Salgado que lançou um manto de suspeita geral sobre esse governo socialista. Deixou de ser uma pessoa apenas. O povo percebe que há mais socialistas capazes de vender a ética por um prato de lentilhas.

O megalómano Sócrates era uma vergonha. A avença do ministro dos “corninhos” confirma o pântano e os socialistas vivem mergulhados no lodo...

É evidente que o PS não é responsável pelos actos praticados por um ou mais dos seus dirigentes. Nem os ministros que integraram o governo de Sócrates podem ser culpabilizados por crimes pelos quais o tribunal venha eventualmente a condenar José Sócrates.

JUSTIÇA PARA POBRES E JUSTIÇA PARA RICOS

Era impossível continuar a dizer à Justiça o que é da Justiça, à política o que é da política, António Costa e os seus pares não po-

diam ficar calados quando um dos seus antigos ministros recebia todos os meses um cheque chorudo de um banqueiro pérfido depois de ter jurado servir a República e o país em nome do PS.

Subitamente, a classe política parece preocupar-se com a corrupção: Presidente, Governo, PSD, Bloco, PC. Se a preocupação for genuína, é uma boa notícia e aguardamos, ansiosos, os resultados do combate anunciado: julgamentos, demissões, recuperação de bens para o Estado... Mas se a preocupação é simulada e visa apenas baixar a pressão sobre uma classe política enredada na corrupção - estamos a assistir a mais um branqueamento dos amigos corruptos.

O PS falou porque foi obrigado a falar. Os seus responsáveis disseram o que disseram não tanto por convicção (para isso há que ouvir Ana Gomes ou Manuel Alegre) mas porque não tinham alternativa. É caso para dizer que mais valia ter estado calado ou que a emenda foi pior que o soneto.

Com uma agravante. A situação não era nova. Armando Vara, condenado em 2014 a cinco anos de prisão efectiva, continua à solta, já lá vão quase cinco anos. Tornou-se assim o símbolo vivo do que de pior e de melhor tem a Justiça portuguesa: uma Justiça independente, porque condenou um ex-ministro, banqueiro e empresário todo-poderoso; mas também uma Justiça demorada ou mesmo ineficaz porque, apesar de o sentenciar a prisão efectiva, parece não conseguir prendê-lo.

Esta incapacidade conduz-nos à percepção que o povo tem – e é isso que vale em política – de uma Justiça para pobres e outra para ricos e poderosos.

Recentemente, mais uma notícia confirma esse sentimento popular. Manuel Pinho e Miguel Barreto já não são arguidos porque o juiz de instrução deu razão às defesas daqueles ex-re-

sponsáveis públicos que arguíram a nulidade por razões formais.

A nulidade da constituição de Manuel Pinho como arguido, deve-se ao facto de ele não ter sido informado dos factos pelos quais era suspeito no “Processo da EDP”. Em julho de 2017, o antigo ministro da Economia do governo socialista chefiado por José Sócrates viu-se envolvido no processo que investiga os negócios no setor da Energia (cf. www.observador.pt/2018/05/18/manuel-pinho-ja-nao-e-arguido-no-caso-edp/).

Em causa está o decreto-lei dos CMEC, publicado em 2004, (um parecer da ERSE frisou que estes contratos aumentavam “a receita dos produtores” e da REN face aos CAE, “à custa dos consumidores”

(cf. <https://www.publico.pt/2018/05/01/economia/noticia/manuel-pinho-e-os-contratos-que-deram-2500-milhoes-a-edp-em-dez-anos-1815883>).

A corrupção é um flagelo que corrói as sociedades democráticas e afasta os cidadãos da participação política, porque gera desconfiança nas instituições democráticas. Portugal não é um país de corruptos como provam os dados oficiais sobre acusações de casos de corrupção que chegam a tribunal. É essa a esperança que temos no futuro.

A terminar: uma pergunta. Porque razão os órgãos fiscalizadores do governo, desde logo, o Parlamento, mas também os jornalistas e o Tribunal de Contas não descobriram os crimes de que agora José Sócrates é acusado e Manuel Pinho é suspeito?

Por muito que custe ao PS, está na hora de tirar o lixo debaixo do tapete. Quanto aos outros partidos, também chegou a hora de pegarem na vassoura, a avaliar pela polémica das ajudas de custos e viagens que quase duplicam o vencimento.

Costa Guimarães

PASSA-SE

**LOJA DE
OURIVESARIA
EM MELGAÇO**

**CONTACTO:
TEL. 251 400 100**

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676

**SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES**



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

A linda idade de 72 anos Há 46 que faleceu o nosso fundador!



Foi com data de 30 de Maio de 1946, dia da Ascensão e feriado municipal, que saiu o primeiro número de «A Voz de Melgaço». O grande inspirador e principal responsável do aparecimento do jornal foi o então jovem pároco de Rouças e arcepreste, padre Carlos Vaz.

Desde o princípio que o jornal esteve ligado às grandes causas do concelho e do país. Durante mais de 25 anos, enquanto o padre Carlos viveu, distinguiram-se, pelo relevo dado, as obras de Santa Rita, os problemas do Hospital, o problema dos emigrantes indocumentados e impossibilitados de vir a Portugal e de levarem sua esposa e filhos para junto de si.

De uma dessas causas, a dos emigrantes e de Santa Rita, é prova esta foto que o Carlos Cardoso, do lugar da Aldeia, em Rouças, e a residir em Braga, me cedeu para com ela testemunhar esse encontro de há precisamente 50 anos, em Pas de Calais, junto ao mar, a uns 120 quilómetros de Paris. Meu tio estava a realizar mais uma visita a França para, junto dos emigrantes, angariar fundos para o pagamento das obras de Santa Rita. A foto foi tirada com uma máquina do Carlos, tendo como fundo um edifício que era «La Cigogne», a Cegonha, um supermercado de então. Singularmente, o nome do supermercado condizia bem com o que se passava com a Maria Fernandes, a jovem esposa do Carlos, que aguardava o que seria o primeiro filho, o Henrique. No regresso a Portugal, foi o padre Carlos que contou a novidade à Edite, a irmã da Maria e, por ela, naturalmente, à restante família.

Recordamos estes acontecimentos, porque mostram a marca indelével que deixaram nas pessoas com quem o Padre Carlos contactou.

Obrigado, amigo Carlos, pela feliz lembrança!

Cônsul Carlos Pereira de Lemos no Clube Portuense

Foi uma honra receber o convite do senhor Cônsul Honorário Carlos Pereira de Lemos, para o acompanhar num almoço, no Clube Portuense do Porto, no passado mês. Estava acompanhado pela sua mulher Molly de Lemos, ambos de visita a várias cidades do norte do país.

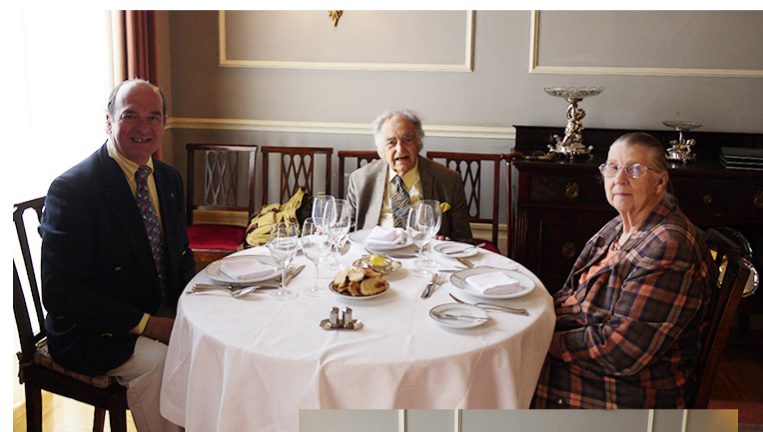
Este prestigiado melgacense, tendo muito recentemente sido condecorado com a “Ordem da Austrália”, esteve mais uma vez de visita ao norte do país, com a sua mulher Molly de Lemos.

É notável essencialmente o seu espírito aberto, aliado a uma jovialidade nos seus inacreditáveis 92 anos. Faz inveja a muitos novos. É espantoso o percurso deste minhoto que muito jovem, partiu da sua terra, rumo a outros mundos, onde deixou uma marca indelével de prestígio para com o nosso país, não esquecendo a sua pátria e as suas origens.

O último reconhecimento ao seu perfil, foi dado muito recentemente pelo governo australiano, já que no início deste ano, recebeu a prestigiada “Ordem da Austrália”, condecoração esta atribuída pelo seu mérito e pelo comportamento ético, o que no caso de um emigrante é extremamente significativo.

O Doutor Carlos Pereira de Lemos, já tinha tido o reconhecimento pelo seu trabalho no longínquo país australiano, em 2002, pelas entidades portuguesas. Nesse ano, o Presidente da República Jorge Sampaio, atribuiu-lhe a “Ordem de Mérito”. Também o governo de Timor, atribuiu-lhe a “Ordem de Timor”, em 2015. Em Dili, o Presidente, Taur Matan Ruak, atribuiu-lhe essa “Ordem”, como prova de reconhecimento pelo empenhamento e modo, como defendeu os direitos dos portugueses e dos timorenses que procuraram refúgio naquele país.

Para além destas atribuições de grande mérito, deve-se assinalar o seu empenhamento no monumento erigido em Warrnambool, em memória dos portugueses que ali



passaram nas suas caravelas. Esse monumento é um local de culto para os muitos portugueses que ali realizam todos os anos um festival. Tem também o seu nome numa das ruas desta cidade australiana.

Ainda muito recentemente o Secretário de Estado das Comunidades, José Luís Carneiro, o distingui na reunião mundial dos cônsules honorários de Portugal, realizada em Monção, destacando-o como um verdadeiro “primus inter pares”, homenageando todo o seu trabalho.

Em excelente artigo, Manuela Aguiar, que já ocupou o cargo de Secretária de Estado das Comunidades, em governos anteriores, escreveu no passado mês neste jornal, o trajecto deste ilustre minhoto que tive o prazer de conhecer pessoalmente, na apresentação da sua biografia em Melgaço.

Não posso deixar de referir o seguinte: sempre que se desloca ao nosso país, não deixa de me falar, o que muito me honra, pois na sua simplicidade é um homem com uma vivência neste mundo fantástico e um conversador que muito aprecio.

Falou-me nesse almoço de um outro nosso amigo comum, o Manuel Novaes Cabral, Presidente, do Instituto do Vinho do Douro e Porto, que infelizmente não pôde estar presente no nosso almoço, pois encontrava-se nesse dia em trabalho no Douro.



O almoço no Clube Portuense, foi magnífico. O ambiente, a comida e apresentação sublime, a atenção de que nada possa falhar por parte dos funcionários, sem perturbar ou serem excessivos nas atenções, é um cenário difícil de encontrar nos melhores restaurantes. Para terminar, como não poderia deixar de ser para honrar a cidade, impunha-se beber um vinho do Porto. Este foi saboreado com uma boa “cachimbada” do doutor Carlos Lemos, no seu inseparável cachimbo, e eu a fumar a habitual cigarrilha, não poderia ter melhor fim.

Fiquei surpreendido na despedida, com a frase que me dirigiu: “então até qualquer dia”! Só me resta desejar ao doutor Carlos Lemos a continuação de boa saúde, jovialidade e força para viver, para continuarmos daqui a dias a conversar.

Cá o espero, com a companhia da sua simpática mulher Molly. Obrigado e um abraço,

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Sabores Castrejos
de Judite Rodrigues

Sabores Castrejos
Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

TE: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com

Siga este símbolo para encontrar o
nosso fumeiro em
portelinha - castro Laboreiro

Mosteiro de Fiães Apresenta Exposições Bento, Bernardo e Cister- Três Pilares da Construção Europeia; 40 Anos da Diocese de Viana do Castelo

Em Melgaço peregrinamos pelo tempo longo da história, da antropologia, da arte, da música e da mística.

Comungamos o legado cisterciense "ORA ET LABORA" e assimilamos o texto de Dom Maur Cocheril:

"Quando os monges, durante séculos e séculos, impressionaram

a memória do coração, e ainda que é fácil recordar para quem tem memória, bem como esquecer é difícil para quem tem coração.

Percorrendo a alameda de carvalhos centenários, plantados pelos religiosos cistercienses, e no imaginário luminoso vieram ter conosco os monges anciãos que viveram no Mosteiro de Santa Maria de

cristã muitos povos".

O convite para a jornada memorável partiu do Arciprestado de Melgaço e da Coordenação da Rota Cisterciense Alto Minho- Galiza.

A torre de menagem da Vila raiana e o campanário da igreja matriz sinalizavam o centro histórico melgacense, testemunhando as vivências.

D. Anacleto Oliveira, Bispo da Diocese de Viana do Castelo e a presença do Dr. Manoel Batista, Presidente da Câmara de Melgaço acompanhado pela vereação municipal, constatando-se ainda a presença de várias individualidades de instituições melgacenses e galegas.

O monge Luís Alvarez, do Mosteiro de Santa Maria La Real

la Professional e Artística do Alto Minho, executando uma partitura anónima de 1684.

Na primeira intervenção, usou de palavra o P. João Paulo Vieira, Arcipreste de Melgaço, referenciando a efeméride e o alcance das comemorações.

Revelou, ainda, a publicação de um livro, com registos de patri-



com a sua marca uma terra, ainda que não ficasse da moradia dos monges senão uma pedra que se desagrega, senão um grão de areia que se esboroa, a pedra, a areia falam dos monges.

Mesmo que a pedra e o grão de areia por seu turno desaparecessem, a terra a velha e nobre terra, a terra sobre qual os monges se debruçavam, o vale em que rezavam, as árvores que plantaram continuariam a falar deles.

Porque, durante séculos e séculos os monges impressionaram com a sua marca uma terra"

ALAMEDA DE CARVALHOS CENTENARIOS

Decalcamos pegadas dos antigos monges beneditinos (negros) e dos monges cistercienses (brancos), e recordamos que a gratidão é

Fiães, num verdadeiro acolhimento dos hóspedes, conforme o capítulo LIII da Regra de São Bento.

Entramos nos lugares da memória, procurando sentir a alma dos lugares, num território ermo e com a abundância de água cristalina e fria.

Os conjuntos monacais foram centros de cultura, de arte e de erudição, onde se viveu e vive a fé genuína, a simplicidade e singeleza.

PADROEIRO DA EUROPA

Para avaliar a importância da ação civilizadora dos monges da Regra de S. Bento, é de sublinhar que o Papa Paulo VI declarou S. Bento de Núrcia padroeiro da Europa, em 24 de outubro de 1974.

"Com a cruz, as letras e o arado, por si mesmo e pela ação dos seus filhos, atraiu à civilização

As pedras seculares dos monumentos são boas testemunhas da história de vidas e dos acontecimentos memoráveis.

Olhávamos a dinâmica cultural do dia 4 de maio e percebíamos que a história teria boas testemunhas altaneiras e as narrativas ficariam para o futuro, assinalando "memória e projeto".

O programa definido era resultado de reflexões culturais e pastorais.

Os grandes objetivos eram comemorar os 40 anos da fundação da Diocese de Viana do Castelo e consolidar o Projeto Rota Cisterciense Alto Minho- Galiza.

NA CASA DA CULTURA

Os atos celebrativos iniciaram-se na Casa de Cultura de Melgaço e mereceram a presidência de

de Oseira, apresentou a exposição "Os Céus Proclamam a Glória de Deus".

O artista/autor elucidou os presentes introduzindo-os na beleza do espaço cósmico.

Exposição itinerante dos 40 anos da Diocese de Viana do Castelo mereceu olhares demorados.

O grande objetivo desta exposição é mostrar a Diocese e dar a conhecer as suas raízes, história e a cultura do território que habitamos.

MOSTEIRO DE FIÃES IRRADIANTE

Subindo para uma altitude de 700 metros, na igreja de Santa Maria de Fiães realizou-se uma sessão solene presidida por D. Anacleto Oliveira.

Após um momento musical pelo Quarteto Aresbrasso, da Esco-

mónio artístico do arciprestado, esperando merecer a colaboração do município melgacense.

Na sequência da sessão, usou de palavra Dr. José Rodrigues Lima que assinalou datas históricas do Mosteiro de Fiães e dissertou sobre os objetivos da Rota Cisterciense do Alto Minho- Galiza.

O Dr. Manoel Batista, Presidente da Câmara, teceu uma síntese histórica dos 40 anos do arciprestado, nomeando todos os párocos que exerceram o ministério pastoral naquele período, bem como os bispos que estiveram no governo da diocese.

Manifestou sentido reconhecimento pela elevada qualidade do evento. Acentuou, com ênfase, a criação da Associação Rota Cisterciense do Alto Minho- Galiza.

O irmão artista Luís Alvarez sublinhou aspetos da exposição "BENTO, BERNARDO, CISTER- TRÊS PILARES DA CONSTRUÇÃO EUROPEIA" que seria inaugurada naquela tarde, numa ala da igreja monacal de Fiães.

A PALAVRA DE D. ANACLETO OLIVEIRA

Encerrou a sessão solene D. Anacleto, Bispo da Diocese, que felicitou o arciprestado pelo empenho colocado na organização de um programa criativo e relevante, distinguindo-se nos acontecimentos da vida diocesana.

Sublinhou a reorganização pastoral do arciprestado com a criação das Unidades Pastorais Beato Frei Bartolomeu dos Mártires e Beato Paulo VI, assinalando perspectivas exigidas devido a tempos novos.

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Frisou que as paróquias não poderão fechar-se em si mesmas. Estamos a iniciar um período novo na nossa diocese.

A sessão solene foi encerrada de modo brilhante com a partitura de L.V.Bethoven (1770-1827), executada pelo grupo Norte Quartet da referida Escola Profissional Alto Minho (Fundação da Átrio da Música- Viana do Castelo).

Os grupos musicais referidos fazem parte de uma geração de instrumentistas com lugar de prestígio em orquestras nacionais e estrangeiras. As visitas às exposições foram acompanhadas por intervenções rigorosas do monge Frei Luís Alvarez e pelos párocos presentes.

Walter Osswald, apaixonado pelos cistercienses.

"CISTER É UM ENORME ACONTECIMENTO EUROPEU"

A ação civilizacional revelou a sua grande utilidade. Os monges eram peritos na agricultura, na criação de gado ovino, metalurgia do ferro, hidráulica, piscicultura e ensinavam as referidas atividades aos trabalhadores rurais e artífices.

A arquitetura cisterciense pode ser sintetizada em duas palavras: "granito e luz". A arte é, sem dúvida, "epifania do mistério".

A beleza da arquitetura ao reler a obra "Beleza: uma nova espiri-

OBJETIVOS DA ROTA CISTERCIENSE:

- Dar visibilidade ao património material e imaterial;
- Concretizar leituras multidisciplinares na Rota Cisterciense;
- Reconhecer o valor dos conjuntos monacais no desenvolvimento do turismo cultural e religioso;
- Lançar um olhar humanista e místico sobre 900 anos de História;
- Dar um contributo para o Itinerário Cultural Europeu dos Caminhos de Cister;
- Valorizar o legado "ora et labora";
- Ligar o Vale do Minho pela montanha, contribuindo para o seu desenvolvimento;

ços antigos entre os cistercienses do Alto Minho e Galiza.

BIOGRAFIA DO MONGE LUÍS

O Irmão Luís Alvarez nasceu em Madrid em 1946.

Dedicou-se à decoração comercial vivendo em Londres, e aí buscando novos horizontes no mundo da moda.

Descobriu a Comunidade Monacal de Oseira em 1975, dedicando-se à atividade literária de carácter íntimo.

Em 1980 inicia a sua fase de exposições no grande refeitório monumental do mosteiro, obra do século XVI.

podemos contemplar maravilhosas telas envolvidas pelo silêncio, ora quebrado pelo timbre da sineta ou pelo canto das aves nas granjias.

CARTA EUROPEIA DAS ABADIAS E SÍTIOS CISTERCIENSES

Faz parte do Projeto Rota Cisterciense Alto Minho- Galiza inscrever-se na carta Europeia das Abadias e sítios Cistercienses, fazendo ainda parte do Itinerário Cultural do Conselho da Europa.

Pela arte e pela cultura seguindo a Rota Cisterciense e enobrecendo o nosso tecido histórico- cultural, "ONDE O PASSADO ENCONTRA O FU-



"A expansão Cisterciense nos séculos XII e XIII continua a constituir um fenómeno desafiador de interpretação", de acordo com

tualidade da alegria de viver", do escritor monge Bedenitino Anselmo Grun, apreciador da "beleza" de F. Duestoiewski.

- Fortalecer os laços transfronteiriços, tendo referências memoriais e registos raianos;
- Constatar a existência de la-

Em 1990 apresenta uma grande exposição comemorativa de S. Bernardo. No ano seguinte, 1991, cria obra artística assinalando a Fundação de Cister.

Seguem-se grandes projetos artísticos, sendo de referir as decorações para a Igreja da Santíssima Trindade, em Ourense.

No ano 2007 apresenta uma exposição comemorativa do Centenário de S. Rosendo de Celanova.

A sua arte "epifania do mistério", encontra-se divulgada não só na Galiza, mas também nos vários continentes, desde o Alaska até ao Sul da Austrália. No seu atelier do Mosteiro de Santa Maria de Oseira

TURO", de acordo com o Ano Europeu de Património Cultural.

Merecem referências o P.e João Paulo Vieira e o P.e Carlos Campos, da Unidade Pastoral Beato Paulo VI; e o P.e César Maciel e o P.e Raul Fernandes da Unidade Pastoral Beato Frei Bartolomeu dos Mártires, pela ação ministerial colocada nos eventos realizados.

Como nota de reportagem ninguém poderá esquecer "o alvarinho de honra" servido pelo Solar do Alvarinho, na alameda dos carvalhos plantados pelos monges.

Assim cumprimos com o legado "ORA ET LABORA".

José Rodrigues Lima

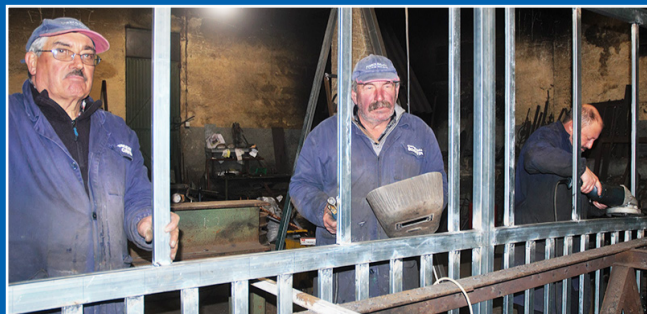
III Encontro Internacional de Abadias Cistercienses em Alcobaça

De 23 a 25 de Novembro decorrer da Casa Mãe dos Cistercienses em Portugal o terceiro encontro sob o tema: "Para além das fronteiras: o património cisterciense e a identidade cultural europeia hoje", que dentro da Rota Europeia das Abadias Cistercienses, Itinerário Cultural do Concelho da Europa e que integra 200 Abadias de 12 países (sendo 10 em Portugal) procura corresponder à crescente demanda de milhares de visitantes que atravessam fronteiras para conhecer esta magnífica herança que faz parte da sua própria identidade, especialmente enquanto europeus. Dando-se ainda a coincidência de o ano 2018 ser *Ano Europeu do Património Cultural*, este terceiro encontro pretende discutir o papel dos sítios Cistercienses no conhecimento e na promoção da identidade cultural europeia no mundo contemporâneo.

O nosso prezado e distinto colaborador Dr. José Rodrigues Lima foi convidado a participar num painel dedicado às Rotas Cistercienses de carácter regional, apresentando a *Rota Cisterciense do Alto Minho-Galiza*, em 24 de Novembro, à tarde.

SERRALHARIA
BOAVISTA

DE: **Rodrigues & Sarandão, Lda**
Boavista - Rouças | Tel. 251 403 567
4960 MELGAÇO



Cubalhão em festa*

Introdução

Cubalhão está em festa, a vários títulos, todos convergentes no sentido de lhe dar maior consistência, como vamos recordar, sendo muitas as pessoas de fora da paróquia, que, numa atitude de solidariedade eclesial aqui se deslocaram, louvando a actividade conjunta do Sr. P.º Raul e dos seus paroquianos, a cujo coro também nos associamos, com muito gosto.

No centro desta iniciativa festiva, está a inauguração das obras de restauro da igreja paroquial, a que deverá corresponder a renovação espiritual de quantos contribuíram e a ela se dirigem no cumprimento dos seus deveres religiosos. Todos merecem o nosso aplauso e felicitações, acrescidas pelo facto de pretendem prepará-la condignamente para a celebração da primeira missa ou Missa Nova de um dos seus filhos, o Diácono Tiago Rodrigues, que, amanhã, dia 15, será ordenado, na Sé de Viana do Castelo, e, no dia seguinte, aqui celebrará a Missa Nova.

A estes dois motivos, que seriam suficientes para Cubalhão estar em festa, poderemos acrescentar mais duas circunstâncias plenas de significado, que se impõe salientar: - sendo a primeira, naturalmente, a colocação de uma imagem do Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires, cujos 500 anos do seu nascimento passaram em 3 de Maio e continuamos de comemorar, a ele se devendo a erecção canónica desta paróquia ou freguesia, bem como da de Couso, durante os seus quase 23 anos como Arcebispo de Braga. O descerramento da sua imagem junto da igreja desta paróquia por ele instituída, constituirá, por isso, um autêntico preito de homenagem e gratidão, na expectativa da sua próxima canonização. E o carinho do Santo Arcebispo por esta paróquia do Alto Minho, então, muito pobre, levou-o a dotá-la com uma cruz processional, que ainda conhecemos e, lamentavelmente, desapareceu, igual ou muito semelhante à que ainda existe em Parada do Monte, hoje aqui exposta.

Neste momento, impõe-se corrigir a data da criação das paróquias de Cubalhão e de Couso, que num inventário do Mosteiro de Paderne, conservado na Torre do Tombo, é de 1567. Nós próprio a divulgámos, em dois artigos publicados n' *A Voz de Melgaço*. Tempos depois, verificámos que tem de ser posterior a 1572, dado que, em 7 de Março de 1572, D. Frei Bartolomeu dos Mártires assinou o despacho da petição inicial do processo de licenciamento da capela de Santo Antão, construída na aldeia de Couso, aí se dizendo, claramente, mais de uma vez, que é da freguesia de Paderne. Daqui se concluindo que a data de 1567, está errada. Até agora não se descobriu a data exacta, que todos gostaríamos de conhecer, devendo-nos conformar com a certeza de que é poste-

rior a Março de 1572, o mesmo se devendo afirmar em relação à de Cubalhão. Entretanto, não se afigura ousado admitir que possam ser da segunda metade desse ano ou erectas na sequência da visita que o «Santo» Arcebispo, então, fez a Melgaço, incluindo o Mosteiro de Fiães, que foi impedido de visitar.



Imagem do Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires - Cubalhão.

- A segunda pretende, apenas, observar que a ordenação presbiteral do diácono Tiago Rodrigues, intimamente ligada ao projecto das obras de restauro da igreja e do ambiente festivo que a rodeia, ocorre quase 103 anos depois da ordenação do último sacerdote natural desta freguesia - o P.º José Custódio Domingues -, em 12 de Novembro de 1911.

É possível que a informação constitua novidade para os mais novos, que não o conheceram. Se o evocamos, aqui, na véspera da ordenação sacerdotal do diácono Tiago Rodrigues, é para recordar o que várias vezes lhe ouvimos: - *Naquele tempo, para alguém se ordenar era preciso ser herói: a perseguição era muita.*

Esta afirmação ganharia outro vigor, se houvesse tempo de descrever o contexto em que ela se enquadrava.

Hoje não há perseguição política declarada, mas é necessário estar alerta contra muitas outras dificuldades, susceptíveis de comprometerem a missão do sacerdote, mas, com a ajuda de Deus e de Nossa Senhora, não há lugar para medo.

Que o Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires, fundador do nosso Seminário de Braga e que tanto pugnou pela reforma espiritual do clero também te acompanhe e proteja.

A imagem do Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires aqui permanecerá, não só a lembrar que a criação da paróquia é fruto da sua solicitude pastoral, proporcionando aos habitantes desta zona condições para mais comodamente cumprirem os seus deveres religiosos, mas também

como ponto de encontro e de oração, pedindo a Deus a graça da sua canonização, que será mais assídua e fervorosa à medida com que for conhecida a sua vida e a dedicação com que, durante quase 23 anos, serviu o povo das mais de 1200 paróquias que a Arquidiocese então contava, desde o Atlântico e rio Minho até à zona de Freixo de Espada à Cinta, nos finais do século XIX, integrada na diocese de Bragança.

No fim desta celebração, não há tempo nem condições para fornecer uma visão satisfatória do que foi a sua acção pastoral, enquanto exerceu as funções arquiépiscopais e o exemplo de vida religiosa e de acção caritativa nos últimos anos vividos no Convento de S. Domingos, em Viana do Castelo, cuja construção tinha iniciado, antes de partir para a última sessão do Concílio de Trento, em que tão activamente participou, e salientar a sua actuação pastoral nas paróquias do actual arceprelado de Melgaço.

Mesmo assim, convirá deixar algumas informações sobre a sua biografia e acção pastoral:

Síntese biográfica

Como afirmámos, centraremos a nossa atenção, especialmente, nos cerca de vinte e três anos, em que o nosso homenageado governou a extensíssima Arquidiocese de Braga¹, «com mais de mil e duzentas paróquias»², mas nem por isso poderemos omitir breves notas biográficas, anteriores à elevação ao sólio metropolitano de Braga, como já tivemos oportunidade de fazer noutras ocasiões.

Filho de Domingos Fernandes e de Maria Correia, Bartolomeu nasceu em Lisboa, na Rua da Tanoaria, da freguesia dos Mártires - topónimo que ele integraria no seu nome de religião, assim evocando, permanentemente, os Santos Mártires de Lisboa: Veríssimo, Máximo e Júlia -, no dia 3 de Maio de 1514³. Em 11 de Novembro de 1528, com catorze anos de idade, entrou no noviciado do Convento de S. Domingos da cidade natal, aí vindo a professar, em 20 de Novembro de 1529. Nos anos seguintes aplicou-se, intensamente, aos estudos aí ministrados e nos finais de 1532, perante o capítulo da Ordem, reunido em Guimarães, defendeu *conclusões de filosofia*, que o habili-

¹ Desde a eleição, em 27 de Janeiro de 1559, até à aceitação da resignação, em 22 de Fevereiro de 1582, decorreram 23 anos e quase um mês, mas o período de governo efectivo foi um pouco menos.

² A menção deste número de paróquias consta da carta, datada de Tomar, em 5 de Maio de 1581, enviada por D. Frei Bartolomeu dos Mártires ao papa Gregório XIII, pedindo-lhe que se dignasse aceitar a sua resignação (ROLO, P. Fr. Raul de Almeida, A renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Teologia e História, in *Revista de História das Ideias*, vol. 9, Coimbra, Faculdade de Letras, 1987, p. 180.

³ DE MARTYRIBUS, Bartholomeus, *Theologica Scripta*, I, Cura et studio P. Fr. Raul de Almeida Rolo O. P., Bracarae, 1977, pp. 23-24. Obra 6 vols., publicados entre 1973 e 1977.

taram a prosseguir a sua preparação científica até à conclusão dos estudos teológicos, em 1538, tendo passado, de imediato, à categoria de leitor de Artes, no Colégio de Lisboa.

O *curriculum* académico, com tanto brilho iniciado, apontava, claramente, para a aquisição do grau de doutor, para o qual, em 17 de Abril de 1542, iniciou, no Convento da Batalha, uma longa preparação, com o magistério da teologia, continuado em Évora e em Lisboa. Além da docência, que lhe estava confiada, prosseguiu a investigação nos domínios da Teologia e onze anos depois, apresentou-se perante o Capítulo Geral da Ordem, reunido em Salamanca, onde, em 17 de Maio de 1551, prestou provas públicas, tendo-lhe o magno júri atribuído o grau de doutor e a promoção a Mestre em Teologia, fundamentando a sua decisão nos conhecimentos revelados, na «*destreza de engenho*» e confiando «de vossa religião, inteira e sã doutrina, e de vossa observância e devoção e zelo para defenderdes a Santa Fé Católica».

Ficava, assim, credenciado, ao mais alto nível, para continuar a docência, tendo-lhe sido confiadas, posteriormente, também as nobres funções de preceptor de D. António Prior do Crato e de Prior de S. Domingos de Benfica.

A sua vida de religioso, mestre e conselheiro seria profundamente alterada após o falecimento do arcebispo D. Frei Baltasar Limpo, que tinha participado na segunda fase do Concílio de Trento. Tendo a rainha D. Catarina, regente do Reino, procurado obter o seu consentimento para o poder indigitar como arcebispo de Braga, resistiu sempre a tal pressão e só acedeu, em 8 de Agosto de 1558, por imposição do Provincial, Frei Luís de Granada, que o intimou a aceitar, por obediência e sob eventual pena de excomunhão.

Enviada a proposta para Roma, no consistório realizado na Basílica de S. Pedro, em Roma, no dia 27 de Janeiro de 1559⁴, foi provido pelo Papa Paulo IV no Arcebispado de Braga - vago por morte de D. Frei Baltasar Limpo -, tendo-lhe sido concedido o pálio de metropolitano, no dia 6 de Março seguinte.

A ordenação episcopal, porém, só teria lugar, em 3 de Setembro de 1559 - mais de um ano depois da aceitação -, na igreja de S. Domingos de Benfica, em Lisboa, celebração presidida pelo bispo de Coimbra, D. João Soares, coadjuvado pelos bispos D. Pedro, titular de Hipona, e D. João d'Alva, bispo de Portalegre, cabendo ao arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Meneses Coutinho e Vasconcelos, a função de lhe impor o pálio arquiépiscopal, como consta da respectiva acta⁵.

Poderíamos afirmar que termina aqui a primeira fase da biografia do religioso dominicano, Frei Bartolomeu dos Mártires, mas, apesar de ter sido elevado à dignidade de arcebis-

po de Braga e Primaz das Espanhas, a sua determinação de continuar a viver segundo o espírito em que tinha sido formado e vivera, durante trinta e um anos, na Ordem de S. Domingos, ficou expressa num pequeno texto, em que, no mesmo dia da ordenação episcopal, formulou os seguintes três «protestos»:

- de usar correctamente os bens e rendas da Igreja, não vivendo em magnificências, nem enriquecendo os seus familiares ou fazer fortuna pessoal;

- que só aceitou o episcopado por obediência;

- que os visitantes da Ordem o *visitassem*, pois esperava não cair na enorme cegueira de desprezar as observações que houvessem por bem fazer-lhe⁶.

Estes «protestos» revelam alguém com uma nova mentalidade, no seio da Igreja e do episcopado, contrastante com o que se passava em Portugal e no seio da Cristandade, que ele bem conhecia, e permitem compreender melhor, que, a partir de então, a sua vida e obra, isto é, toda a acção pastoral, são, verdadeiramente, indissociáveis.

Poucos dias após a ordenação episcopal - em 3 de Setembro de 1559 -, o novo prelado, partiu para Braga, em 22 desse mesmo mês, tendo entrado na cidade primaz, que lhe estava confiada, sem qualquer pompa, no dia 2 de Outubro⁷, e logo se dedicou ao múnus da pregação, durante todo o Advento, deixando de lado «as flores da retórica, explicações agudas e conceitos levantados, que servem lá (na Corte) *pera orelhas delicadas e entendimentos mimosos*», como diz Frei Luís de Sousa, mas socorrendo-se, antes, de «*temas chãos e entendimentos mimosos pera os penetrar e fazer efeito a doutrina medicinal...*»⁸. E não tardou a iniciar as visitas pastorais, sendo uma das mais importantes e minuciosas a feita à Sé, cuja extensa acta ficou concluída, em 30 de Dezembro de 1560⁹. Começou, assim, a tomar contacto directo com a situação religiosa e a realidade social diocesanas, nomeadamente, com a falta de instrução religiosa dos fiéis, o estado do clero e dos mosteiros e o perigo de difusão de doutrinas erróneas, etc.

Reorganização paroquial

O conhecimento directo que tinha da situação paroquial de Melgaço levou-o a fazer alterações importantes no plano administrativo, pois, as três paróquias - Santa Maria da Porta, coincidente com a cerca do castelo, e as duas confinantes com a muralha, S. Facundo e Santa Maria do Campo - que não faziam sentido, integrou-as na primeira, que ainda hoje subsiste. Por sua vez, o extenso couto do Mosteiro de Paderne, cuja igreja

⁶ *Bracara Augusta*, vol. 42, pp. 303-532. No sumário desta extensa acta aparece a indicação de 1559, no termo, figura por extenso: «De mil quinhentos e sessenta», pela qual optámos.

⁷ *Theologica scripta*, I, p. 29*.

⁸ SOUSA, Frei Luís de, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Introdução de Anibal Pinto de Castro. Fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Anibal Pinto de Castro, Lisboa, IN-CM, 184, pp. 73-74.

⁹ *Bracara Augusta*, vol. 42, pp. 303-334.

servia de paroquial, não respondia às necessidades concretas dos moradores das aldeias mais afastadas, existentes dentro dos limites desse antigo couto, que remontava a 1141. Decidiu, por isso, criar as freguesias de Couso, onde tinha sido erecta a capela de Santo Antão, que passou a patrono celeste, e a de Cubalhão, dedicada a Nossa Senhora, posteriormente designada *da Natividade*.

Nas medidas de reorganização pastoral, quer de união, quer de desmembramento de freguesias ou paróquias a que procedeu em Melgaço, tanto quanto se sabe, não houve qualquer oposição ou diferendo, ao contrário da oposição que o Prelado encontrou da parte da Câmara de Viana da Foz do Lima por causa da criação da freguesia de Monserrate e da construção da respectiva igreja paroquial, finalmente decidida por sentença de 11 de Janeiro de 1577, como demonstrou e documentou o P.^o Dr. Manuel António Fernandes Moreira¹⁰. Também não foi pacífica, por parte do Cabido a criação da vigararia de Esposende, em 7 de Junho de 1566, pouco antes do início do IV Concílio Provincial Bracarense, consumando, assim, o processo de autonomia de S. Miguel das Marinhas, que se arrastava, havia décadas¹¹.

Está por fazer um estudo, à escala da antiga Arquidiocese de Braga, sobre as uniões *in perpetuum* e a criação de novas paróquias por ele efectuadas, que bem poderia ser integrado nos seus itinerários, através do Arquidiocese, durante o seu longo arquiépiscopado.

A estes casos – como simples exemplos – poderíamos acrescentar os das freguesias ou paróquias a que alterou o próprio nome, passando a ter um significado mais positivo. Assim procedeu com S. Tiago da Forca, em Famalicão, que passou a chamar-se S. Tiago da Cruz; Fonte Má, em Esposende, viria a ser Fonte Boa; S. Miguel do Inferno, em Guimarães, mudou para S. Miguel do Paraíso; Santa Maria dos Ladrões, em Vieira do Minho, transformou-a em Santa Maria dos Anjos, designações que sobrevivem. A preocupação era também retirar dessas populações alguma dimensão negativa, que, eventualmente, ainda sobrevivesse nas suas gentes e nas das redondezas.

Agora que estamos interessados na dinamização do Movimento pela sua canonização, seria importante esclarecer junto das populações da então vastíssima Arquidiocese as relações concretas e mais significativas deste Santo Prelado com cada uma delas, a fim de aí estimular, de modo mais intenso, a devoção a este Pastor exímio.

Prática da caridade

Antes de encerrarmos esta exposição, na impossibilidade de irmos mais longe, é imprescindível aludir

a um aspecto transversal a toda a vida e obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que tem a ver com a sua grande caridade e apoio prestado aos carenciados, nas crises de fome, doenças ou outras situações sociais, que não é possível inventariar, mas tão-somente referir, na generalidade.

A preocupação com os necessitados acompanhou-o durante toda a sua vida. A austeridade que observou constantemente, inclusive na fase conciliar, contrastava com a sua generosidade a favor dos necessitados – os pobres, em geral, e as órfãs. Desta sua solicitude, que continuava a alimentar em Trento, dá claro testemunho a carta que, em 22 de Setembro de 1561, dirigiu a Frei João de Leiria, recomendando-lhe encarecidamente: - «Cubra lá V. R. este inverno muito bem os nus e não deça dos duzentos mil reais», nem dos das órfãs¹². E menos de dois meses depois, em 3 de Novembro desse mesmo ano, voltava a insistir com o seu vigário-geral: - «Se V. R., quando esta ler, não tiver gastado pelo menos os duzentos mil reais e cobrir pobres nestes frios que vão, hei-me de aqueixar muito delo e chamar-lhe mais apertado que ãa certa pessoa que calo ... Por amizades humanas não dê nada: por Jesu Christo, muito. ... Por isso mande-me V.^a Rev.^a *boas novas disto e quantas órfãs são casadas, porque, como digo, não quero que poupe nada dos duzentos mil reais das órfãs*»¹³.

E na carta ao mesmo governador do Arcebispado, datada de Quarta-feira de Cinzas de 1562, afirmava: - «*Bem suspeito que Vossa Reverência se enfastiará de tanto lhe referir a diligência dos pobres, mas nisto me há-de perdoar; é meu ofício, sou despenseiro da fazenda dos pobres. Não a herdei, não a ganhei, queria-a repartir como manda seu Senhor. E porque não convém encobrir nada a Vossa Reverência, saiba que todas as novas que vêm de Braga são boas, tirando acerca dos pobres, que me escrevem que vai a cousa mui apertada para eles e também pera os Casos*». E nessa mesma carta, depois de ter procedido à distribuição das verbas para as obras do Colégio de S. Paulo e do Convento de S. Domingos de Viana, não deixou de estabelecer esta excepção: -

«... *havendo fome, cessem todas, e dê-me tudo em pão, pera que não pereçam os pobres*»¹⁴.

Estava consolidada a solicitude do Arcebispo pelos pobres e pelos doentes, que iria continuar por toda a sua vida, de que basta deixar alguns tópicos. Recordamos, de entre eles, a sua conhecida intervenção na assistência às vítimas da peste, em Braga, em 1570; em 10 de Março de 1575, recorreu ao juiz de fora, com alçada em Viana e aos Vereadores deste concelho, pedindo-lhes a cédência de algum pão, para combater a grave fome que atingia a cidade de Braga¹⁵; e do que foi a sua acção caritativa, durante os últimos anos de

vida, passados no Convento de S. Domingos, aqui em Viana, será redundante falar...

A renúncia

Quando as medidas introduzidas no sentido da reforma começavam a dar fruto, o conhecido contexto político que viria a dar origem à Monarquia Dual, os acontecimentos em que o Arcebispo de Braga se viu envolvido, nomeadamente, a oposição que teve de enfrentar, em Braga, obrigaram-no a solicitar, de novo e de maneira formal, a resignação. Não era a primeira vez que ele manifestava o desejo de ser dispensado de tão grandes responsabilidades. Por ocasião da visita a Roma, num dos encontros com o Papa Paulo IV, formulou-lhe o mesmo pedido, mas não foi atendido. Agora, a situação era diferente e, por isso, ainda durante as Cortes de Tomar, em 5 de Maio de 1581, escreveu ao Papa Gregório XIII a suplicar-lhe que aceitasse a sua resignação, o que viria a acontecer no consistório celebrado na Basílica de S. Pedro do Vaticano, em 6 de Novembro de 1581.

A notícia da aceitação da solicitada resignação, porém, só lhe chegou, em 23 de Fevereiro de 1582¹⁶, quando se encontrava em visita pastoral a Viana da Foz do Lima, onde um emissário o informou de que, na véspera, dia 22, em nome do seu sucessor, D. João Afonso de Meneses, tomara posse do arcebispado¹⁷.

Embora a conclusão deste processo não tenha sido a mais curial, D. Frei Bartolomeu dos Mártires não exigiu a apresentação de qualquer bula ou documento pontifício que legitimasse a posse do sucessor. Era a sua libertação definitiva, instalando-se, de imediato, no Convento de S. Domingos, cuja construção tinha promovido, onde passou os últimos oito anos e quase cinco meses, aí vindo a falecer, em fama de santidade, entre as sete e as oito da tarde do dia 16 de Julho de 1590, dispensando-nos de falar do que foram estes anos de vida contemplativa e de prática da caridade, nesta vila – e agora cidade – onde, reverentemente, nos curvamos perante as suas relíquias.

Conclusão

No termo desta breve síntese sobre a vida e a acção pastoral reformadora do Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires, embora metodologicamente tenhamos aludido aos momentos mais significativos dos anos anteriores à elevação ao episcopado, não hesitamos afirmar que, a partir de então, a sua biografia e a intensa actividade pastoral se identificam de tal forma que são, praticamente, inseparáveis.

Se nas décadas que precederam a ascensão à cátedra arquiépiscopal de Braga, que só aceitou por obediência e sob a pressão de eventuais sanções

canónicas, nos aparece mergulhado na profunda vivência da espiritualidade e do estilo de vida dominicanas, que se propôs continuar como prelado, após a ordenação episcopal, impressionam a celeridade e o entusiasmo com que se entregou à nova missão que lhe foi confiada, particularmente, o sentido prático com que se adaptou a transmitir a mensagem evangélica, de forma acessível às limitadas capacidades dos diocesanos a que se dirigia.

Exemplar é também o pronto sentido de obediência com que respondeu à convocatória para a terceira fase do Concílio de Trento, a reduzi-la comitiva de que se fez acompanhar e o modo como aproveitou os longos meses de espera pelo reinício dos trabalhos, podendo afirmar-se, apoiados na sua correspondência, que, no meio das intensas ocupações em que estava envolvido, continuava com o coração e o pensamento fixos nos graves problemas da sua diocese.

Igualmente modelar é o cuidado com que preparava as intervenções conciliares, socorrendo-se da vasta preparação teológica, adquirida durante o longo período de docência no Convento da Batalha, e da breve, mas rica, experiência pastoral vivida em Braga, a que o amor à Igreja e a solicitude pela necessária e desejada reforma lhe imprimiam um vigor que não podia deixar de impressionar e interpelar os Padres Conciliares, quer nos debates sobre a residência e da questão do cálice ou comunhão sob as espécies do pão e do vinho, quer em torno do Sacramento da Ordem e da selecção dos candidatos ao episcopado e ao sacerdócio. As amostras apresentadas são, verdadeiramente, elucidativas.

Não admira, por isso, que na concretização das decisões conciliares, ao regressar à sua Arquidiocese e à Província Bracarense, de que era o principal responsável, sem minimizar a acção dos respectivos prelados, agisse com a mesma determinação que o tinha feito em Trento. Em relação à sua antiga Arquidiocese, não poderemos esquecer a reunião do Sínodo com todos os dissabores que lhe causou, seguido do Concílio Provincial, cujas sequelas tão amargas lhe foram, inclusive, naqueles artigos, posteriormente, atenuados pela Santa Sé.

Em tudo isto, porém, estava patente o seu profundo amor e obediência à Igreja e o desejo e a determinação de *a ver como esposa sem mancha nem ruga, preparada para o seu Esposo*.

Tal como tinha acontecido com as mencionadas *Petitiones* ou propostas, elaboradas a pensar nos debates conciliares de Trento, também em Braga foram preteridas muitas das suas propostas, condensadas e apresentadas nos *Memoriaes*, oportunamente, referidos, que, apesar disso, continuam a ser indispensáveis para se conhecer o seu espírito de incansável reformador, marcado por esclarecido sentido humanitário e profunda sensibilidade cristã e social, bastando evocar a atenção dedicada aos enfermos e aos pobres.

Nesse sentido se integra tudo quanto fez pela reforma cultural e es-

piritual do clero, indispensável para a transformação da vida religiosa dos fiéis.

Esta paixão acompanhou-o desde a entrada na Arquidiocese, como testemunham a entrega do Colégio de S. Paulo aos sacerdotes da Companhia de Jesus; a fundação do convento de S. Domingos, em Viana, que estava em notório crescendo demográfico e aberta ao comércio ultramarino e com o Norte da Europa, com todas as consequências mentais, daí potencialmente advenientes, sem esquecermos as aulas de Casos de Consciência e o Seminário, que muitos não queriam.

E nem valerá a pena chamar à colação as conseiras das repetidas visitas pastorais, cujos itinerários conhecemos, as reformas morais e institucionais então operadas, os sofrimentos e os momentos de alegria que o contacto com os fiéis lhe proporcionaram.

Para D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o episcopado era um serviço à Igreja, não um motivo de prestígio pessoal. Sentia bem o peso da responsabilidade, que, na sua humildade, lhe parecia difícil levar a bom termo, tanto mais que, em pleno Concílio, foi tomando consciência da tremenda encruzilha que a Igreja atravessava. Não admira, por isso, que, nos encontros pessoais com o Papa Paulo IV, em Roma, lhe tenha solicitado que o aliviasse de tão grande peso.

Não tendo sido atendido, só mais de dezoito anos depois, na sequência da conjuntura política, conducente às Cortes de Tomar, de 1581, pouco antes de terminarem, aí formalizou, em 5 de Maio, o pedido de renúncia ao Arcebispado, cuja aceitação lhe foi notificada, quando, em 23 de Fevereiro de 1582, se encontrava em visita pastoral a Viana. Tendo-se recolhido, de imediato, ao Convento local de S. Domingos, aí prosseguiu o seu testemunho de vida contemplativa e de indefectível amor aos pobres, até à morte, em 16 de Julho de 1590.

Em jeito de síntese final, poderemos afirmar que, ao longo de toda a sua vida, foi um claro e permanente testemunho das virtudes que, de acordo com o concílio IV de Cartago, exigia daqueles que deveriam ser chamados ao episcopado: - «por natureza prudente, afável, regrado na sua conduta, casto na sua vida, sóbrio, compassivo, culto, instruído na lei do Senhor, cauteloso na interpretação das Escrituras».

Com estes e outros atributos a elas inerentes, de que sempre deu abundantes provas, afirmou-se como *pastor exímio*, cuja canonização todos gostaríamos de, brevemente, ver anunciada e, se possível, a ela assistir.

Impõe-se, por isso, não desperdiçar esta oportunidade providencial para dinamizar o *Movimento* pela sua tão desejada canonização.

José Marques**

¹⁰ MOREIRA, Manuel António Fernandes, Contenda surgida entre D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a Câmara de Viana por causa da erecção da Paróquia de Monserrate, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1990, pp. 33-69.

¹¹ SOARES, Franquelim Neiva, Paróquia e Vila de Esposende, in *Boletim Cultural de Esposende*, 2.^a Série, n.º 1, 2007, pp.65-156, sobretudo, pp. 86-87.

¹² SOUSA, Frei Luis de, *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa, IN-^oCM – Movimento Bartolomeano, 1984, pp.168.

¹³ IDEM, *O. c.*, p. 170.

¹⁴ IDEM, *O. c.*, pp. 178-179

¹⁵ MOREIRA, Manuel António Fernandes, *O. c.*, p. 67.

¹⁶ *Theologica Scripta*, 1, p. 45*.

¹⁷ *Bracara Augusta*, 42, p. 14. Ver também ROLO, P. Fr. Raul de Almeida, O.P., A renúncia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Teologia e História, in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1987, pp. 161-189, sobretudo, pp.180 e ss.

* Texto da intervenção feita em Cubalhão, em 14 de Agosto de 2014, na inauguração das obras de restauro da igreja paroquial e da bênção da imagem do Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a que presidiu Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Anacleto de Oliveira.

** O autor não segue o Acordo Ortográfico.

Jornal "A Voz de Melgaço"

Balanço em 31-12-2017

JORNAL A VOZ DE MELGAÇO LDA

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2017 (modelo para reduzido)

UNIDADE MONETÁRIA (1)

RÚBRICAS	NOTAS	DATAS	
		31 DEZ 2017	31 DEZ 2016
ACTIVO			
Activo não corrente			
Activos fixos tangíveis		24 216,48	
Propriedades de investimento			
Activos intangíveis			
Investimentos financeiros			
Accionistas / sócios			
		24 216,48	
Activo corrente			
Inventários			
Clientes			
Adiantamentos a fornecedores		1 300,00	
Estado e outros entes públicos			
Accionistas / sócios			
Outras contas a receber			
Diferimentos			
Outros activos financeiros		12 109,99	
Caixa e depósitos bancários		13 409,99	
		37 626,47	
Total do activo			
CAPITAL PRÓPRIO E PASSIVO			
Capital próprio			
Capital realizado		5 000,00	
Acções (quotas) próprias			
Outros instrumentos de capital próprio			
Prémios de emissão			
Reservas legais		1 937,80	
Outras reservas			
Resultados transitados		29 414,98	
Excedentes de revalorização			
Outras variações no capital próprio			
Resultado líquido do período		538,05	
		36 890,83	
Total do capital próprio			
PASSIVO			
Passivo não corrente			
Provisões			
Financiamentos obtidos			
Outras contas a pagar			
Passivo corrente			
Fornecedores			
Adiantamentos de clientes			
Estado e outros entes públicos		735,64	
Accionistas / sócios			
Financiamentos obtidos			
Diferimentos			
Outras contas a pagar			
Outros passivos financeiros			
		735,64	
Total do passivo		735,64	
Total do capital próprio e do passivo		37 626,47	

(1) - O euro, admitindo-se, em função da dimensão e exigências de relato, a possibilidade de expressão das quantias em milhares de euros

O aroma da malva-rosa

Gerânio-Cheiroso (Pelargonium graveolens) ou malva-rosa, como é conhecida na nossa terra, é nativa do sul do continente africano e produz flores belíssimas e perfumadas, que ajuda a tornar um jardim ainda mais atraente. Arbusto de folhas perenes, altura de cerca de um metro, muito ramificado possui folhas perfumadas com bordas serrilhadas e frisadas. As flores são pequenas e rosadas e surgem na primavera e, por vezes, ao longo de todo o ano. É uma planta muito ornamental e pode ser colocada em vasos ou plantada diretamente no jardim.



O gerânio é cultivado, em todo o país, em larga escala, seja para servir como planta ornamental, seja para ser utilizado nas indústrias de cosméticos e alimentar.

Possui também propriedades medicinais. Toda a planta tem propriedades adstringente, relaxante, antidepressiva e antisséptica. Assim, reduz a inflamação e controla sangramentos.

Como infusão é usada, internamente, no tratamento de problemas pré-menstruais e da menopausa, náuseas, amigdalite e má circulação.

Externamente é utilizada para tratar a acne, hemorroidas, eczema, contusões, micose e piolhos. As folhas podem ser usadas frescas, em qualquer época do ano.

Esta planta fornece o principal componente do óleo de gerânio (um substituto do perfume de rosas, muito mais caro no comércio), amplamente utilizado na aromaterapia, em produtos de cuidados com a pele e aromatizante de alimentos.

Utilizada como um chá, é excelente para problemas relacionados com a síndrome pré-menstrual e com a menopausa. O chá sabe a rosas!

É também um bom repelente de insetos.

Para fazer a infusão coloque as folhas em água a ferver e use o sumo perfumado para dar sabor a cremes, limonadas e gelados. As suas folhas podem ser colocadas no fundo da forma de bolos para dar sabor aos mesmos e obter efeitos muito bonitos.

Teresa Tábuas

JORNAL A VOZ DE MELGAÇO LDA
DEMONSTRAÇÕES DOS RESULTADOS POR NATUREZAS (modelo reduzido)
PERÍODO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2017

UNIDADE MONETÁRIA (1)

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	PERÍODOS	
		2017	2016
Vendas e serviços prestados		26 391,23	
Subsídios à exploração			
Variação nos inventários da produção			
Trabalhos para a própria entidade			
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas			
Fornecimentos e serviços externos		-25 460,65	
Gastos com o pessoal			
Imparidade de inventários (perdas / reversões)			
Imparidade de dívidas a receber (perdas / reversões)			
Provisões (aumentos / reduções)			
Outras imparidades (perdas / reversões)			
Aumentos / reduções de justo valor			
Outros rendimentos e ganhos			
Outros gastos e perdas			
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos		930,58	
Gastos / reversões de depreciação e de amortização			
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		930,58	
Juros e rendimentos similares obtidos			
Juros e gastos similares suportados			
Resultados antes de impostos		930,58	
Imposto sobre o rendimento do período		-392,53	
Resultado líquido do período		538,05	

(1) - O euro, admitindo-se, em função da dimensão e exigências de relato, a possibilidade de expressão das quantias em milhares de euros

(2) Esta informação apenas será fornecida no caso de contas consolidadas

ALUGO PARA FÉRIAS JULHO/AGOSTO

NA VILA, JUNTO ÀS MURALHAS, RÉS/CHÃO
INDEPENDENTE COM:

4 Quartos, 2 Casas de Banho, Cozinha, Sala de Estar
com TV e Internet, Grande Terraço com Churrasqueira.

Tel: 251 403 019 · Tlm: 968 674 608

PROCURA-SE

NAS REDONDEZAS DE CASTRO LABOREIRO
PROCURA-SE MORADIA RUSTICA GRANDE E RE-
NOVADA COM QUINTAL PARA ARRENDAMENTO
DE VARIOS ANOS:

3 quartos, 1 sala grande, cozinha separada da sala, casa
de banho grande, aquecimento central, vidros duplo. Quintal:
minimo 100m2. Renda razoável, valor justificada

CONTACTO 968 669 543

Reencontro – Um Romance aos 90 anos! Virgínia do Carmo Ferreira

Em 22 de Maio, dia litúrgico de Santa Rita, Dona Virgínia do Carmo Ferreira completou a linda idade de 90 anos. A família surpreendeu-a com o lançamento de um romance por ela escrito e que a sobrinha Rosário Lira, Directora da RDP e consagrada jornalista, prefaciou.

família abastada e com pergaminhos que se enamora do filho do caseiro. Uma história que nos encanta e atrai, que vai até Moçambique e termina já em Portugal com um final feliz.

Também a filha Maria José e a neta Carla Nóvoas realçaram as qualidades de mulher, mãe e avó «Gininha», como amavelmente as pessoas a tratam. Seguiu-se um momento de confraternização com petiscos e bebidas típicas da nossa terra, não fosse Paderne uma terra de alvarinho de eleição.

Dona Virgínia tem muitos poemas espalhados por vários números de «A Voz de Melgaço» e sente-se muito próxima de quem tudo faz para que o jornal vá singrando como voz da terra que a ambos nos viu nascer.

Esta apresentação foi uma linda prenda de aniversário para o nosso jornal.

Que a possamos ver e ler durante uns bons anos, na alegria dos familiares e amigos que tanto lhe querem.

Carlos Nuno



No recinto da Fonte das Termas do Peso, pelas 16,50, chegava a dona Virgínia sem saber o que a esperava, pelo que ficou profundamente comovida ao ver a plêiade de familiares e amigos que a aguardavam para a sessão de apresentação do livro. O filho Carlos fez uma primeira saudação e apresentação da mãe, destacando sobretudo a sua capacidade excepcional de perdão; a Rosário Lira apresentou a obra «Reencontro», um romance em 96 páginas, numa escrita singela como as mais lindas das flores, com odor e fragrâncias de quem vive entre o Peso e depois no lugar de Ferreiros, em Paderne, onde dirigirá por 46 anos um comércio/loja, espécie de mini-mercado da altura.

O filho Ricardo alongou-se em detalhes da vida e tempos em que a mãe mais se destacou, revelando pormenores que bem merecem um segundo romance, como aliás eu a desafiei a fazer, pois há memórias muito interessantes que convinha não se perdessem.

«Reencontro» é a história de um amor socialmente impossível, pois se trata de uma menina de



Rosário Lira, Virgínia e filhos Ricardo e Carlos



PROCURA-SE



**Cão pequeno (10 KG), 10 anos, pelo comprido. Tem chip.
Perdido em Cortegada (OURENSE) a 25 de abril 2018**

**CONTACTOS:
251 466 028 / 919 130 865**

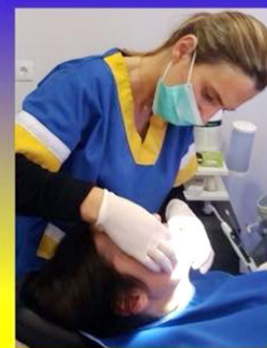
A trabalhar connosco na



Dr. Antonino Dias Gomes
OMD 02710
Tlf. +351251 404002
808215415



Especialistas em Disfunção Temporomandibular e Dor Orofacial pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (Hospital de São João)



Dra. Marlene Pereira
OMD 04066

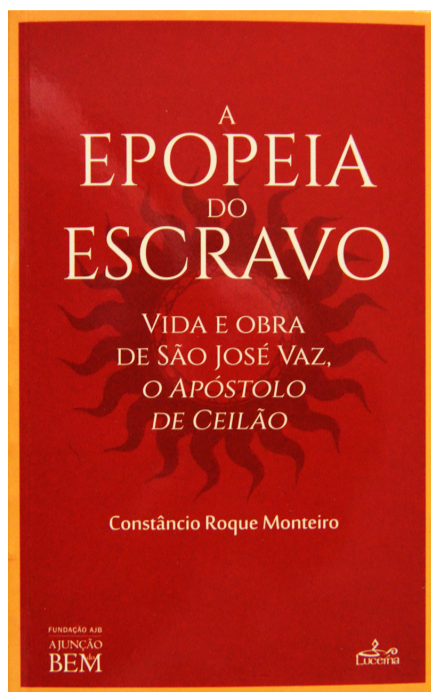
Largo da feira - Melgaço

Obra revela vida do apóstolo do Ceilão

A Fundação «A Junção do Bem», com sede em Oeiras e que se dedica a apoiar os idosos sem alojamento, decidiu editar o livro: «A Epopeia do Escravo – vida e obra de São José Vaz», da autoria de Constâncio Roque Monteiro, não apenas pelo retumbante êxito da sua obra evangelizadora no Ceilão, actual Sri Lanka, nos finais do século XVII e princípios do século XVIII, mas também porque a lição da sua vida se revela da maior oportunidade para a «nova evangelização» que a cada um de nós incumbe.

A história da vida e obra do P.e José Vaz, ele que foi seminarista de Goa, canonizado pelo Papa Francisco em 2015 no Sri Lanka, surpreende-nos muito positivamente: uma personalidade una e recilínea, profundamente obediente e devoto da Virgem Mãe.

O autor da obra consagra-a «à Nação que, em terras de Além Mar, soube criar apóstolos, émulo dos que os fizeram apóstolos», pelo que ela se torna um singular testemunho da missão evangelizadora de Portugal no mundo.



Projetos de despenalização da eutanásia foram chumbados

Não é para deitar foguetes, porque os proponentes dos projectos de despenalização da eutanásia já disseram que voltam à carga na próxima legislatura. Ao menos que os defensores da eutanásia apresentem tal causa nos seus programas eleitorais e que haja debate alargado sobre tão magno problema.

Infelizmente, o valor das palavras dignidade e liberdade depende muito da sanha libertária que atingiu sobretudo os partidos de esquerda, mas também o recém eleito presidente do PSD, Rui Rio.

A nossa luta terá que ser a da exigência de cuidados paliativos com qualidade e universalidade, além de haver uma mentalização de que a eutanásia é um certificado de morte ao amor pelas pessoas atingidas pela fragilidade. Quem se sentir acompanhado e sinceramente amado não optará pela eutanásia.

Foi descoberto o corpo do melgacense desaparecido no rio minho há um mês

Manuel José Gomes, residente em Alvaredo, casado com Adosinda Narcisa Domingues, empregada na Escola EB2/3 e Secundária de Melgaço, caiu ao rio minho em 23 de abril quando se preparava para ver uma pesqueira e esteve desaparecido algo mais de um mês até que em 26 de maio alguém descobriu que estava um corpo a boiar uns 600 metros a jusante do local de onde terá caído à água.

Feitas as perícias médicas necessárias para corroborar que se tratava mesmo deste nosso conterrâneo desaparecido, concluiu-se ser o corpo dele. O funeral realizou-se em 29 de maio, em Alvaredo.

À esposa, filho e demais familiares os nossos sentidos pêsames e um encorajamento a prosseguir na luta de cada dia, apesar das dificuldades causadas com o seu desaparecimento inesperado.



Mais vale tarde que nunca Vai ser obrigatório usar colete de salvação na pesca da lampreia

Depois de duas mortes no Rio Minho no corrente ano relacionadas com a pesca da lampreia, a Comissão Internacional de Limites entre Portugal e Espanha aprovou uma norma que obriga, a partir da próxima época de pesca da lampreia, que inicia em 15 de Fevereiro de 2019, a obrigatoriedade de os pescadores usarem colete de salvação.

**Clínica
OSTEO+**



...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Ver para entender

Conheci-a numa viagem solidária com uma amiga em visita à mãe enferma, confinada a uma cama e totalmente dependente dos cuidados com que queiram agraciá-la. Coube à Maria Teresa a diligência de encontrar uma cuidadora. A tarefa não foi fácil, muitos só apreendem o isolamento do lugar, ignorando as boas condições da habitação, o ambiente paradisíaco da serra, o silêncio e os bons ares. Um desterro foi como algumas candidatas apelidaram o lugar. A Olga interessou-se e aproveitou a oportunidade de aliar o salário generoso à possibilidade de cuidar da horta e das flores, era um retiro que lhe proporcionaria o sossego de que carecia após a morte da sua querida mãe. Cuidar de uma velhinha poderia até ajudá-la a ultrapassar algum remorso por nos últimos anos ter dado quase só apoio material a quem lhe deu a vida.

A Anya acompanhou a Olga para a ajudar a tomar a decisão de migrar dentro do país de imigração, o facto de dominar bem a língua do país de acolhimento conferia-lhe uma espécie de estatuto de proteção da mãe que, apesar dos mais de dez anos de permanência em Portugal, não consegue entender e falar fluentemente o português, continua desenraizada. Responder a um anúncio é fácil, apreender, quiçá negociar, as condições de trabalho e remuneração é mais complicado, por isso a filha impôs a sua presença.

Frequentava a universidade num curso com muita procura e muitos candidatos ao desemprego. Sabia disso quando o escolheu, mas considerava-se, à partida, em situação vantajosa em relação à maioria dos seus colegas, pois dominar seis línguas e a aprender mais duas aos vinte anos não é para qualquer um, sem contar que o mandarim e o italiano também estavam na calha. Dessa superioridade linguística pensava tirar proveito e como não descurava os conteúdos do curso e tinha boas notas já se imaginava a terminar Relações Internacionais e ir estagiar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros ou, quem sabe, ir diretamente para um consulado ou uma embaixada ou alguma instituição internacional. Ia alimentando o sonho e a esperança com a consciência de que possuía ali-cercas para se destacar num meio onde os conhecimentos, o nome da família, as boas graças de um mestre ou tutor contam. Tinha também a lucidez para não confiar demasiado nem nas capacidades nem na sorte, daí aceitar, embora com algum distanciamento, fazer parte de uma comissão de praxes.

Porque os praxistas estão em primeiro plano, é bom fazer parte do escol ou, no mínimo, não desdenhar do potencial que pode trazer a inclusão nesses grupos. Explicou que estava fora de questão aderir a ou promover práticas humilhantes, aliás na sua escola é tudo muito pacífico, não há ninguém a rastejar, a participar em atos indignos e se alguém se mostra contrário às praxes pode ficar no seu canto, não sofre consequências. Considerava-se uma estudante estrangeira mais implicada que muitas nacionais e ansiava pelo dia em que acederia à nacionalidade.

Começou a seguir as notícias e reportagens sobre as manifestações na Ucrânia e da discussão numa aula em que entrou a convite de uma amiga ("Rússia e espaço pós-soviético") nasceu uma curiosidade enorme sobre o seu país no tempo dos seus avós. A dicotomia entre o leste e o ocidente era muito mais do que isso, estaria, afinal, enraizada na alma dos ucranianos que sofreram sob a tutela da Rússia tanto como os judeus sofreram às ordens de Hitler. Para ela era claro que a liberdade de pensamento e o modo de vida com que a União Europeia tinha feito sonhar os seus pais e fazê-los sair de lá estavam acima de qualquer promessa que pudesse vir do leste, mas as revelações daquela aula foram como que um murro no estômago.

Em casa não são suficientemente politizados ou preferem explicar a migração com outros fatores além da procura de uma vida melhor, mas tanto o pai como a mãe sabiam de atrocidades cometidas contra as gerações mais velhas. A mãe, muito traumatizada ainda pelo longo período de doença que antecedeu a morte da sua própria mãe, chora e não quer falar do assunto, para quê falar da dor dos mortos, da fome e da agonia de milhões de compatriotas que tiveram uma morte sem sentido, não foram vítimas da guerra, mas foram expulsos das suas casas, da sua terra e até enterrados vivos.

Os seus bisavós paternos tinha simplesmente sido expulsos da casa onde viviam, perto de Donetsk, porquê não era claro para o pai, acontecera com toda a gente da região, não se falava do assunto, era algo vivido como grande humilhação e para ele chegava como explicação. Falar do assunto era atizar o desconforto que o tomava sempre que o assunto era abordado desde que se conhecia. Sabia que eram proprietários de terras e tinham uma *datcha* perto do Mar Negro num lugar de difícil acesso e pouco povoado.

Foi isso que os salvou, porque conseguiram esconder-se aí dos soldados russos. Tudo o que possuíam - animais, cereais, conservas, frutas, tudo foi confiscado, o que havia nos campos foram obrigados a colher e depois entregar na totalidade aos soldados. Viveam durante meses escondidos e a fugir dos soldados que percorriam os bosques à procura de pessoas, alimentaram-se de raízes, folhas e frutos selvagens, até ratos e cobras comeram. Dos filhos do casal só o avô sobreviveu e quando conseguiram chegar a Kiev, depois de subornarem um oficial, foram as joias da família que lhes permitiram começar de novo. É sempre a mesma história: tem-se dinheiro e consegue-se comprar comida, a liberdade, a vida, não se tem e fica-se à mercê de quem tem poder. Ou da sorte. Era uma parte da história da Ucrânia que não vem nos livros por que estudaram, algumas pessoas sabem, como sabem de segredos de família que se guardam de estranhos, de que nos envergonhamos, mas a desmoralização do povo ucraniano foi geral e depois de o poder soviético se instalar e começarem a ensinar o comunismo nas escolas, às tantas as gerações mais novas já nem acreditavam no que os mais velhos contavam. Claro que estava tudo colado com cola de papel, pois quando o comunismo caiu foi um instante até o povo, uma parte do povo, se dar conta de que viveu uma enorme mentira; o mundo novo era uma farsa muito bem orquestrada e nunca seria atingido, a miséria nunca tinha deixado de existir e a vontade de todos era de viver em liberdade e melhor.

A Anya decidiu que tinha de ir ver com os seus próprios olhos a contestação nas ruas de Kiev.



Há anos que a família não ia lá de férias, a irmã mais velha dava notícias diferentes todos os dias, o que as televisões mostravam era tudo filtrado. No dia em que os pais se interrogavam sobre fazer vir a Alexandra para Portugal, avisou-os de que tinha comprado bilhete, com o dinheiro das explicações de português e inglês. Era superior a si, uma vontade enorme de participar na sublevação do povo do seu país impeli-a a ir, queria ser parte ativa, a boa vida e a liberdade que tinha devia -as aos pais, não passava de uma menina mimada a quem nada faltava, o seu esforço não era nada comparado com o dos pais e com o das pessoas que não puderam ou quiseram emigrar. Queria sentir o pulsar da vida, a ânsia por justiça e liberdade dos jovens da sua idade que vivem em condições extremas na sua terra e que querem mudar para melhor sem saírem de lá. De certa maneira, ao emigram, os pais estavam a desistir do seu país e mesmo se o fizeram por ela, não deixaram de virar costas, de se conformarem com o rumo dos acontecimentos, abdicando de qualquer transformação, deixando para os que lá estão toda a responsabilidade e poder de mudança.

Era facto consumado, nada a faria demover da viagem. Não serviram de nada as lágrimas da mãe e para a tranquilizar disse

que seria apenas durante a pausa entre semestres, não tinha frequências, só trabalhos e estava tudo sob controlo. Era imperioso ver as fogueiras e as barricadas na praça central de Kiev, gostaria de servir e tomar café ou chá com as pessoas, de ouvir da boca delas porque passavam ali dias e noites, que histórias eram as suas para viverem dias e dias naquelas condições, sentir com elas o frio intenso e a partilha do pão e de uma bebida e aquecer as mãos nas mesmas chamas que se espalhavam pelas praças.

O namorado achou que era uma estupidez, que era perigoso, que estava a armar em revolucionária, que podia acompanhar tudo na televisão, no Youtube, no Facebook... Acabou o namoro, se não era capaz de confiar nela e não queria entender as razões que a moviam, paciência!

Foi uma das vítimas recordadas na missa na igreja de Santo António no dia 23 de fevereiro de 2014. Foi apanhada por uma bala perdida, estava sozinha a fazer fotografias, devia encontrar-se com a irmã depois do almoço para irem comprar os bilhetes para viajarem para Lisboa. Na missa celebrada pelo padre Ivan havia muitos amigos, ucranianos e portugueses, mas os pais estavam em Kiev para a enterrarem.

Olinda Carvalho

Os nossos amigos

Hoje mencionamos apenas três, mas realmente grandes amigos e benfeitores: Dr. Carlos Lemos, que inscreveu ainda dois assinantes do jornal; Dr.ª Maria José Pires Marques, natural de São Gregório e a viver em São Clemente de Sande, Guimarães; Dr. Nuno Santa Maria Pascoal, advogado, residente em Lisboa, e um enamorado do nosso jornal, não sendo ele melgacense. Destaque ainda para o Padre Alcino Xavier da Silva, arcepreste de Vieira do Minho que nos brinda com palavras muito amáveis e uma contribuição monetária de ajuda.

Aos assinantes que ainda não pagaram 2018 e sobretudo àqueles que devem mais anos em atraso pedimos a subida fineza de não deixarem passar mais tempo sem acertarem contas. Precisamos mesmo da ajuda todos, colaborando com aquilo que podem dar e que é, pelo menos, o pagamento em tempo e horas da assinatura do jornal.

Como estamos em data de aniversário, permitam-me que lhe peça esse presente.

Carlos Nuno

Confraria dos Vinhos Verdes festeja 30^a Aniversário

A Líder do CDS, Assunção Cristas, foi entronizada



Teve lugar em Guimarães, a cerimónia de aniversário da Confraria dos Vinhos Verdes, exactamente na mesma cidade, onde apresentou os propósitos para que foi constituída há já 30 anos.

O assinalar dos 30 anos ao serviço desta região demarcada, foi uma festa, a qual decorreu no emblemático e solene Paços do Duque de Bragança, onde tiveram lugar os discursos para assinalar esse dia, e a entronização dos novos Confrades.

Abriu a sessão o Grão-Mestre da Confraria dos Vinhos Verdes, Mário Cerqueira Correia, dando a palavra a seguir ao anterior Grão-Mestre e fundador Luís Gusmão Rodrigues, o qual historiou os propósitos da Constituição da Confraria, salientando que a mesma foi criada para defender a tipicidade dos vinhos verdes, e promover a qualidade e a imagem da região, como um valor nacional a preservar.

José Pinheiro, Presidente da Comissão dos Vinhos Verdes e também Confrade, fez uma explanação da importância económica do vinho verde para o país, enumerando alguns dados estatísticos.

Em seguida o Cancelário Mor, Gonçalo Maia Marques, passou em retrospectiva, com a ajuda de um diaporama, alguns momentos marcantes da história dos 30 anos de actividade da Confraria dos Vinhos Verdes.

Após a finalização dos discursos, teve lugar ainda a assinatura

de um protocolo entre a Confraria do Vinho Verde e a Irmandade dos Vinhos Galegos, seguindo-se depois a entronização dos novos confrades.

Este protocolo visa a cooperação entre as duas confrarias, tendo como objectivo a defesa e a promoção do vinho das duas regiões, já que têm castas e características comuns. Consideram também de interesse estreitar relações e desenvolver laços da irmandade em termo de objectivos comuns. Ficou também acordado neste protocolo que pelo menos a participação dos confrades em igualdade de condições com os seus membros; ficou também a intenção de organizarem actividades culturais conjuntas de modo a fortalecer a amizade entre os confrades. A criação de uma futura federação entre estas confrarias e outras confrarias báquicas, de modo a intensificar a promoção da vasta região que compreende a Galiza e o norte de Portugal.

Este protocolo foi assinado pelo Grão Mestre da CVV, Mário Cerqueira Correia e pela Irmandade dos Vinhos Galegos, pelo Proboite Nemésio Barxa.

Seguiu-se depois a cerimónia protocolar da entronização dos novos confrades, pelo Grão Mestre e mordomos da mesa, destacando-se a presença de Assunção Cristas, e também do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães. Esperava-se também que Marques Mendes nomeado para Confrade pudesse estar presente, mas ale-

gando motivos pessoais não compareceu, enviando contudo uma mensagem. Curiosamente o Grão Mestre, Mário Cerqueira Correia, entronizava na cerimónia o seu filho Rui Correia.

É sempre uma cerimónia com um ritual, a entrega da capa-de-honras, a imposição do chapéu e a tomboladeira com um caco de chuvas de prata. No final é feito o juramento, onde todos os novos e antigos confrades, juram defender e preservar o vinho verde.

Finda a cerimónia, teve lugar a saída dos Paços de Duque de Bragança, para a tradicional foto de família, junto à estátua de D. Afonso Henriques, desfilando todos os Confrades presentes, até à Câmara Municipal de Guimarães pela parte histórica da cidade. A abrir o cortejo, um rancho folclórico, deu um certo colorido ao desfile. Na Câmara Municipal, teve lugar uma recepção de boas vindas, seguindo depois todos os presentes para o almoço na Pousada da Senhora da Oliveira.

Refira-se a presença nas cerimónias das seguintes Confrarias que estiveram presentes: Confraria do Leite, Confraria de Felgueiras, Confraria do Alvarinho, Confraria do Biscoito e da Regueifa de Valongo e a Confraria dos Gastrónomos do Minho.

António Jorge Tavares
Jornalista
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

O Minho e a Galiza

O Minho e a Galiza
Namoram de braço dado
É uma região tão linda
De um e do outro lado

Pastam as cachenas no monte
E bebem da mesma fonte
Murmuram regatos nas fragas
Abafando as nossas mágoas

Portugal é pioneiro
Amigo e acolhedor
Valente e guerreiro
O País do meu amor

Dr. Manuel Rodrigues,
Albufeira, 14 de Agosto de 2017

De Melgaço para Albufeira

De Corçães vejo Espanha
E aí corre o rio Minho
Sabores de tanta fama
Deste País tão rico

E Caminha tem o mar
E logo Praia d'Âncora
Tempos de recordar
Belo tempo de bonança

E vem Albufeira
De praias encantadoras
Mesmo à minha beira
São Rafael e Oura

Dr. Manuel Rodrigues,
Albufeira, 14 de Agosto de 2017



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2^o
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N^o 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

Repovoamento de Salmão no Rio Minho

Um reequilíbrio de espécies a longo prazo num rio com muitos novos predadores

Visando o reequilíbrio das espécies piscícolas autóctones no Rio Minho, vários organismos e entidades de conservação da natureza portuguesas e espanholas promoveram, no início do mês de Maio, uma largagem de Salmão nas águas do rio transfronteiriço.

Mais de 6000 exemplares foram libertados nas águas internacionais entre Valença e Tui, numa operação apoiada pelas autoridades de ambos os países. Pedro Costa, Capitão do Porto de Caminha e Comandante Local da Polícia Marítima esclarece que a participação daquela força nesta acção assegura essencialmente os "meios aquáticos" com capacidade para suportar os tanques de transporte do salmão até ao local da largagem, nas águas do rio.

Apesar do expressivo número de exemplares libertados nesta primeira acção do ano, a tentativa perde alguma expressão face aos resultados expectáveis. Dos 6000 salmões jovens (ou *smolt*) libertados, espera-se que apenas um em cada mil volte ao rio que têm como referência para se reproduzir.

A tendência de decréscimo, por sua vez, terá origem na poluição das águas e em alguns predadores que tem vindo a povoar as águas ou mesmo a flora da região, como explica o Capitão Pedro Costa. "As espécies predadoras têm um impacto grande, quer as aquáticas, quer as voadoras. O corvo-marinho é uma espécie extremamente predadora e provoca um dano muito grande nos recursos vivos que temos no rio", nota.

A poluição das águas a partir de descargas pontuais ou de estações de tratamento são também um factor de influência, como nota o comandante da Polícia Marítima de Caminha, considerando influenciador menos expressivo a pesca ilegal. "As descargas pontuais que



não estão identificadas, as estações de tratamento que em determinadas alturas atingem o seu limite e por isso não conseguem tratar devidamente as águas".

Pequenos gestos podem originar problemas de proporções enormes nas espécies que adoptam o rio como ecossistema. Um simples despejo de água de um aquário na sanita pode influenciar a flora do rio, como revela o Capitão Pedro Costa. "Temos um problema de algas no Rio Minho que suspeitamos ter tido origem nos aquários que as

peças têm em casa, ao despejarem a água nas sanitas".

Pablo Caballero Chefe do Serviço de Conservação da Natureza da Galiza e director do projecto de conservação de salmão, assume que "as taxas de retorno calculadas são baixas", no entanto, a alta fecundidade do Salmão adulto – na ordem dos "seis a sete mil 'ovos' por quilo" – permitirá que a povoação de salmão no rio Minho, de Melgaço a Caminha "se mantenha em equilíbrio e possa crescer um pouco", perspectivou o responsável.

"Desde o ano 2000 começaram a crescer as explorações de salmão na Galiza", notou ainda o representante do serviço de Conservação da Natureza da Galiza, tendo já feito repovoamentos de salmão ao longo deste período e diz que há outras espécies a precisar da mão humana para reequilibrar este habitat aquático, nomeadamente a enguia, que se concentra junto à barragem da Frieira. "É necessário movê-las de sitio, distribuí-las pelos afluentes do Rio Minho para permitir que possam chegar até ao mar de sar-

gaços e reproduzirem-se".

Apesar da relativa taxa de sucesso da iniciativa, que poderá não ter repercussões visíveis a curto prazo nas águas do rio em Melgaço, Rui Táboas, membro fundador da Associação de Pesca Lúdica e Desportiva de Melgaço (APLDM) considerou este acto de repovoamento "importante para a pesca lúdica e desportiva". "Se não fizermos nada, não teremos salmão no Rio Minho, acaba por desaparecer".

A poluição da água, os predadores ou mesmo a influência da barragem são apontados como elementos desestabilizadores da vida aquática, que já vai além do salmão. O sável e a truta são outras das espécies que o pescador melgacense aponta como merecedor de alguma intervenção das entidades, face ao decréscimo destas espécies devido ao aumento de número de predadores.

Rui Táboas diz que irá interceder junto das entidades que operacionalizam as largagens de espécies no rio para que a próxima libertação de *smolt* seja feita nas águas do rio entre Monção e Melgaço.

João Martinho



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



TRANQUILIDADE



ZURICH

Debater o fim de vida com serenidade e verdade

O debate parlamentar sobre a despenalização da eutanásia e do suicídio assistido mostrou bem como os conceitos de dignidade e liberdade andam pervertidos por alguns.

A Conferência Episcopal Portuguesa já se pronunciou e bem sobre o problema em documento de 8 de Março de 2016. Realço algumas das afirmações: «A Vida humana é o pressuposto de todos os direitos e de todos os bens terrenos. É também o pressuposto da autonomia e da dignidade. Por isso não pode justificar-se a morte de uma pessoa com o consentimento desta. O homicídio não deixa de ser homicídio por ser consentido pela vítima. A inviolabilidade da vida humana não cessa com o consentimento do seu titular». (nº 5) Por isso, acrescentamos nós, tirar a vida nunca pode ser um acto digno, nem de verdadeira liberdade. Não nos deixemos enganar.

Autorizando a eutanásia e o suicídio assistido, «o estado e a ordem jurídica.. estão a tomar partido, estão a confirmar que a vida permeada pelo sofrimento, ou em situações de total dependência dos outros, deixa de ter sentido e perde dignidade, pois só nessas situações seria lícito suprimi-la». (Nº 8) E aqui falo com experiência: minha saudosa mãe esteve em situação de total dependência e com enormes limitações físicas, mas nunca sequer emitiu um queixume, porque se sentia acarinhada e acompanhada com desvelo e amor filial. Ouvir-nos dizer-lhe quanto dela gostávamos e lhe queríamos, e sentir que isso era mesmo verdade, fez com que se mantivesse tranquila e serena até ao momento que foi o dela, poucas horas depois de a termos levado ao hospital para

ver se lhe poderia ser retirada uma tala de uma das pernas que tinha fracturado.

Sei que, por muito que queiramos, mesmo nos melhores cuidados paliativos é impossível garantir uma tal presença amiga o tempo todo. Mas isso só comprova que a solução não é adiantar a morte, provocando-a, mas acompanhar a vida fragilizada da pessoa em causa e fazer-lhe sentir que não é um peso para quem a cuida, e que a sua presença é motivo de felicidade para os familiares e aqueles que dela cuidam. O que levanta outro problema, que devia ser a preocupação maior dos governantes; garantir cuidados paliativos para todos e promover uma adequada formação dos cuidadores para saberem incutir esperança em quem está numa situação de suprema fragilidade. Essa é que é a aprendizagem que faz falta promover e incentivar. Por aqui deveríamos começar.

Sendo certo que, hoje, felizmente, se consegue preservar de um sofrimento físico intolerável utilizando as melhores técnicas analgésicas, «pode afirmar-se que a eutanásia é uma forma fácil e ilusória de encarar o sofrimento, o qual só se enfrenta verdadeiramente através da medicina paliativa e do amor concreto para com quem sofre». (Nº 9) Não esquecendo o que afirmou Bento XVI : « a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento». (Spe Salvi, nº 38) E esta relação depende muito de se ter ou não esperança, até porque o respeito pela vida é um património da humanidade. No debate sobre a eutanásia, não está em questão se a vida é mais ou menos digna, porque a pessoa está fragilizada. Os campos de concentração demonstraram como, apesar dos

horrores e indignidades lá sofridos, as pessoas faziam tudo para sobreviver.

No debate em curso sobre a eutanásia, não está em questão o discurso sobre liberdade e dignidade, mas sobre se se tem esperança ou se perdeu de todo no que à atitude acolhedora dos outros diz respeito. Porque é o ter essa esperança que faz com que uns queiram morrer, e outros queiram viver. É claro que a fé/esperança cristã é de enorme ajuda nestas situações de grande dificuldade. O conhecimento da Escritura incute a atitude de paciência/perseverança/resiliência que muito contribui para que mantenhamos viva a esperança. Paulo vai mesmo mais longe e afirma: «Que o Deus da paciência/resiliência e da consolação vos conceda toda a união nos mesmos sentimentos, uns com os outros, segundo a vontade de Cristo Jesus». (Rm 15, 5)

Urge ainda debater com serenidade as práticas médicas que, por vezes, enveredam pelo denominado encarniçamento terapêutico, sobretudo quando o médico tem medo de falar da morte e a toma como um fracasso profissional. Nada de cuidados excessivos e inúteis.

Ninguém quer morrer se tiver condições dignas para poder viver. E isso passa sobretudo pelo acompanhamento que damos às pessoas em tais situações. Não branqueemos com palavras como dignidade e liberdade o que não passa de puro egoísmo e desoladora indiferença dos que deviam prestar cuidados com carinho e permanente solicitude para com quem está frágil.

Carlos Nuno

Um breve texto sobre... eutanásia.

Ultimamente muito se tem falado e discutido acerca da eutanásia. Fazem-se manifestações contra, organizam-se argumentos a favor, pede-se intervenções e tempo de antena aqui e ali, constroem-se projetos e programas de lei para regulamentar e instituir a eutanásia neste nosso Portugal. Pretendo estender esta minha partilha convosco em três pontos.

Ponto um: o direito à vida é um direito inscrito na nossa constituição. E para nós, cristãos, não pode haver maior valor que defender a vida, nossa ou dos outros. A vida, dom de Deus, é algo que nós não podemos dispor ou trocar tal como dispomos ou adquirimos os bens materiais. É aquilo que mais importante temos. É aquilo que caracteriza a nossa existência. Somos o que somos porque vivemos. Porque um dia nascemos e vivemos neste mundo, neste tempo, neste contexto. E se nós queremos então dispor de algo tão valioso, algo que durante milênios teve um percurso normal dentro da Natureza (nascemos e morremos não quando escolhemos, mas quando acontece, sendo impossível sermos donos dessas datas), não estaremos então a perder a nossa humanidade? Não estaremos a atirar fora o que mais valioso temos? A troca de quê?

Ponto dois: alega-se que se não houver legalização da eutanásia ficaremos afastados da modernidade, dos países e das mentalidades mais progressistas. Uma mentalidade progressista? Que abre a porta ao assassinio, à destruição da vida humana? E ainda afirmam que na Idade Média é que existiam barbaridades cometidas contra a vida humana... Por um lado queremos defender sem limites os direitos dos animais mas ao mesmo tempo queremos transformar o homem num mero animal! Se queremos então ser tão evoluídos, tão progressistas, porque não apostar nos cuidados intensivos, cuidados paliativos, para dar um fim de vida digno e tranquilo a quem necessita? Ou será que a partir de agora

vamos colocar os animais no lugar do ser humano? Sou totalmente de acordo que se respeitem todos os animais. Mas agora valorizar mais a vida de um animal de estimação do que a vida de um ser humano, aí já sou totalmente contra. Proíbe-se a eliminação de animais nos canis, mas quer-se instituir a eliminação de seres humanos nos hospitais! E todo isto a propósito da evolução? Evolução para onde?

Ponto três: na segunda frase deste breve texto afirmei a expressão “neste nosso Portugal”. E defendendo totalmente. Nosso Portugal, porque é constituído por todos os que nele vivem. É constituído não só por meia dúzia de “entendidos” ou “progressistas”, mas por milhões de portugueses, com as suas convicções, com as suas opiniões e com as suas vontades. E os portugueses andam há muito tempo alheios à “gestão” do seu Portugal. Será que queremos mesmo a eutanásia entre nós? São essas as nossas convicções religiosas, pessoais, culturais? Se não, então porque que ainda não saímos para a rua para afirmar realmente qual é a vontade dos portugueses? Ou será que a vontade dos portugueses é a mesma vontade que algumas dezenas de “entendidos” querem impor e fazer passar?

Concluo reafirmando que o direito a vida é algo de imensamente valioso. Defendamo-lo. Acorde-mos para a realidade. Ou será preciso outro 25 de Abril?

Bem-haja!

Rogério Rodrigues

AGENDA DE JUNHO DE 2018 DA DIOCESE DE VIANA DO CASTELO

- Dia 01 – S. Justino, Mártir – Memória
- Dia 03 – Domingo IX do Tempo Comum
- Dia 05 – S. Bonifácio, Bispo e Mártir – Memória
- Dia 08 – Sagrado Coração de Jesus – Solenidade
- Dia 08 – Templo do Sagrado Coração de Jesus (Santa Luzia) – Celebração eucarística – 16h00
- Dia 09 – Imaculado Coração da Virgem Santa Maria – Memória
- Dia 10 – Domingo X do Tempo Comum
- Dia 10 – Peregrinação Diocesana ao Sagrado Coração de Jesus
- Dia 11 – S. Barnabé, Apóstolo – Memória
- Dia 11 – 8º Aniversário da nomeação de D. Anacleto Oliveira para Bispo de Viana do Castelo
- Dia 13 – S. António de Lisboa, Presbítero e Doutor da Igreja, padroeiro secundário de Portugal – Festa
- Dia 17 – Domingo XI do Tempo Comum
- Dia 21 – S. Luís Gonzaga, Religioso – Memória
- Dia 24 – Nascimento de S. João Batista – Solenidade
- Dia 24 – Domingo XII do Tempo Comum
- Dia 24 – Ofertório para a Cadeira de São Pedro
- Dia 28 – S. Ireneu, Bispo e Mártir – Memória
- Dia 29 – S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos – Solenidade

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro
Cerdedo – Prado
4960-320 Melgaço
Tel.: 251 402 133
artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

A hipocrisia das casas da esquerda

Costa fez negócios de especulação imobiliária com idosos que tanto criticou. Iglesias comprou um chalet de luxo e violou o código de ética que impôs no Podemos. É a hipocrisia moralista da esquerda.

Não há nenhuma ilegalidade em António Costa estar a aproveitar o boom do mercado imobiliário de Lisboa. Nada proíbe um primeiro-ministro de se tornar um especialista da Remax no negócio de compra e venda de casas. Conseguisse ele mais valias tão rápidas nas medidas que toma sobre o país como as que obteve em dez meses só com a negociata de um apartamento no Rato, fora as outras três que fez num só ano.

Também não há nenhum crime na compra de um chalet por Pablo Iglesias. Só a inveja pode pôr em causa o bom gosto que o líder do Podemos e a sua namorada e porta-voz do partido tiveram na escolha do sítio onde querem viver com as filhas gémeas que estão para nascer e os três cães da família. E nem sequer há que duvidar do preço, porque 615 mil euros pelo casarão colonial na área de Madrid até é uma pechincha.

O problema não está no que Costa e Iglesias fizeram. Está naquilo que ambos disseram e defenderam antes. E o problema não é apenas a falta de coerência. É a total imoralidade.

A esquerda tem uma irritante mania de pregar moralismos. Infelizmente, coloca quase sempre a ética que tanto apregoa de lado quando passa à ação. Quer seja em proveito próprio, quer seja em benefício de amigos.

António Costa tem sido um dos mais críticos da escalada dos preços do arrendamento e da compra de casas que se vive em Portugal, sobretudo em Lisboa e Porto. Na senda imparável das revogações do executivo passado, avan-

çou com uma reforma da habitação própria, para "acabar com um dos maiores dramas sociais que o governo PSD e CDS legaram, que foi uma lei das rendas injusta e desumana, que nem os idosos poupa à especulação imobiliária".

Ora o dono de tamanha sabedoria, praticou depois a sua máxima: faz o que eu digo, não faças o que eu faço.

Num verdadeiro negócio da China nos dias que correm, conseguiu um casal de idosos a vender-lhe por 55 mil euros um andar para a filha junto à sede do PS no Rato. Sensibilizou-os ao ponto de recusarem propostas mais altas ao dizer que a moça queria viver perto do café do irmão. Dez meses depois, com "uns arranjos", nova mobília e a mudança de ideias própria da juventude da rapariga, vendeu o espaço por quase o dobro. Não o comoveu que Joaquim e Maria Rosa tenham ficado em "choque" e sintam que outros lucraram "à custa" do "trabalho de uma vida". Tão empolgado deve ter ficado que até se esqueceu de comunicar logo o negócio ao Tribunal Constitucional, como manda a lei, só o fazendo com um ano de atraso. Ou talvez estivesse demasiado ocupado com a outra casa que comprou para pôr no tal mercado de arrendamento "especulativo" que critica. Ou com a venda de uma outra em Odivelas, mal o imobiliário começou a tornar-se rentável.

Pablo Iglesias foi ainda mais longe na defesa dos seus ideais de extrema-esquerda. Aplicou regras no Podemos e criou um código de ética bastante rígido. O compromisso que tem de ser assinado pelos representantes do partido impõe que vivam "como as pessoas de trabalho" para que assim as "possam representar" nas mesmas condições. Uma coisa não muito diferente do que faz por cá o PCP,

cujos dirigentes têm de entregar ao partido tudo o que ganharem a mais em funções públicas em relação ao ordenado que tinham antes de as desempenharem.

Mas também bem prega frei Iglesias.

Porque quando lhe tocou a ele, mandou o código às malvas. Fechou-o na gavetinha da ética esquerdistas das meras formalidades. Até se esqueceu daquele tweet que escreveu em 2012 com a mensagem "entregarias a política económica do país a quem gasta 600 mil euros num apartamento de luxo?", numa crítica a Luis de Guindos, o ministro da Economia espanhol da altura (agora na vice-presidência do BCE com apoio português de Costa e Centeno). Olhou para os 268 metros quadrados da casinha na Serra de Guadarrama, pensou nos mergulhos na piscina natural, no terreno com dois mil metros quadrados por onde até passa um riacho e no jeito que lhe pode dar para umas conspirações internas no partido ou umas reuniões sobre a independência da Catalunha a pequena casa de hóspedes incluída. E não se importou de gastar também mais de 600 mil euros pelo luxo que antes criticava.

Pelo menos em Espanha, casa de Iglesias pode-lhe custar a liderança do Podemos. Precisa de um voto de confiança para se manter à frente de um partido que de estrela cai abruptamente nas sondagens.

Por cá, poucos se pareceram incomodar com as casas de Costa. A notícia do vendedor do ano da Remax foi tratada como um não-assunto. Até houve quem lhe elogiasse o jeito para as negociatas e deliberadamente se esquecesse das palavras e leis que disse e fez contra quem as faz.

É a hipocrisia moralista da esquerda no seu auge.

Filomena Martins
in Observador, 30 de Maio

Em memória de um Amigo Eloquência do Silêncio

A oração é uma lenta e serena aprendizagem do silêncio, na aproximação possível do profundo e insondável mistério de Deus, em comunhão fraterna com todas as suas criaturas.



Nunca rezei tanto como em graves momentos de sofrimento com um único objetivo: estar na intimidade de Deus na vida presente como na futura, no tempo como na eternidade, e ter a alegria da companhia de todos os eleitos, os santos, meus irmãos, para interpretarmos em coro a celestial sinfonia divina.

Contemplativo na ação e ativo na contemplação, sei distinguir, no possível, a súplica, da ação de graças e o louvor, da adoração. Limito-me a balbuciar palavras doces de amor até à eloquência do silêncio. Calado, o mais calado possível, sei que Deus me conhece até ao íntimo e abandono-me ao seu carinho de Pai, com a ajuda possível da Mãe do seu Filho e nossa Mãe que me recebe no seu colo maternal e me aquieta o coração.

Desculpem-me, estou em silêncio e nunca tão ouvinte do que me dizem os meus interlocutores como de quem me quiser ouvir o que de melhor tenho para lhes dizer, saudáveis ou doentes. Apenas e só uma coisa muito simples e muito verdadeira: sejam felizes e semeiem felicidade a todos.

Rezar é também estar na companhia fraterna e amiga com todos os homens e mulheres, e com a opção preferencial pelos mais frágeis e mais padecentes. Não há desculpa possível para ser egoísta na dor. A dor é para pôr em comum com quem sofre no corpo ou no espírito. Quem não sabe partilhar com sabedoria e delicadeza a dor perde uma boa ocasião para os outros serem mais felizes.

Detesto a patologia obsessiva da dor, o dolorismo, e a resignação de quem, vencido ou derrotado, já desistiu de combater até à exaustão os males dolorosos, quaisquer que sejam, reversíveis ou irreversíveis. Meia cura ou mais está em quem sofre e tudo espera para se libertar da ignomínia do sofrimento, que, mesmo assim, se for real, é para combater e jamais para ser pedido como prova de vida que germina na semente da terra húmida e cálida, com a esperança de vida nova à luz do Sol ou como a criança que sonha no seio materno com a beleza do que será a sua vida à luz do dia e para longo futuro.

Outros agentes, absolutamente obrigatórios, são o pessoal de saúde e a sua suposta e desejada competência. No resto e é tudo, seja a vontade de Deus, o único que nos leva a cantar o hino da vida para além das agruras da morte. Sou homem de palavra, oral ou escrita. Pouco mais sei do que comunicar e ouvir as respostas possíveis às mensagens. Quem me dera voltar ao normal. Mas ainda não me é possível, nem sei quando. Até lá, garanto-vos, estou na eloquência do silêncio, aprendendo o essencial para mim e para vós, queridos leitores, e, como só desejo, para Deus, até que Ele seja tudo em todos.

Até breve!

Rui Osório

in Voz Portucalense, 16 de Maio

NR: Dificilmente se pode escolher um dia mais bonito para morrer, mas ir ao encontro do Pai e do colo da Mãe no dia do Corpo de Deus (31 de Maio) e da Festa da Visitação de Maria a Santa Isabel é mesmo uma bênção especial.

O Cónego Rui Osório escreveu este texto, que seria o último da sua vida na Voz Portucalense, como testamento do que melhor sentia.

Que junto de Deus continue a acompanhar-nos daquela maneira tão especial que era a sua. Aqui a nossa singela homenagem a tão bom amigo.

PIZZARIA

T. 251 403 058

Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

MELGAÇO (CENTRO) PESO MONÇÃO

O aviso que vem de Itália

O Governo seguiu uma política económica arriscada e agora Portugal pode ficar de novo em risco de ser abalado por uma tempestade financeira como se vê pelos efeitos que já tivemos da crise italiana.

Os problemas económicos e financeiros portugueses não estão ultrapassados, como sempre aqui se tem dito. Os efeitos que sofremos com a crise política italiana mostram até que ponto continuamos vulneráveis ao mais pequeno abalo político ou económico. Ninguém quer ouvir, mas corremos riscos de pagar caro o facto de não termos dado ainda maior prioridade à descida da dívida. Uma crise que obrigue, de novo, a cortes nos salários da função pública e nas pensões será catastrófico para Portugal. Resta-nos a esperança de António Costa continuar a ter sorte, para nós termos também.

Eis alguns factos preocupantes. O INE confirmou esta semana que o crescimento da economia no primeiro trimestre foi de 2,1% (tinha sido de 2,4% no quarto trimestre de 2017). A taxa de desemprego continua a cair mas agora o número de pessoas empregadas está a diminuir há dois meses consecutivos. O abrandamento da actividade económica, que já se confirma nos dados, parece manter-se como o revela o indicador coincidente do Banco de Portugal relativo a Abril e que está a cair desde Setembro de 2017, antecipando assim o que se está a ver agora. As projecções de crescimento para este ano estão neste momento basicamente alinhadas. Separadas por uma décima, que é nada, o FMI prevê 2,3%, tal como o Governo, e a OCDE 2,2%. Em 2017 crescemos 2,7%.

A perspectiva de crescer menos está presente desde finais do ano passado reflexo do abrandamento externo e da incapacidade que a economia portuguesa tem revelado em aumentar a produtividade. Juntou-se a isso a subida do preço do petróleo.

Como se tudo isto não fosse suficiente, a situação política italiana

veio colocar de novo Portugal no radar dos financiadores. Lá está a taxa de juro da dívida pública portuguesa a subir nas comparações com Itália e Espanha, como se pode ver neste artigo do Financial Times (para assinantes). A taxa de juro das obrigações do Tesouro a 10 anos (yield) passou de 1,7% em meados de Maio para 2,1% agora, situando-se em valores mais altos do que há um ano.

Uma reacção reveladora da fragilidade financeira do país: quando chega a tempestade os investidores começam a olhar para os números. E a dívida pública portuguesa continua ainda elevada ao mesmo tempo que a redução do défice público não dá quaisquer garantias de que é duradouro e não apenas fruto do crescimento da economia.

O primeiro-ministro António Costa, oportunamente, disse no início desta semana que a prioridade da política orçamental é reduzir a dívida pública, não prevendo alterações na carga fiscal. O contágio a Portugal da instabilidade que se vive em Itália aconselha obviamente essa estratégia. Claro que os efeitos desta subida dos juros não se fazem sentir de imediato nas contas públicas – estas reacções vivem-se no mercado secundário – e é também uma realidade que a gestão da dívida pública tem sido feita com inteligência, protegida que tem estado dos discursos populistas. Ainda bem que se ignorou algumas das recomendações do relatório sobre a dívida pública, nomeadamente quando se recomendava que o país se financiasse mais com empréstimos de mais curto prazo. Mas se a instabilidade se mantiver durante muito tempo, os nossos encargos com os juros vão aumentar.

O que se está a passar demonstra que devíamos ter sido mais prudentes no passado recente, dando desde logo maior prioridade à redução da dívida pública – e não apenas agora –, para nos aproximarmos o mais depressa possível do porto seguro da solidez financeira. Assim como

devíamos ter na mão uma lista de medidas das chamadas políticas estruturais, em vez de termos para apresentar reversões.

É impossível saber se teríamos crescido mais num cenário alternativo. Mas face ao contributo limitado que a procura interna deu para a recente prosperidade, é de admitir que teríamos crescido pelo menos o mesmo se a devolução dos salários da função pública tivesse sido mais lenta, usando essa margem para baixar ainda mais a dívida pública.

No Congresso, António Costa disse que acabou o mito de que só a direita sabe gerir a economia e as finanças públicas. Esse mito nunca existiu verdadeiramente uma vez que Mário Soares teve de gerir as finanças com mão de ferro nas duas primeiras intervenções do FMI. O PS e o PSD, quando os tempos assim o exigem, gerem as finanças públicas com rigor. O problema de Portugal tem sido as fases de prosperidade, é nestas alturas que se cometem erros de política económica que se pagam mais tarde. E nestes últimos dois anos e meio cometeu-se o mesmo erro, não se aproveitou a conjuntura favorável para proteger o País da incerteza que se vive no mundo e em especial na Zona Euro.

A gestão económica e financeira de António Costa só passa no teste se Portugal conseguir ultrapassar, sem problemas de maior, uma crise económica ou uma tempestade financeira. Os efeitos que já tivemos da crise italiana não são sinais positivos para este Governo passar na avaliação da sua política económica. Como sempre se disse aqui, a combinação de políticas seguida pelo Governo foi arriscada e, ao mesmo tempo, pouco ambiciosa. Sim, sabemos que a política de conquista e manutenção do poder assim o exigiu. Esperemos agora que a sorte continue a proteger António Costa para não pagarmos um preço elevado por essa falta de prudência.

*Helena Garrido
in Observador, 31 de Maio*

Dom António Marto nomeado cardeal



Foi uma das boas e agradáveis surpresas do Papa Francisco, nomear o actual Bispo de Fátima como cardeal a instituir oficialmente no próximo dia 29 de Junho.

Natural de Chaves, Dom António Marto, que, antes de ser consagrado bispo, era professor na Faculdade de Teologia do Porto, é um dos entusiastas da Mensagem de Fátima e de tal maneira se apaixonou por Fátima que tudo fez para não ser nomeado cardeal de Lisboa, pois queria continuar a trabalhar em Fátima. O Papa Francisco é que não esteve desatento. E a nomeação de

Dom António Marto para cardeal é também e sobretudo uma homenagem a Fátima e ao que ela representa e significa hoje no mundo. E homenagem também à profundidade das celebrações centenárias de Fátima a que ele mesmo veio presidir.

Regozijamo-nos com a nomeação e saudamos com alegria este bispo amigo.

Carlos Nuno



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privado, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privado, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



Camping de Lamas

Canoagem
Rapel
Slide
Canyoning
Kart Cross
Arvorismo
Escalada

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/06/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia três de maio de dois mil e dezoito**, exarado a **folhas duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CINCO - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MARIA PALMIRA DIAS CERDEIRA**, viúva, natural da freguesia de Penso, residente no lugar de Charneca, freguesia de Alvaredo, ambas freguesias do concelho de Melgaço, na qualidade de **cabeça de casal da herança** ilíquida e indivisa aberta por óbito de **João António Cerdeira**, falecido no dia dezassete de fevereiro de dois mil e quinze, na União das Freguesias de Mazedo e Cortes, concelho de Monção, natural da referida freguesia de Alvaredo, com última residência habitual no mencionado lugar de Charneca, declarou:

Que a **herança ilíquida e indivisa** aberta por óbito do referido **João António Cerdeira (NIF 742291642)**, é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sito no lugar de **Esteves**, na referida freguesia de **Alvaredo**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço: **PRÉDIO RÚSTICO**, denominado "Giestais", composto por terreno de mato, **com a área de novecentos metros quadrados**, a confrontar de Norte com António Domingues, de Sul com Herdeiros de Norberto Afonso, de Nascente com Caminho Público e de Poente com Maria Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 706**, em nome de António Pereira, residente no lugar de Sobreira da referida freguesia de Alvaredo, com o **valor patrimonial e atribuído de €4,20**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declara sob sua responsabilidade;

Que a ora outorgante e o autor da herança entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e cinco, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a António Pereira e Custódia de Araújo e Sousa, residentes no referido lugar de Maninho;

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontravam na posse e fruição do mencionado prédio, na qualidade de seus donos, como coisa sua e nessa convicção, procedendo à sua limpeza e cortando o mato e que esta posse foi exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade e que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e cinco** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que na indicada qualidade invoca para **justificar** o direito de propriedade para fins de

inscrição a seu favor e dos demais herdeiros, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, três de maio de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/06/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia quinze de maio de dois mil e dezoito**, exarado a **folhas vinte e seis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **CINCO - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOSÉ ANTÓNIO REI PIRES**, casado com Maria Fernanda Gonçalves Pires sob o regime de comunhão geral de bens, natural de Alvaredo, concelho de Melgaço, onde reside no lugar de Granja, que **outorgou por si e em representação** da sua mulher **MARIA FERNANDA GONÇALVES PIRES**, natural da freguesia de Couso, concelho de Melgaço, com ele residente declarou:

Que ele e a sua representada são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, sito na referida freguesia de **Alvaredo**, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**:

PRÉDIO URBANO, sito no lugar de **Granja**, composto por casa de morada de três pavimentos e rossios, destinado a habitação, **com área total de setenta e quatro metros quadrados, área coberta de sessenta e nove metros quadrados e área descoberta de cinco metros quadrados**, a confrontar de Norte e Nascente com estrada, de Sul com Manuel Pires e de Poente com Armando Alves, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 536**, com o valor patrimonial e atribuído de **€31.880,00**, desconhecendo o artigo da anterior matriz, o que declararam sob sua responsabilidade;

Que o outorgante e a sua representada entraram na posse do citado prédio, ainda com natureza rústica, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta e sete**, já no estado de casados, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, feita pelos pais do outorgante, **Eduardo José Pires e Amélia Glória Rei**, residentes que foram no mencionado lugar de Granja.

Que apresentaram na Câmara Municipal de Melgaço um projeto de licenciamento para edificação nesse terreno de uma casa de morada, correspondente ao prédio atualmente

existente e a coberto da licença camarária número trezentos e setenta, de sete de julho de mil novecentos e oitenta e seis o casal procedeu à construção do referido edifício, tendo concluído as obras e passado a habitá-lo em trinta e um de dezembro de mil novecentos e oitenta e seis;

Que, desde então, o justificante e a sua representada possuem o mencionado prédio, sem interrupção, nem ocultação de quem quer que seja, na convicção de serem os seus únicos e atuais possuidores, exercendo essa posse ininterrupta e ostensivamente, com conhecimento da generalidade das pessoas e sem oposição, nem violência, inicialmente como rústico e após a construção, como urbano, com aproveitamento de todas as suas utilidades, começando por ocupá-lo, nele efetuando obras de reparação e conservação, suportando os respetivos encargos e despesas, tudo com ânimo de quem é dono.

Que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e sete** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado. Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, dezasseis de maio de dois mil e dezoito.

O Notário, Marco Gonçalves

Lic. Maria Isaura Abrantes Martins

«A Voz de Melgaço» 01/06/2018

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

Licenciada Marta Cristina Fernandes Lourenço, Notária em substituição da Notária titular do Cartório sito na Rua Manuel Espregueira, número 14, na cidade de Viana do Castelo, Licenciada Maria Isaura Abrantes Martins, ao abrigo do artigo 9º do Estatuto do Notariado, aprovado pelo Decreto-Lei nº 26/2004, de 04 de Fevereiro, certifica, para efeitos de publicação, que no dia catorze de maio de dois mil e dezoito, foi outorgada uma escritura de **Justificação**, exarada a folhas sessenta e três e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas Número Duzentos e Oitenta e Cinco – B, deste Cartório Notarial, no qual interveio como justificante: – **MARCELINA FÁTIMA DOMINGUES**, que também usa e é conhecida por **Marcelina de Fátima Domingues**, NIF 123 020 875, casada sob o regime da separação de bens com José António Rodrigues, NIF 123 020 867, natural da extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, residentes na Rua de Miradoiro, Lugar de Paçõ, número 449, na freguesia União das Freguesias de Roussas e Vila, concelho de Melgaço, Código Postal 4960-375 Roussas, a qual declarou que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem,

do seguinte bem imóvel: **Prédio rústico**, sito em Corral, Coutada do Pico, na freguesia União das Freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, composto de palheiro com a superfície coberta de cento e sessenta e dois metros quadrados e rossios de pastagens, com a área de quinhentos e sessenta e oito metros quadrados, a confrontar do norte com Marcelina Fátima Domingues, do sul com Genialdina Marques, do nascente com Aurora de Lurdes e do poente com Estrada Municipal, **omisso** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz predial respectiva da freguesia União das Freguesias de Chaviães e Paços, em nome da justificante, sob o artigo **5104**, o qual teve origem no artigo 2789 da extinta freguesia de Chaviães, desconhecendo o artigo da anterior matriz, apesar das buscas efetuadas aos diversos arquivos, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial de 660,00 euros, ao qual atribui igual valor;

Que o referido prédio foi adquirido pela justificante, no ano de mil novecentos e setenta e oito, em dia e mês que não pode precisar, estado de casada com o mencionado José António Rodrigues, por doação verbal não formalizada, feita por seus pais, Alfredo Domingues e Germana Alves, casados sob o regime da comunhão geral de bens, residentes que foram no Lugar do Estar, Cavaleiros, na extinta freguesia de Roussas, concelho de Melgaço, sem que, no entanto, ficasse a dispor de título formal que lhe permita o respetivo registo na Conservatória do Registo Predial; mas, desde logo entrou na posse e fruição do referido prédio, em nome próprio, posse que assim detém há mais de vinte anos, sem interrupção ou ocultação de quem quer que seja.

Que a posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, ocupando-o, limpando-o, cultivando-o e colhendo os demais frutos, agindo sempre de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, quer usufruindo como tal o imóvel, quer suportando os respetivos encargos.

Que esta posse, em nome próprio, pacífica, contínua e pública, há mais de vinte anos, conduziu à aquisição do imóvel, por usucapião, que invoca, justificando o seu direito de propriedade para o efeito, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Que está conforme o original na parte transcrita.

Viana do Castelo, catorze de maio de dois mil e dezoito.

O Notária em substituição, Marta Cristina Fernandes Lourenço

Comarca de Viana do Castelo

ANÚNCIO

Processo: 81/18.0T8MLG

Interdição/Inabilitação

N/Referência: 42551108

Data: 16-05-2018

Requerente: Ministério Público

Requerido: Custódio Francisco Alves

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a acção de Interdição em que é requerido **Custódio Francisco Alves**, filho de Manuel António Alves e de Rufina da Glória Lopes, nascido em 04/10/1963, Cartão Cidadão 059865067ZY5, com residência em **domicílio: 774, Govendo Estrada de Sá, Passos, 4960-180 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito,
Dra. Maria Manuela de Freitas Pereira

A Oficial de Justiça,
Almerinda Esteves

Comarca de Viana do Castelo

ANÚNCIO

Processo: 89/18.6T8MLG

Interdição/Inabilitação

N/Referência: 42595789

Data: 25-05-2018

Requerente: Ministério Público

Requerido: Vera Dulce Alves de Sousa

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, a acção de Interdição em que é requerida **Vera Dulce Alves de Sousa**, filha de Abel Afonso Sousa e de Albertina Gil Alves, nascida em 31/05/1982, BI 14764207, com residência em **domicílio: Porto Ribeiro, Lamas de Mouro, 4960-000 Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito,
Dra. Maria Manuela de Freitas Pereira

A Oficial de Justiça,
Almerinda Esteves



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

AGRADECIMENTOS

Frei Gualdêncio de Santa Maria

CAPÍTULO V

Gualdêncio pediu ao Abade Superior que lhe contasse alguma coisa sobre sua madrinha A Nossa Senhora. O frade contou: – Ana e Joaquim eram pessoas piedosas que cuidavam do templo, Casados há muitos anos, não se sabe se tiveram outros filhos, só se sabe que já na maturidade tiveram uma filha. Uma menina muito especial que cedo se inclinava para as coisas de Deus. Os pais a entregaram aos sacerdotes do templo para a educarem. Era a Virgem Maria predestinada para algo transcendente que se notava mas ninguém sabia o que seria. Muito bonita e fisicamente perfeita era uma menina em corpo de adolescente. Segundo um Evangelho apócrifo, aos 14 anos foi prometida em casamento a um moço carpinteiro de nome José, descendente da família de David. Nessa mesma data estando ela em êxtase em duas orações, apareceu-lhe o Anjo Gabriel lhe anunciando que ela ia engravidar por obra do Espírito Santo e dar à luz o filho de Deus. José ao saber da gravidez pensou em desfazer o compromisso, Porém, em sonho um anjo o dissuadiu e que deveria assumir o menino que ia nascer, como seu filho e manter-se casto no relacionamento com Maria. O Anjo Gabriel também informou à Virgem Maria que sua prima Isabel esposa de Zacarias, considerada estéril estava grávida de seus meses e daria à luz ao precursor. Maria correu ao encontro de Isabel na sua casa na montanha. Quando a Virgem Maria entrou na casa de Isabel deu-se a cena mais esplendorosa que aconteceu na humanidade: a criança no ventre de Isabel exultou com a proximidade da criança no ventre da Virgem Maria. Foi aí que nas palavras de Isabel e Maria compuseram o sublime cântico "MAGNIFICAT" donde resultou a AVÉ MARIA que nós rezamos. E a Virgem Maria se deu conta de que estava destinada ao mais sublime acontecimento do universo, o nascimento de Jesus. O que foi a sua trajetória gloriosa tu já conheces, irmãos Gualdêncio. Gualdêncio ficou meditativo por momentos e perguntou: se a Virgem Maria engravidou aos 14 anos, quando Jesus foi crucificado ela devia ter 47 anos e quando foi assunta ao céu devia ter cinquenta e poucos anos. Uma jovem Senhora acrescentou o Gualdêncio. É isso, ficou sempre com aquele rosto bonito de jovem mesmo nas horas terríveis de seu sofrimento. É por isso que sempre que aparece a algum ser humano, geralmente crianças, com suas mensagens pedindo arrependimento e orações, tem sempre aquele rosto bonito de menina mas muito, muito mesmo, de tristeza pela incompreensão da humanidade. Frei Gualdêncio de Santa Maria mais uns poucos anos continuou sua rotina de atender aos seus irmãos que era o povo em geral das aldeias vizinhas, com orações e sacrifícios. Trabalho braçal já algum tempo deixara de fazer por demais envelhecido.

[continua]

M. Félix Igrejas

Não se realizou a Procissão do Corpo de Deus em Melgaço

Todas as freguesias do concelho foram convidadas a participar na festividade do Corpo de Deus que incluía recitação de Vésperas e Procissão.

Grupos de pessoas tinham passado a noite até alta madrugada a fazer os tapetes.

Durante a tarde choveu algo, mas nada que assustasse. À hora da procissão não chovia mas foi avisado que a mesma não se realizava.

A maioria das pessoas tinha aguentado a chuva fora da Igreja Matriz dado a das Carvalhiças estar em obras. No vizinho concelho de Monção, com a presença do Presidente da República, a procissão realizou-se. Como se realizou em Braga e muitos outros locais.

Na generalidade, as pessoas ficaram desgostosas e disso mesmo várias nos deram conta.

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Maria Cândida de Jesus Dias

Tortim - Cristóval | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Angélica Machado

Penso - Melgaço | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Domingues

Adedela - Fiães | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Raúl Manuel Veites

Alvaredo | 58 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Amélia da Glória Cortes

Várzea - Paderne | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ângelo Esteves

Pomares - Couso | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alfredo Afonso

Paderne | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel José Gomes

Alvaredo | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUN. ORQUÍDEA

Maria Rosa Gonçalves

Fiães - Melgaço | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Domignues

Orjaz - Cubalhão | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Pureza da Conceição Marques

Porta - Cristóval | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Pureza Bernardo

Lamas de Mouro | 75 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Em memória do Rui

Rui Carlos Pereira de Lemos, nasceu em Melbourne em 1971. Filho de Carlos Pereira de Lemos e Molly Pereira de Lemos.

Fez o Liceu no Colégio Melbourne Grammar, uma instituição de alto nível educacional e formou-se em direito na Universidade de Monash.

Foi admitido na Ordem dos Advogados em 1997. Rui era Director numa Sociedade de Advogados, responsável pelas operações legais no Estado de Victoria.

Rui tinha orgulho na sua descendência portuguesa. Visitou Portugal várias vezes e manteve interesse em ter notícias dos muitos familiares, não só dos que vivem em Portugal, assim como dos que vivem em França, Brasil e Canadá. Rui deu o nome Felix Braz a um dos filhos em memória do bisavô paterno Braz Pereira de Lemos.

Rui colaborou com o pai em muitas atividades consulares e comunitárias e era conhecido e estimado por muitos portugueses residentes em Melbourne tendo ajudado alguns com problemas legais. Deixou três filhos encantadores.

Rui era uma pessoa afável, culta e de trato requintado. Uma grande perda prematura.



AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA, COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS, BEM COMO DESLOCAÇÃO NOS CASOS DE CREMAÇÃO

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 - MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

Que Deus vos receba em seus braços e o Manto de Luz de Maria vos cubra das bênçãos que a boa Mãe sabe dar aos seus filhos.

A festa de Santa Rita em 2018



Dados os condicionalismos deste ano, com a igreja inoperacional por causa do incêndio em 24 de Setembro passado, a novena decorreu na Igreja Paroquial. No Sábado, dia 19, houve procissão de velas da Igreja para Santa Rita. Nela participou muita gente, felizmente, embora o percurso se torne algo difícil, dada a acentuada subida, sobretudo desde o lugar dos Carvalhos. No domingo, principal dia de festa, acorreram dezenas de peregrinos, vindos dos mais variados locais, com o intuito de participarem na 'missa do peregrino', habitualmente às 11 horas. Ficaram desolados por não haver ninguém que realmente os acolhesse e até pudesse celebrar a reconciliação. Vários testemunhos me relataram casos de peregrinos que, ao final da manhã, desciam de Santa Rita e manifestavam o seu descontentamento com esta situação.

Particpei na missa das 16 horas, concelebrando com os párcos: padres João Paulo e Carlos Martins, e com o anterior párcoco, padre António Esteves. Os gaiteros do Rio Mouro solenizaram a eucaristia e fizeram-no gratuitamente. A homilia esteve a cargo do padre Carlos Martins. A procissão fez-se com as novas imagens de Santa Rita e São Paio. Pareceu-me estar tanta gente como nos anos anteriores, embora não houvesse qualquer música ambiente nem qualquer sinal exterior de festa. Na segunda, com a participação ainda de umas 130 a140 pessoas, celebrou-se novamente a eucaristia, solenizada pelo coro da paróquia, com homilia do padre Carlos Martins, seguida de procissão.

E pensar que em tempos muito mais difíceis, estiveram a solenizar

a missa da festa os grupos corais dos seminários de Santiago de Compostela e também o de Ourense, além do coro do Mosteiro de Singeverga!

Segundo informação do «Vinhateiro», a receita foi a seguinte: Novena = 430 euros; Domingo = 2.885,00 euros; Segunda = 1.015,00 euros. Total = 4.320,00 euros. Despesa, apenas a do enfeite do andor de São Paio = 140,00 euros.

Já agora, e para desmistificar as afirmações de quem pensa que Santa Rita está rica, como mo referia uma senhora de Valadares, Monção, que pela primeira vez subia a Santa Rita e manifestava estranheza por uma vizinha que se diz muito devota da Santa dos Impossíveis não contribuir com nada para as obras de reparação dos danos do incêndio, pois afirmava que Santa Rita era muito rica, tinha muito ouro,

etc, refiram-se as receitas de alguns anos anteriores: 2017 = 5.322,00 euro; 2016 = 5.473,00 euros; 2014 = 6.569,00 euros; 2012 = 7.836,00 euros; 2011 = 8.941,00 euros; 2004 = 10.919,00 euros; 2002 = 9.350,00 euros.

No final da eucaristia do domingo, o padre João Paulo informou em que ponto se encontram as diligências para avançar com a primeira fase das obras de reparação dos danos causados pelo incêndio. Espera-se que as respostas dos empreiteiros consultados para apresentarem orçamentos surjam dentro de algumas semanas e que depois se iniciem as obras cujo caderno de encargos inicial sofreu algumas alterações, também para incorporar sugestões da Comissão de Arte Sacra Diocesana. Nada disse sobre a limpeza do arvoredo do recinto.

O INACREDITÁVEL DO APÓS FESTA A DEVASSA 'TERRORISTA' DO ARVOREDO PLANTADO HÁ MAIS DE 60 ANOS

Já no Domingo, antes da missa, um colega de escola me dizia que iam abater todas as árvores existentes na parte de cima do caminho/estrada que circunda a Igreja. E que seriam profundamente podadas, senão mesmo cortadas as tílias que rodeiam a Igreja. Eu respondi que não podia ser, que a lei não obrigava a tal monstruosidade. Que tal não poderia acontecer.

Com toda a cautela e os melhores modos, disse ao padre João Paulo que tivessem muito cuidado com o desbaste de árvores no re-

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

cinto do complexo de Santa Rita. Que não avançassem sem terem a opinião de um técnico qualificado ligado à protecção civil, para que não viessem a cometer-se barbaridades ambientais, como já havia ecos de terem acontecido noutros locais do País.. Três dias depois, no dia 24, sem saber que já estavam a arrasar o arvoredo de Santa Rita, remeti um email de que extraio as principais afirmações: «Queria insistir em que solicitasses que algum técnico camarário ligado ao problema das limpezas passasse por Santa Rita e dissesse que árvores são para cortar, para podar, etc. Que não se vá cometer um atentado ao património florestal do recinto de Santa Rita por uma interpretação fundamentalista da lei da limpeza da floresta. Eu ajudei na plantação de algumas daquelas tílias e carvalhos, já lá vão mais de 65 anos! Que se cortem os pinheiros e arbustos infestantes, como as austrálias, tudo bem. Mas que se poupem as outras árvores que resistem bem ao fogo como o prova a tília que está do lado de cima da estrada e que não ardeu no último incêndio».

No domingo, dia 27, fui a Melgaço à apresentação do livro da dona Virgínia Ferreira, no Peso, e alguém me disse que tinham arrasado o arvoredo de Santa Rita. Estive em pulgas toda a sessão e corri no final ao local do crime. Não queria acreditar no que os meus olhos estavam a ver! Algumas pessoas passeavam chorosas pela margem da estrada. Dois amigos que me acompanharam de Braga manifestavam igual perplexidade e indignação. As fotos creio que são elucidativas. É que um parque florestal como o que lá existia e só exigia ser bem tratado, não se reconstrói num ano ou dois. Nem em 20. Era a memória de um passado bonito de entrega a uma causa que via assassinada. Não conseguia conter a revolta interior. Regressei a Braga e contei a meus irmãos. Não queriam acreditar! No dia seguinte, um telefonema que fiz deu-me mais algumas informações. Houve sessões de esclarecimento na Junta



de Freguesia sobre a limpeza dos matos e arvoredo, mas ninguém colocou o problema de Santa Rita nem se lembrou de levar lá os entendidos. E numa das eucaristias, o padre Carlos Martins terá dito que havia que limpar o arvoredo de Santa Rita e que só havia uns brasileiros que aceitavam o trabalho a troco de 1.600,00 euros mais IVA, descontando eles 200 ou 300 euros pela lenha. Que era preciso ver se não havia ninguém que quisesse avançar. Pelos vistos apareceram uns senhores que se prontificaram ao serviço, fazendo o trabalho sem custos para o proprietário, pois o faziam pela lenha.

E é assim que se trata um património florestal e ambiental tão emblemático!

Dormi muito mal naquela noite. No dia seguinte, pelas 12,40, remeti novo email ao padre João Paulo: «Ontem foi um dos dias mais tristes da minha vida ao ver como ficou Santa Rita com o corte das árvores. Árvores plantadas por

nós há mais de 60 anos, abatidas sem dó nem piedade, sem sequer questionar uma interpretação da lei que venceria sempre em tribunal, se alguém avançasse com uma multa, coisa de que muito duvido. Sobretudo se se mostrasse que se tinham desbastado os pinheiros e infestantes e que por cima da estrada se limpava até à distância de 50 metros, o que faria com que o lume nunca ameaçasse.

E tudo isto depois do pedido que te fiz no domingo, dia 20! Se me falasses com verdade, eu mesmo me prontificava para responder em tribunal e assumir uma eventual multa! .. Já agora, vede o que fazeis com as tílias e o carvalho junto à Igreja! Se quereis acabar com Santa Rita, avançai! Tende juízo!

Espero que não façais ou tenhais feito algo de semelhante na alameda de Fiães.

O que nos havia de acontecer!!»

O mal está feito. Não há volta a dar. Assusta tanta irresponsabilidade e acanhamento das pessoas em falar alto. E um assunto de tamanha gravidade não se decide num círculo restrito de pessoas e muito menos num aviso de final de missa dominical.

Costumamos dizer: Deus perdoa sempre; o homem perdoa às vezes; a natureza nunca perdoa o mal que lhe é feito. Pior ainda quando fomos nós que tão selvaticamente destruímos elementos tão importantes da natureza, não cuidando de os tratar como mereciam. Essencialmente para nosso bem.

Que Santa Rita me ajude a conter a raiva que sinto por um tal atentado!

Carlos Nuno



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Às tílias e aos carvalhos que ajudei a plantar

Impossível conter amargas lágrimas
Ante tamanha destruição...
Até Santa Rita, horrorizada,
As costas voltou, magoada,
A um crime assim, de tão alta traição.

Traição, sim!, ao denodado esforço,
À esp'rança fecunda, ao gesto ousado
De jovens, adultos, crianças,
Que, há tantos anos, com tanto gosto,
Tílias e carvalhos ali plantaram.

Ver, agora, tudo estendido p'lo chão,
Desprezadas comprovadas alternativas,
Causa raiva, indignação, forte dor...
Sem dó, árvores trucidar tão altivas,
Escusado espectáculo é, desolador!

Saiu-me, veloz, ao correr da pena,
Para o natalício aniversário
Deste amigo da primeira hora.
Bem quisera loas entoar, agora,
Antes que enfrentar tão duro calvário!

Carlos Nuno



Terreno com a área aproximada de 2 ha, sendo 1,5 ha de vinha alvarinho em produção biológica. É vendida juntamente com Marca. Excelente exposição solar (sul-poente) a 5 min da Vila de Melgaço.

Vila e Roussas, Melgaço

[200.000€] M032/2013



Quinta com 8.920m2 de área agrícola e florestal, 1.580m2 de área de construção, duas casas e adega para recuperação. Excelentes vistas sobre a Vila e vale do Minho.

Vila e Roussas, Melgaço

[180.000 €] M053.Q_2013



Excelente moradia isolada com garagem, jardim e poço de água. A 5 minutos da Vila, com ótimas vistas. Área 268 m2.

Vila e Roussas, Melgaço

[180.000 €] M024/2014



Moradia de rés-do-chão e andar, com rossios e anexo. Ótima localização e boa exposição solar. Área total 500m2.

Cela, Melgaço

[95.000€] M028/2015



Bela moradia V4, de arquitetura moderna, em local sossegado, dotada de excelentes vistas e próxima da Vila.

Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M024/2016



Excelente propriedade composta de moradia v4 e terrenos de cultivo de vinha com cerca de 10.000m2. Possui anexo com cozinha de campo e adega. Vende em conjunto terrenos de pinhal e mato com 5.000m2.

Valadares, Monção

[290.000€] M019/2016



Excelente moradia V4 constituída por rés do chão, 1º andar e garagem, localizada a 5 minutos do centro de Melgaço, pronta a habitar.

Vila e Roussas, Melgaço

[110.000 €] M016/2016



Excelente Moradia em pedra com Garagem, Jardim e Pomar em Carvalho do Lobo. Possui 4 quartos (3 deles suites), Cozinha equipada, Vidros duplos, Aquecimento a gásóleo e Caixilharia com rotura térmica. Área total: 730m2

Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M001/2017



UKUBO®
Condomínio
DECO+





As águas curativas de Melgaço em meados do século XVIII

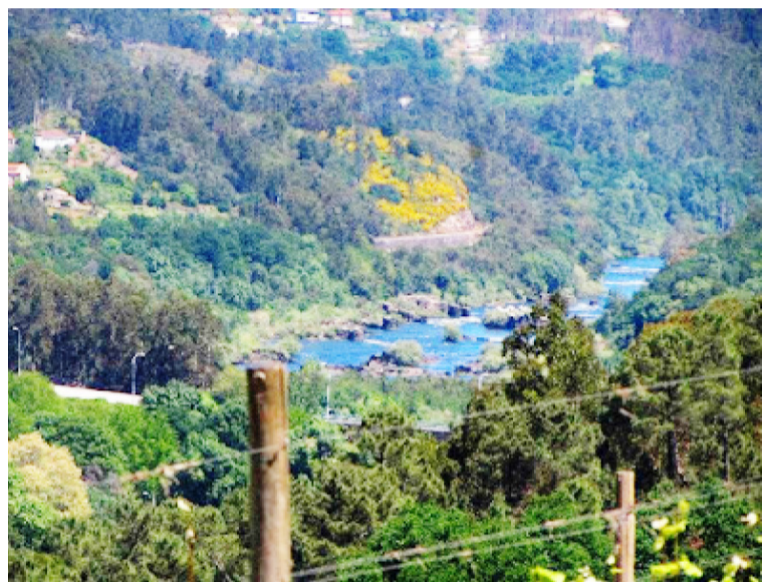
Melgaço é conhecida desde fins do século XIX como terra de águas milagrosas. Das nascentes da estância termal do Peso, nasce uma água com características ímpares em Portugal, especialmente no tratamento da diabetes e que foi descoberta há mais de 130 anos.

Todavia, desde há vários séculos, há referências a nascentes de águas com características medicinais que os fregueses sempre acreditaram que curavam determinadas doenças. Noutros artigos anteriores, já aqui fiz referências às Caldas de Fiães e Paderne e outras nascentes em outros pontos do concelho.

No século XVIII, temos as Memórias Paroquiais como uma das mais importantes fontes históricas para nos ajudar a compreender como era Melgaço na época. Mas o que são as memórias Paroquiais de 1758?

Um aviso de 18 de Janeiro de 1758 do Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, fazia remeter, através dos principais prelados, e para todos os párocos do reino, os interrogatórios sobre as paróquias e povoações pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas, e administrativas, para além da questão dos estragos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. As respostas deveriam ser remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Desta forma, estas Memórias Paroquiais correspondem a um conjunto de respostas dadas a esse inquérito.

Um dos itens sobre os quais os párocos eram questionados, era a existência ou não nas paróquias de nascentes de águas curativas bem como as suas características e prescrições. Em Melgaço, vários párocos fazem referências a nascentes nas suas memórias paróquias em 1758. Um deles é o pároco de Castro Laboreiro que nos conta que na chamada Ribeira do Porto dos Asnos existe uma "(...) água que tem virtude para curar as chagas, e forragem da boca nos meninos lactantes, em que mais comumente se acha este dano". Tais virtudes das águas desta ribeira são confirmadas no livro do Padre Carvalho da Costa no seu livro "Corografia Portuguesa" (1706) quando este



afirma que **"quando himos do Porto dos Asnos, ou Cavalleiros, passamos outro limitado ribeiro, pelo qual foy a pé o Santo Arcebispo Dom Frey Bertholameu dos Martyres a visitar aquella Igreja. Tem virtude esta água para curar a boca lixosa às crianças e outras enfermidades"**.

Por outro lado, o pároco de Penso, também nos fala de uma fonte de nascente junto ao rio Minho que é conhecida há séculos como a Fonte Santa. O sacerdote escreveu nas Memórias que **"(...) se lhe chama por tradição antiga a Fonte Santa, tem a água dela várias virtudes. Tem a água desta fonte um cheiro de enxofre mas no sabor não tem mau gosto. É muito clara e muito fresca, somente o cheiro de enxofre tem a circunstância que lançando-se na dita água alguma prata a põe em breves instantes amarela como perfumada de ouro e logo se tira da água esfregando -a com os dedos da mão se alimpa e fica como dantes limpa. Por donde corre água da dita fonte deita um limo pelo rego da cor do mesmo eixofar"**. O padre escreve ainda que a água emanada desta fonte era indicada **"(...) especialmente para queixas de destemperança de ffigado, lepra e outras mais queixas que procederam de humores quentes. Tem mais a virtude que quem beber da água dela lhe abre a vontade de comer se tiver fastio (...) e lavando alguma ferida com a água dela são especialmente se for presidida deste [...] do fígado**

tem sido muita gente que vem tomar banhos a ela recuperando a saúde perdida de água milagrosa".

Podemos ainda ler nas Memórias Paroquiais de Chaviães, onde o vigário nos fala de umas águas que nascem nas margens do rio Minho ou emergem no meio deste. O dito sacerdote caracteriza essas águas como **"Salutíferas, medicinais, asidulas por passarem por minerais de ferro (...) e costumam onde nasce, correr pouca água, deixar por cima um lasso prateado com algumas feses douradas"**. O vigário fala-nos que estas águas **"tem virtude eficaz para curar feridas porque são um conjunto de várias águas e muitas delas são sulfúreas que nascem pela borda do dito rio e outras nasceram no centro dele e pelas áreas de ouro"**.

Ainda em relação às águas do rio Minho, o vigário de Chaviães escreve nas Memórias Paroquiais que **"hum célebre médico castelhano, (...) D. Jozé Lavandera (...) fez nelas suas experiências e foi maravilhado dellas, dizendo que tinham a mesma virtude que as de [Prixmoni?], em Inglaterra"**.

Como vemos, as crenças nos poderes curativos das águas de diversas nascentes no nosso concelho de Melgaço é muito mais antigas que o conhecimento das virtudes das águas do Peso...

Valter Alves
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

Identificação de Alcaides - Mores e Governadores da Praça de Monção

Alcaides - Mores:

1.1336 - **Gil Vasques Bacelar** - natural de Valença do Minho, filho de Vasco Gil Bacelar e de D. Teresa de Parada. Foi Senhor da Casa de Bacelar e Honra de Mira e do Padroado de Santa Eulália de Cerdal, no termo de Valença do Minho. Foi também Alcaide - Mor de Valença que, segundo Felgueiras Gayo (Nobiliário das Famílias de Portugal, ttº BACELARES, §1º, Nº6, "defendeo do cerco q. lhe fez D. Pedro Rz Sarmiento, Adiantado da Galiza". Casou com D. Ana Gomes de Lira, filha de Afonso Gomes de Lira, Senhor de Lira, Fronteiro - Mor da Comarca de Tui.

2. **Álvaro Gonçalves de Abura**, (1369) "tronco dos Marqueses de Castelo Rodrigo, dos senhores de Póvoa, & meadas, hoje incluído nos Condes de Vale de Reys, & assim mais dos senhores do Morgado de

3. **Fernão Gomes Pereira**, casado com D. Maria Pereira, filha de Heitor Soares Tangil¹

4. **Álvaro Gonçalves de Abreu**. Um seu descendente, Gonçalo Gonçalves de Abreu, seria nomeado em 13 de Abril de 1480, Alcaide-Mor de Assumar, cargo confirmado por carta de nomeação de 7 de Julho de 1482²

5. **Lopo Fernandes Pacheco**. Foi -lhe dado o senhoria da vila por D. João I em 29 de Agosto de 1423

Governadores da Praça:

1. **D. Lourenço de Amorim Pereira**, filho de D. Catarina Pe-

reira de Amorim e de Gaspar de Amorim da Rocha Pereira, senhor da Quinta de Fontão, foi Governador da vila de Monção, que defendeu valorosamente no sítio que lhe puseram os castelhanos comandados pelo Marquês de Viana, e depois Governador de Viana fazendo-lhe o senhor D. João IV mercê do foro de Fidalgo e da comenda de Arains e da Ordem de Cristo. Foi Tenente Mestre de Campo General. Casou com D. Ana da Rocha Trancoso, filha de Francisco da Rocha e de sua mulher D. Isabel Cerqueira. C.g.

2. **Estêvão Pereira Bacelar** - Da Família dos Bacelares de Cerdal. Nasceu na Casa de Covas, em Vila Nova de Cerveira. Serviu no Brasil onde casou com D. Filipa de Brito. Foi Governador de Vila Nova de Cerveira e Tenente General e Sargento - Mor de Angola.

3. **Francisco Soares de Castro**, (1640) foi Governador e Capitão - Mor de Monção, filho de Diogo Soares e de D. Catarina Velho (BARBOSAS, p.63).

4. **Carlos Malheiro Pereira Bacelar** - Nasceu na freguesia de Santa Maria dos Anjos em Monção, filho de Marcos Malheiro Pereira Bacelar e de D. Helena Soares Sottomayor, Senhora galega, residente em Monção, filha de D. João Sanches de Moscoso e de D. Margarida Borges de Azevedo e Miranda.³ Tinha a patente de Mestre de Campo.

5. **Matias de Sousa e Castro** - Natural de Melgaço (Casa do Pombal), filho de António de Castro e Sousa, Capitão - Mor da vila e termo de Melgaço, mais tarde

¹ Visconde Sances de Baena, *ARQUIVO HERÁLDICO -TIMOLÓGICO*, p. 67.

² Alfredo Pimenta, *DUARTE D'ARMAS E O SEU LIVRO DAS FORTALEZAS* Edição do Autor, Depositário Livraria Portuguesa, Frua do Carmo75 - LISBOA, 1944, ESTUDOS HISTÓRICOS - XXII -26.

³ Visconde Sanches de Baena, *O.c. p.55*, Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real - Rua dos Calafates, 110, 1872.

Continua na pág. seguinte

Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt

ESPECIALIDADES:

- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*
- * (NA ÉPOCA)

42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W

tripadvisor

54.º ARTIGO

Formas de aproveitar bananas demasiado maduras

Sempre que possível, é de adquirir os alimentos na sua época de produção, próximo do local de consumo, com o mínimo de intermediários e de produção biológica. Ora, se forem bananas, terão de ser da Madeira! Se sobrares, há algumas soluções para aproveitar as bananas muito maduras:

1. **Um esfoliante:** esmague levemente 1 banana com 3 colheres de sopa de açúcar granulado, 1 colher chá de azeite e algumas gotas de essência de baunilha. Entre na cabine do chuveiro e, antes de abrir a água, massage o corpo com a mistura, incluindo o rosto, evitando os olhos. Depois, é só enxaguar.

2. **Gelo:** descasque as bananas, corte-as em cubos e congele. Depois é só colocar nas bebidas e saborear. Assim refresca as bebidas e dá-lhes um sabor único.

3. **Cumble de bananas:** 4 chávenas de frutas variadas (ex. 2 bananas pequenas, 1 maçã pequena, 2 colheres de sopa de uvas passas, 1 chávena de amoras, 1/2 chávena de cerejas, 1/2 chávena de uvas frescas sem sementes partidas ao meio - ideal é usar frutas doces, combinando com as mais ácidas); 50 g de manteiga ou margarina; 3 colheres de sopa de farinha de trigo; 1 colher de sopa de aveia em flocos finos; 1 colher de chá de gengibre ralado; 1 colher de café de canela em pó; 1 colher de chá de fermento. Espalhe as frutas num prato fundo que possa ir ao forno. Misture todos os demais ingredientes com a ponta dos dedos, formando uma massa pouco ligada. Espalhe-a por cima das frutas e leve ao forno pré-aquecido a 180.C por 30 min. ou até que fique dourada e as frutas cozidas. Sirva-o quentinho com sorvete.

4. **Torta de bananas:** 6 bananas maduras; 7 colheres rasas de açúcar; 5 colheres rasas de manteiga ou margarina; 7 colheres rasas de farinha de trigo; canela em pó a gosto. Descasque e corte as bananas no sentido do comprimento e coloque-as num prato que possa ir ao forno.

5. **Pudim de pão com banana:** 6 pães secos; 6 bananas pequenas bem maduras; 1 ovo; 1 colher de sopa de margarina; 500 ml de leite; 2 copos de açúcar; 1 colherzinha de baunilha. Numa vasilha, misture com as mãos todos os ingredientes, amassando, até que componham uma massa. Se precisar, coloque mais um pouco de leite, pois a massa deve ficar mole. Unte o tabuleiro, forrando-o com açúcar e canela. Coloque as bananas cortadas às rodelas dentro e cubra com açúcar e canela. Depois, é só colocar a massa em cima. Leve a forno médio, pré-aquecido, por cerca de 40 min., ou até dourar.

6. **Gelado de banana:** congelam-se as bananas em rodelas. No dia seguinte tritura-se com a varinha mágica e tem-se um delicioso gelado, com apenas um ingrediente. Pode também adicionar frutos do bosque congelados.

7. **Bolo de Banana e Canela:** 3 ovos; 2 chávenas de açúcar; 2 chávenas de farinha; 1 chávena de óleo; 1 colher de sopa de fermento em pó; 1 colher sobremesa de canela; 4 bananas. Coloque os ovos e o açúcar dentro de um recipiente, seguido do óleo, da farinha, da canela e do fermento. Junte as bananas e bata bem. Unte uma forma para bolos com margarina e farinha e coloque no forno. Experimente acrescentar sementes de sésamo q.b.! Pode também fazer em forma de muffins. E, em vez de farinha colocar pão ralado.

8. **Batido de banana e morango:** 1 banana congelada; 4 morangos; 2 dl de leite frio. No liquidificador ou no copo da varinha mágica, colocar a fruta e o leite. Triturar tudo até obter uma consistência aveludada. Servir de imediato.

9. **Doce de bananas:** basta cortar em rodelas e cozê-las com um pouco de açúcar e de água, depois é só colocar numa travessa com canela por cima e servir. Também pode juntar à cozedura maçã e/ou peras maduras.

10. **Bananas assadas no forno:** colocar as bananas no forno sem retirar as cascas (depois de bem lavadas), corte apenas uma fatia da casca, salpique com açúcar e canela.

11. **Folhadinhos de banana e chocolate:** 1 embalagem de massa folhada já estendida, corta-se aos quadradinhos e pincela-se com gema de ovo diluída em água. Corta-se a banana às rodelas e passa-se por sumo de limão. Colocam-se 1 ou 2 rodelas sobre os quadradinhos de massa, salpica-se com raspas de chocolate e leva-se ao forno.

Ana Cristina Costa

SIC vai filmar em Melgaço certas cenas da novela «Vidas opostas»

Não é a primeira vez que esta estação de televisão grava episódios de novela em Melgaço. Já aconteceu em 2010 com a novela «Laços de sangue», e vai acontecer agora com «Vidas opostas». O Presidente da Câmara brindou no Solar da Alvarinho com alguns dos responsáveis da empresa produtora, enaltecendo o facto de Melgaço estar instalado na mais importante área protegida do País, o Parque Nacional Peneda-Gerês, consagrado pela UNESCO Reserva Mundial da Biosfera. E a gravação de partes de uma novela em Melgaço será sem dúvida uma mais valia para a promoção do nosso território e dos produtos genuínos de Melgaço, sobretudo o alvarinho e o fumeiro.. Além de que Melgaço é também o destino de natureza mais radical de Portugal.

Presidente Marcelo em Monção e Ponte da Barca

Cumprindo a promessa de visitar Monção para dar apoio aos que perderam muitos dos seus haveres com os incêndios de Outubro findo, Marcelo escolheu a Festa da Coca para realizar a visita. Participou na Procissão do Corpo de Deus e viu depois o sempre emocionante despique da Coca com São Jorge.

Mas também estive em Lavradas, Ponte da Barca, a ver o decorrer das obras da reconstrução das Igreja ardida em Dezembro passado. Acompanhado pelo Presidente da Câmara e o Presidente da Junta, inteirou-se do decorrer das obras e deu palavras de incentivo para as levar por diante. Aproveitou a ocasião para passar ainda por outras instituições do concelho, nomeadamente o Quartel dos Bombeiros Voluntários e o Lar de Idosos Condes da Folgosa. Como é seu costume, privilegiou o contacto com as pessoas.

GAZETILHA

Há muito, muito tempo, que a política desencanta!... Há tempo demais!

A vetusta idade de quem viveu o 25 de Abril e sonhava viver em liberdade e democracia, dá para “embirrar” com os malefícios de gente “prenha” em açambarcar para si o que a todos pertence.

O cansaço está instalado.

Assistir impotentemente ao descalabro a que chegou a dignidade do povo do meu País leva a actos de revolta que dia a dia mina a resistência saudável do cidadão comum.

Impávido, e sereno, o poder instituído continua com políticas cegas e de desenrasque que só destroem valores e princípios que jamais deviam ser postos em causa.

Afinal uns comem tudo e outros não comem nada!...

E quando pensamos que vimos e assistimos a tudo, eis que a machadada da eutanásia entra no vocabulário corriqueiro da praça pública!...

Confunde-se a “caridadezinha” de uns com a “caridadezona” de um todo que lava as mãos como “pilotos” e atira a matar sem apelo nem agravo.

Manter a ordem dentro do “cortiço” não é para todos. Respeitar a hierarquia e o bom senso exige boa formação moral que começa em casa e se fortalece no quotidiano de cada um em particular, mas que se interioriza através do exemplo que deve vir sempre de cima.

A plêiade de gente digna e honrada que dirige os destinos deste nosso Portugal começa a escassear. Há um “punhado” de “iluminados” que devia ser banido do hemiciclo porque não representa quem neles votou e que, sequiosos de poder, atropela tudo e todos.

O tempo, segundo dizem, é o nosso maior aliado. Segundo Albert Einstein:

“O tempo é uma ilusão. A distinção entre passado, presente e futuro não passa de uma firme e persistente ilusão”.

Mas uma coisa é certa, enquanto há vida há esperança. E a esperança prolonga-se no tempo de quem ama e é amado.

Se o tempo é vida e a vida precisa do tempo então dê-se tempo ao tempo e ninguém esqueça que:

- Quem ama cuida.

Álvaro Carvalho

Acasos na Vida

Há acasos na vida que marcam nossos momentos e enriquecem nossas memórias de maneira tão alegre e divertida que são um medicamento de amor e amizade.

As saudades doces fazem bem ao coração, abrem as janelas da alma e as portas da nossa vivência.

As saudades dolorosas acrescentam força aos sentimentos e dilaceram as ausências perdidas.

O Mês de Maio, com suas escrananadas e cores de arco-íris, transporta-nos ao tempo da nossa meninice em que nossa Mãe e Avós, com suas orações e cânticos de louvor a Maria, iluminavam nossas mentes inquietas sempre a aprontar para o espírito da curiosidade.

Outrora crianças não dávamos valor às coisas simples e menos elaboradas com que nos brindavam os adultos. Perto dos riachos, o som da levada aliava-se à força da mó do moinho. Na relva verde estendiam-se os lençóis de linho a corar. Com o açafate nas mãos improvisávamos trabalhos de adultos.

Com Maio a chegar ao fim sabíamos que as romarias estavam a chegar, a época escolar em breve terminaria e as férias, tão desejadas, começavam depois do São João. O Santo António era anunciado com o aparecimento dos manjericos. As frutas da época iam enchendo barriga e preenchendo o horário das refeições. E que saudades daquelas azeitonas curtidas!...

Com as maias a ornamentar as portas ou janelas das casas dávamos as boas vindas ao período fértil da Mãe Natureza. O Mês de Junho fazia-se sentir.

E com os “acasos” procuramos transmitir aos nossos vindouros os usos e costumes que honram a herança que recebemos dos nossos ancestrais.

Helena Matos

Antigos Alunos do Colégio D. Nuno da Póvoa de Varzim reuniram em convívio

Decorreu, no passado domingo do mês de Maio, mais um convívio entre os antigos alunos do colégio D. Nuno da Póvoa de Varzim. Mais de cem anos após a fundação daquela que foi uma das mais prestigiadas instituições de ensino do país são muitos ainda aqueles, dos cerca de muitos milhares que passaram pelo colégio, que ano após ano se encontram para recordar o tempo em que foram ali alunos, muitos de Melgaço. Realizou-se, dessa forma, um convívio de aniversário, com a habitual Concentração na Praça do Almada, seguida de um Grande Porto de honra no Café Recife, onde jogavam bilhar e em frente ao antigo colégio homenagearam os seus antigos directores e professores, descerrando uma lápide comemorativa. Seguiu-se uma missa na Igreja Matriz pelos alunos, professores e auxiliares já falecidos, finda a qual, a pé, foram pela rua da Junqueira, passaram pelo Póvoa Cine e Garrett, onde iam ao cinema e chegaram ao Grande Hotel da Póvoa de Varzim, onde lhes foi servido o almoço. O ambiente era de festa. A alegria reinava em todos os rostos. Aos brindes, muitos usaram da palavra, enaltecendo o colégio pelo bom ensino ministra-

do e os colegas pela sua boa camaradagem e pelo excelente espírito de família que têm sabido preservar ao longo do tempo. Contou-se, como sempre acontece nestes seus convívios, o rigor da disciplina do prof. Monteiro, a bondade do prof. Rodrigo, que punha sempre água na fervura, quando as coisas aqueciam e o fervor religioso do Padre Pontes, principal director, muito amigo de todos, não esquecendo o prof. Augusto Pereira Dias, mais conhecido pelo Chico Pipa, distinto mestre de português, literatura e latim; as suas aulas eram do agrado geral porque contava muitas histórias com ironia referentes à matéria ensinada. O dr. Couto com a sua boa disposição cantou diversos fados de Coimbra com intervalos hilariantes. Em seguida, o Libório, grande orador e em homenagem à heroína Maria da Fonte rematou o discurso, cantando o seu hino até final, acompanhado por todos. Por último, o organizador do convívio, em nome dos antigos alunos, agradeceu a comparência de todos os presentes e incitou-os a não deixarem apagar a chama que é para eles o Colégio D. Nuno e o seu padroeiro D. Nuno que os guia e ilumina o seu caminho. Estiveram presentes, entre outros, com



**CONVÍVIO COLÉGIO D. NUNO
PÓVOA DE VARZIM MAIO 2018**

as esposas, Joaquim Queiroz Pereira, secretário da CM da Póvoa de Lanhoso, Libório Ribeiro da Silva, empresário de fição e tecidos, de Ribeirão, V. N. Famalicão, Abílio Conde, oficial da GNR, Von Haffe, Administrador de Seguros, do Porto, José Marinho da Cruz,



**CONVÍVIO COLÉGIO D. NUNO
PÓVOA DE VARZIM MAIO 2018**

piloto aviador, de Braga, Alberto Eiras dos Santos, empresário de combustível, da Póvoa de Varzim, Isac Miranda da Silva, empresário vinícola, Porto, António Sá Couto, professor, da Póvoa de Varzim, João Couto, dr. do ensino liceal, do Porto e José Manuel Gonçal-

ves, empresário, de Fafe. O convívio continuou até tarde com muita animação, mostrando que os antigos alunos daquele colégio presentes ainda estão em boa forma.

Maio 2018
Abílio Francisco Conde

5 a 10 JUNHO

5 | COLÓQUIO
"Rios e Montanha, Aventura e Segurança"

7 e 8 | FAM TRIP

9 e 10 | ATIVIDADES DE TURISMO DE NATUREZA

Pegada Zero

III JORNADAS DE TURISMO DE NATUREZA
PARQUE NACIONAL PENEDA-GERÊS MELGAÇO 2018

Programa em www.cm-melgaco.pt

Interreg
Espanha - Portugal

GERÊS-XURÊS
RESERVA DA BIOSFERA
TRANSFRONTEIRIÇA

NOS PASSOS DE JESUS

Impressões de uma Viagem pela Terra Santa

Via Dolorosa e Basílica do Santo Sepulcro

O programa deste nosso quinto dia de permanência na Terra Santa era muito denso, rico e exigente. Decidi, por isso, dedicar a crónica de hoje a uma parte bem suculenta, – a Via Dolorosa –, deixando tudo o resto – à volta do Monte das Oliveiras – para a próxima.

Um dos passeios mais emocionantes em Jerusalém é, com efeito, o que procura refazer o caminho percorrido por Jesus, desde a sua condenação à morte até à sepultura.

A chamada *Via Dolorosa*, *Via Crucis* (caminho da cruz) ou *Via Sacra*, percorre as estreitas ruas da cidade velha de Jerusalém, ao longo das quais catorze pontos (nove ao longo do caminho e os últimos cinco já dentro da Basílica do Santo Sepulcro) assinalam passagens importantes dessa dolorosa caminhada. Ao primeiro impacto, uma sensação estranha se apodera de nós: o percurso "sagrado" faz-se ao longo de ruas estreitas, apinhadas de gente, barulhentas, cheias de lojas, um contexto pouco propício à interiorização... Mas a estranheza desaparece ao lembrarmos-nos que, muito provavelmente, foi esse o cenário daquela nossa primeira sexta-feira santa: afinal, aquela era semana de *Pessach*⁽¹⁾ e a cidade estava cheia de peregrinos.

I ESTAÇÃO – Jesus é condenado à morte

O caminho da Via Dolorosa começa no pátio da escola islâmica de *El-Omariye*, situada no ângulo noroeste da esplanada do Templo, onde funcionava a Corte Romana. Aí, foi Jesus julgado e condenado à morte, pelo procurador romano Pôncio Pilatos. Sucumbindo à lógica dos interesses pessoais, Pilatos, que conhecia a verdade e tinha poder para a fazer vingar, preferiu agradar à multidão: cedendo às pressões políticas e sociais, lavou displicentemente as mãos, trocou Jesus por Barrabás, libertando este insurrecto e entregando Cristo, bem sabendo que era inocente, ao infame suplício da cruz.

«Tomando novamente a palavra, Pilatos disse-lhes: "Então que quereis que faça daquele a quem chamaís rei dos judeus?" Eles gritaram novamente: "Crucifica-o!" (...) Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado». (Mc 15, 12-13,15)

II ESTAÇÃO – Jesus carrega a cruz às costas

Um pouco à frente, saindo da escola e atravessando a Via Dolorosa, eis a segunda estação, que compre-



Arco do Ecce Homo



Percurso da 5ª estação



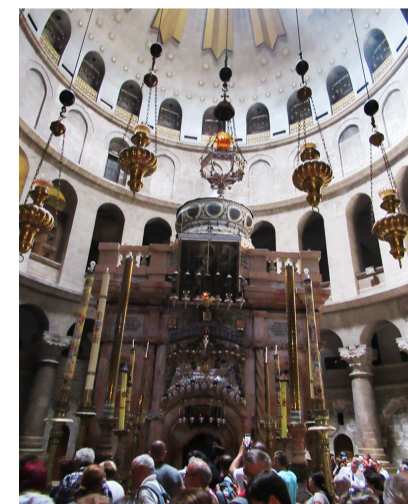
Alusão ao gesto da Verónica



Complexo da Basílica do Santo Sepulcro.



S.to Sepulcro: Capela da Crucifixão



O Santo Sepulcro

de dois momentos, assinalados por duas pequenas capelas, que ladeiam o *Studium Biblicum Franciscanum*: à direita, a *Capela da Flagelação*, o local onde Jesus foi flagelado e coroado de espinhos, reconstruída em 1927, sobre as ruínas de outra do século XII; e à esquerda, a *da Condenação*, onde Jesus foi açoitado e começou a carregar a cruz, erguida em 1903.

Mais adiante, a Via Dolorosa cruza um arco de meio ponto com um corredor construído por cima: é o popularmente conhecido como arco do *Ecce Homo*, e recorda o lugar onde Pilatos, depois da flagelação e da coroação de espinhos, apresentou Jesus ao povo: "Ecce Homo", "Eis", "Aí tendes o Homem"; ao que a turba, cega, responde clamando: "Crucifica-O! Crucifica-O!"

«Depois de O terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes. Levaram-no, então, para O crucificar». (Mc 15, 20)

III ESTAÇÃO – Jesus cai pela primeira vez

A Via Dolorosa continua em li-



A pedra que sustentou a cruz



A pedra da unção.

geira descida até se cruzar com uma rua que vem da porta de Damasco. Voltando à esquerda, quase na esquina, uma pequena capela pertencente ao Patriarcado Arménio Católico, restaurada em 1948 com uma doação de soldados polacos, assinala o local onde Jesus caiu, pela primeira vez. O peso da cruz é enorme! Mais pesada,

porém, é a causa que a ditou:

«Foi ferido por causa dos nossos crimes, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que nos salva caiu sobre ele, fomos curados pelas suas chagas». (Is 53, 5)

A cena que se contempla na terceira estação está representada no retábulo da capela.

IV ESTAÇÃO – Jesus encontra sua Mãe

Imediatamente ao lado da terceira estação, uma igreja simples mas muito concorrida, também ela pertencente ao Patriarcado Arménio Católico – a *Igreja de Nossa Senhora do Espasmo* –, assinala o local onde

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

Jesus, mal acabado de levantar-se da primeira queda, à beira do caminho por onde passa carregando a cruz, encontra Sua Mãe, e no seu rosto, toda a humanidade. (Dentro de pouco, suspenso do madeiro, dir-lhe-á, apontando para o discípulo amado, e nele, para todos nós: «Mulher, eis o teu filho!»; e ao discípulo: «Eis a tua mãe!»).

Com imenso amor, Maria olha para Jesus, e Jesus, para a Sua Mãe; os Seus olhares encontram-se, os seus corações partilham a mútua dor... Na escura solidão da Paixão, a Mãe oferece ao Filho um bálsamo de ternura, de união, de fidelidade; um renovado «sim» à vontade divina.

E Maria não deixará certamente de recordar as proféticas palavras do velho Simeão:

“*Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim não de revelar-se os pensamentos de muitos corações». (...) Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração».* (Lc 2, 34-35.51b)

Na cripta desta capela, há adoração perpétua ao Santíssimo Sacramento.

V ESTAÇÃO – Simão Cireneu ajuda Cristo a levar a Cruz

Seguidamente, deixada a rua de *El-Wad*, volta-se à direita, para retomar a Via Dolorosa. É um tramo bem característico da Cidade Velha: estreito e íngreme, com escadas de poucos em poucos passos e numerosos arcos cruzando a rua por cima, unindo os edifícios dos dois lados. Logo no início, à esquerda, uma pequena capela, que já no século XIII era dos franciscanos, recorda a cena da quinta estação: Simão Cireneu, que vinha do campo, foi obrigado pelos soldados romanos a ajudar Cristo a carregar a cruz.

No conjunto da Paixão, é bem pouco o que representa esta ajuda. Mas a Jesus basta um sorriso, uma palavra, um gesto, um pouco de amor para derramar copiosamente a sua graça sobre a alma do amigo.

«*Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus».* (Lc 23, 26)

VI ESTAÇÃO – Verónica limpa o rosto de Jesus

O tocante gesto da Verónica – a mulher que, compadecida, com uma toalha branca dobrada no braço, emerge da multidão, se aproxima do inocente condenado e lhe enxuga o rosto coberto de sangue e suor, recebendo como prémio aquele divino rosto gravada na toalha (mais do que o rosto gravado no pano, é o rosto do sofrimento gravado na memória...) – esse gesto está marcado por uma pequena capela em sua honra – a *capela de Santa Verónica*, de origem grego-católica.

Pouco sabemos desta mulher. Uma tradição baseada em textos apócrifos identifica-a com a hemorroíssa de Cafarnaum, chamada Berenice; nome que, ao ser traduzido para latim, se converteu em Verónica. Na Idade-Média, situa-se a sua casa

aqui, até ao meio da rua, onde hoje existe a referida capela com entrada directa desde a Via.

«*O meu coração murmura por ti, os meus olhos te procuram; é a tua face que eu procuro, Senhor. Não desvies de mim o teu rosto, nem afastes, com ira, o teu servo. Tu és o meu amparo: não me rejeites nem abandones, ó Deus, meu Salvador!*» (Sal 27, 8-9)

VII ESTAÇÃO – Jesus cai pela segunda vez

Ao final da subida, a Via Dolorosa desemboca no *Khan ez-Zait* – o mercado do óleo –, o animado e concorrido mercado a que se acede pela porta de Damasco. Delimita os bairros muçulmano e cristão, e coincide com o antigo *Cardo Massimo*, a rua principal da Jerusalém romana e bizantina. No cruzamento, uma pequena capelinha propriedade dos franciscanos assinala a sétima estação.

Ao cruzar o «Portão do Julgamento» da antiga muralha (onde eram publicadas as acusações dos condenados à morte), as forças falham e Jesus cai pela segunda vez. Já não é apenas o madeiro que Lhe pesa... Lá estão também a minha indiferença, a minha ingratidão, o meu abandono. Mas Ele volta a levantar-se, fortalecido com a infinita confiança que deposita no Pai.

Uma coluna, dentro da capela franciscana, marca o exacto local dessa queda.

«*Todos os que me vêem escarnecem de mim; estendem os lábios e meneiam a cabeça. (...) Não te afastes de mim, porque estou atribulado e não há quem me ajude».* (Sal 22, 8.12)

VIII ESTAÇÃO – Jesus consola as mulheres de Jerusalém

No caminho do Calvário, a poucos metros do lugar da segunda queda, tomando a rua de São Francisco, chega-se à oitava estação. Entre a multidão que contempla a sua passagem, Jesus encontra as mulheres de Jerusalém. Piedosas mulheres que, recordando talvez aquelas jornadas gloriosas de Jesus que a todos faziam excluir, maravilhados, «*Bene omnia fecit*» - tudo faz/fez bem feito – (Mc 7, 37), não podem conter a sua compaixão e choram copiosamente o inocente Homem condenado. Na cruz que Ele carrega, elas vêem apenas o madeiro, sinal de maldição; não enxergam nela o eleito meio de Redenção e Salvação. Mas o Senhor quer dirigir esse pranto para um motivo mais sobrenatural, e convida-as a chorar pelos pecados, verdadeira causa da sua Paixão: «*Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos...*» (Lc 23, 28)

O local é assinalado por uma pequena pedra com uma cruz latina, na parede do mosteiro ortodoxo grego de São Caralampo. Uma inscrição em grego, traduzida, diz: «*Jesus Cristo vence*».

IX ESTAÇÃO – Jesus cai pela terceira vez

É a última estação fora da *Basílica do Santo Sepulcro*. As últimas cinco decorrem todas dentro do complexo daquela Basílica.

Para ir à nona estação, hoje é ne-

cessário voltar atrás até ao mercado *Khan ez-Zait*, seguiu-lo uns metros na direção sul e subir uma escadaria que se abre no lado direito da Via. No final de uma viela, colocada numa esquina entre um acesso ao terraço do convento etíope e a porta da igreja copta de Santo António, uma coluna assinala a terceira queda.

Pela terceira vez, Jesus sucumbe ao peso da cruz, na ladeira do Calvário, quando faltam poucos passos para chegar ao cimo. É demasiado peso a carregar sozinho. Jesus não se tem em pé: faltam-Lhe as forças e, esgotado, jaz por terra. Mas, reunindo as forças que lhe restam, pela terceira vez se levanta!

X ESTAÇÃO – Jesus é despojado das suas vestes

Estamos já dentro do complexo da *Basílica do Santo Sepulcro*, também chamada da *Ressurreição* pelos cristãos orientais. No seu pátio exterior, inicia-se a fase final da Via Dolorosa. No alto de uma escada, está a linda capela da *Divisão das Vestes*, que assinala o momento em que Jesus foi despojado da sua roupa.

Despojam-no da Sua túnica. Despem-no de toda a dignidade. Como abutres, cobiçam as Suas vestes, sobre que lançam sortes, inconscientes de que jogam a dignidade do Homem...

Quantas vezes a dignidade humana é assim aviltada como um entretenimento!

«*Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica»* (Sl 21, 19).

XI ESTAÇÃO – Jesus é pregado na Cruz

Já no interior da Basílica, subindo uma escada do lado direito, acede-se ao andar superior. Aqui, na *capela da Crucifixão*, propriedade dos franciscanos da Custódia da Terra Santa, um altar assinala a XI Estação e um mosaico no tecto representa a cena em que Jesus é pregado na Cruz.

O madeiro estendido no chão, um martelo, três cravos: um atravessa-lhe a mão direita, outro rasga-lhe a esquerda, o terceiro trespassa-lhe os dois pés sobrepostos. Quanta ciência! Quanto requinte de malvadez! Quanto sofrimento sadicamente infligido!

Não era necessário tanto tormento! Ele, porém, quis sofrer tudo isso por mim, por ti. Saberemos nós, então, corresponder?

«*Então, entregou-o para ser crucificado. (...) Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em Hebraico se diz Gólgota, onde o crucificaram, e com Ele outros dois, um de cada lado, ficando Jesus no meio. Pilatos redigiu um letrinho e mandou pô-lo sobre a cruz. Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus»* (Jo 19, 16a-19)

XII ESTAÇÃO – Jesus morre na Cruz

Imediatamente à esquerda da capela da Crucifixão, encontramos a *capela do Calvário*, propriedade da Igreja ortodoxa grega, e nela um dos lugares mais simbólicos e emocionantes de toda a Via Dolorosa: um buraco debaixo do altar marca o ponto exacto onde foi erguida a cruz.

Há que vencer, com muita paciência, a desorganização, o tumulto, o tempo de espera que medeia até experimentar a inefável emoção de tocar o disco prateado que envolve o buraco que segurou a cruz de Cristo, e reparar também nas placas de mármore que, à esquerda e à direita do altar, recordam as cruzes dos ladrões com Jesus crucificados.

Eis, suspenso do madeiro da cruz, entre dois ladrões, o Messias esperado! As mãos que abençoaram multidões sangram, agora, rasgadas pelos cravos. Os pés que trilharam os nossos caminhos a anunciar a Boa Nova suportam, inertes, o corpo agonizante de Jesus. Os olhos que, cheios de amor, com um simples olhar, curaram enfermos e despediram em paz, perdoados, os pecadores, já não fixam senão o Céu distante.

Até que, «*Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entregue o meu espírito».* Dito isto, expirou». (Lc 23, 46)

Do alto da cruz, um grito! Grito de abandono no momento da morte, grito de confiança no sofrimento redentor, grito do parto de uma nova vida...

E após o grito, um suspiro – o último suspiro, o último sopro de vida: *Jesus expirou!*

E o dia escureceu, de uma escuridão como a que invadiu os corações dos que ditaram aquela morte infame, que a justiça humana reservava aos piores criminosos...

XIII ESTAÇÃO – Jesus é descido da Cruz e entregue a sua Mãe

Entre a capela da Crucifixão e a do Calvário, está um altar dedicado a *Nossa Senhora das Dores*, no qual se contempla esta cena.

Submersa em dor, Maria está junto à cruz, sem saber o que fazer. Com ela está João, o discípulo que Jesus amava e a quem confiara sua Mãe.

Duas novas personagens entram aqui em acção: *José de Arimateia* – “que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas...” (Jo 20, 38); um membro do Conselho, mas “homem recto e justo”, que “não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros” e “esperava o Reino de Deus” (Lc 23, 50-51 e Mc 15, 43); “um homem rico de Arimateia (...) que também se tornara discípulo de Jesus” (Mt 27, 57) –, e *Nicodemos* – “aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também trazendo uma mistura de perto de cem libras de mirra e aloés” (Jo 20, 39).

Que fazem estes homens, que não eram conhecidos publicamente como discípulos do Mestre, não tinham presenciado os seus grandes milagres nem O tinham acompanhado na sua entrada triunfal em Jerusalém?

Pois, agora que o momento é mau e todos os outros debandaram, eles, sem medo, aparecem e expõem-se: obtida de Pilatos a autorização que a lei romana exigia para sepultar os condenados, despregam cuidadosamente do madeiro o corpo de Jesus e colocam-no nos braços de sua Mãe Santíssima. Depois, depõem-no numa laje e preparam-no para ser sepultado.

Essa laje encontra-se na descida do Calvário para o átrio da basílica e é conhecida como a *Pedra da Unção*: uma pedra avermelhada com veios brancos, que recorda os cuidados que José de Arimateia e Nicodemos dedicaram ao corpo de Jesus, antes de procederem

à sua sepultura (ungindo-O com uma mistura de mirra e óleos aromáticos); um local sagrado muito requisitado pelos peregrinos, que ali – tocando, beijando, sobre ela se debruçando – fazem preces pedindo as mais diversas bênçãos.

«*Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus*». (Jo 20, 40)

XIV ESTAÇÃO – Jesus é sepultado

Ao entrar no Santo Sepulcro, o que o peregrino encontra em primeiro lugar é a *Pedra da Unção*, a que acabamos de fazer referência, na estação anterior.

Avançando um pouco para oeste, atravessando um vão entre duas enormes colunas, acede-se à *Rotunda* ou *Anástasis* (‘ressurreição’, em grego), um monumento circular fechado com uma cúpula, em cujo centro se levanta a capela com o túmulo de Jesus.

Narra S. Mateus: «*José tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo e depositou-o num túmulo novo, que tinha mandado talhar na rocha. Depois, rolou uma grande pedra contra a porta do túmulo e retirou-se.*» (Mt 27, 59-60)

Confirma e complementa S. João: «*No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os judeus era o dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus.*» (Jo 19, 41-42)

Há pressa, portanto, muita pressa em sepultar Jesus. Porque **é o dia da Preparação da grande Páscoa judaica**. Porque há que apagar a atrocidade desta morte. Há que esconder o crime cometido... É o bom José de Arimateia, *um homem rico, recto e justo*, de bom grado cede o sepulcro que acabara de construir e onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Com Nicodemos, preparam o corpo, envolvem-no num lençol e sepultam-no.

Cai a noite. Tudo está consumado. Concluiu-se a obra da nossa Redenção. Já somos filhos de Deus, pois Jesus morreu por nós e com a sua morte nos resgatou. «*Empti enim estis pretio magno!*», escreve S. Paulo (I Cor 6, 20): *fomos «comprados» por um grande preço!*

A pedra colocada à entrada do túmulo em breve será removida, e uma nova vida surgirá. Na verdade, «Pelo Baptismo, fomos sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova» (Rm 6, 4).

Obrigado, Senhor, pelo imenso amor que nos dedicais!

⁽¹⁾ *Pessach*, ou Páscoa, é uma muito importante festa judaica – uma das três festas de peregrinação, juntamente com *Sucót* (Festa dos Tabernáculos) e *Shavuót* (Pentecostes) – em que toda a população judaica se dirige em peregrinação para o Templo Sagrado, em Jerusalém. A festa comemora o êxodo do povo israelita do Egito, começa no 15.º dia do mês hebraico de Nissan (geralmente abril) e dura sete dias, sendo o primeiro e o último dias sagrados de descanso, em que todo o trabalho produtivo é proibido.

Rotas da Seda (IV)

Na China pela Província de Xinjiang: de Kashgar a Turpan

À entrada na China pela fronteira terrestre na enorme¹ província de Xinjiang, a maior da China, classificada como autónoma, seguiu-se uma aventura suplementar.

A vigilância e controlo nas estradas desta região, de predominância muçulmana, pela polícia chinesa, já a uma enorme distância da fronteira, é surpreendente. Consequência de um conflito latente separatista que se tenta afirmar. A quantidade de vezes que neste dia fomos interceptados em vários pontos do percurso pela polícia, para identificação dos elementos do grupo, tirando bagagem, para novo RX, foto individual, impressões digitais, é surreal. Em dias diferentes. Prática geral na província.

A velocidade não podia ultrapassar os 40 km/hora para transportes pesados e carrinhas como a nossa e 60 km/h para ligeiros. Um desfile lento, a causar impaciência porque as estradas até eram boas.

Tudo isto porque a população uigure, tradicional e predominante, desde sempre, nesta região geográfica, que já foi verdadeiramente autónoma, são de origem turca, diferentes nas feições, na língua que falam e na religião que praticam, neste caso a muçulmana.

Os uigures afirmam que esta região, a que eles chamam Turquestão Oriental, não deverá ser uma parte da China, mas sim considerada parte de um só Turquestão, com cujas etnias se identificam e que falam a mesma língua. Na etnia e na religião têm, na verdade, uma semelhança e afinidade muito maior com os povos da Ásia Central do que com os chineses: estes são maioritariamente de etnia Han, falam chinês e as suas religiões são o budismo, o confucionismo e o taoísmo.

Etnicamente e culturalmente, os uigures desta província da China, representam um desafio ao desejo do Partido Comunista de restabelecer a área territorial que a China detinha durante o tempo do império chinês,

¹ A região autónoma ou antes província de Xinjiang cobre uma área de 1.665.000 km² ou seja, equivalente ao total das áreas da Alemanha, França, Espanha e Portugal. Tem um estatuto semelhante ao do Tibete.

desagregado durante a guerra civil que terminou em 1949. Esta região foi nessa altura invadida pela China e desde então está sob ocupação chinesa, cada vez mais apertada, justificada por protestos ou acções terroristas isoladas atribuídas aos uigures. O governo chinês também é acusado de tentar diluir a influência uigur na vasta província de Xinjiang, a maior da China, promovendo migrações em massa para a região, de chineses Han. U

Kashgar, uma cidade incontornável da Rota da Seda

Depois de percorrermos mais de 200km desde a fronteira, penetrando na enorme província de Xinjiang envolvidos por uma paisagem muito árida, com montanhas de solo rochoso, sem qualquer vegetação, seca e semidesértica sem actividade visível, no abafado calor de Agosto, em que a monotonia era quebrada pelas sucessivas paragens para controle policial, tornou-se particularmente agradável a chegada à magnífica e desenvolvida cidade de Kashgar, com uma feição muçulmana na sua atmosfera. Inesperado e interessante.

Marco Polo registou esta cidade nas memórias da sua célebre e fantástica viagem pelas Rotas da Seda. No relato cuja narrativa ditou, já em Itália, após o seu regresso, no fim do século XIII, descreve a Kashgar como "a maior e mais esplêndida cidade no Turquestão Chinês". Na verdade aqui se encontravam, desde sempre, negociantes cazaques, urdus, tadjiques, quirguizes e indianos sempre em busca das melhores rotas comerciais. Ainda actualmente o seu fantástico e incommensurável mercado é o maior da Ásia Central. Antes de o visitar, porém, seguimos no dia seguinte de manhã cedo para um imperdível percurso de dia inteiro pela estrada de Karakorum.

De Kashgar a Tashkurgan

Sáimos pelas dez da manhã do hotel, pensando adquirir alguns "yuans". Não conseguimos ATMs que facultassem acesso. O guia emprestou 100 yuans (13,5 €) a cada um e o minibus arrancou.

Para meter gasolina a cena foi inesquecível. Por questões de vigilância chinesa especial nesta província, tivemos todos de sair da carrinha e só o motorista atravessou com a carrinha a entrada no recinto das bombas de gasolina, onde um guarda e um polícia armado controlavam o acesso. Está todo murado e com arame farpado por cima dos muros. Tivemos de ir a pé até à saída das viaturas, umas boas dezenas de metros à frente, por onde a carrinha sairia e aí voltamos a entrar.

Esquecemos tudo quando entramos na mítica estrada de Karakorum², a autoestrada internacional mais alta do mundo que segue para Sul ligando a China ao Paquistão e, por isso, com um trânsito relativamente intenso, quer de ligeiros quer de pesados.

Percurso surpreendente, a uma altitude muitas vezes na cota dos 4000m, ladeado por montanhas altíssimas com os cumes cobertos de neve e glaciares, uma imagem que sabe bem com em pleno Verão. Ao longe, muitas delas pertencem à cadeia dos Montes Pamir, uma das maiores do mundo e que atravessa vários países da Ásia Central.

A paragem obrigatória, junto ao fascinante Lago Karakul onde se reflectiam os picos brancos e gelados destas montanhas que ultrapassam os 7000m, para tirar fotos e respirar o

² Esta estrada tem tal estatuto que os ingleses a baptizaram como KKH ou seja KaraKorum Highway



À entrada da cidade antiga

belíssimo ar da altitude e já a 194 km de Kashgar.

Quem não segue viagem para o Paquistão e vem em rota turística, como nós, descansa ou dorme em Tashkurgan, a única cidade neste longo percurso, a 3660m de altitude.

De regresso a Kashgar os célebres e milenares mercados aguçavam a nossa curiosidade.

Os Mercados de Kashgar

Entrar no labirinto de um mercado desta dimensão exige muita atenção porque nos perdemos num instante. Ficámos-nos pelo enorme mercado das roupas, utensílios, artigos de toda a espécie e peles e não demos a volta toda. Era impossível.

Um outro, separado, detinha os produtos alimentares, mas onde não chegamos a ir. Este tinha tantos objectos e vestuário curiosíssimo que nem as imagens por fotografia dão uma pálida ideia.

A colecção de peles à venda, de raposa, de marta, de coelho, etc. eram tantas e tão variadas que, para os apreciadores do artigo seria difícil passar em qualquer fronteira.

Seguem algumas fotos que melhor ilustrarão o ambiente de transacções chinesas!

Ainda nos foi possível ir ao mercado de gado, a 40km de Kashgar e que só tem lugar em alguns dias do mês. Enorme, de muitas espécies de gado vivo, incluindo camelos e iaques, num grande espaço livre. Talvez as fotos ajudem a transmitir uma ideia.

De comboio até Turpan

No dia seguinte, na estação de Kashgar aguardamos pacientemente o comboio, que nos levaria a Tur-

pan, ainda na enorme Província de Xinjiang. Dezoito horas de percurso garantidas, fora os atrasos. Percorremos 1400km contornando pelo Norte o enorme deserto Deserto de Taklaman, cuja área é quase equivalente à da Alemanha. É um deserto de clima frio, influenciado pelas massas de ar gelado da Sibéria, com -20° no inverno, mas atingindo no Verão mais de 40°.

As ruínas de Jihaoe, foram a nossa primeira visita: uma das cidades antigas cujo grau de preservação permitiu incluí-la na lista de Patrimónios classificados pela Unesco. E ainda o sistema milenar de irrigação de Karez que permitiu culturas na orla do deserto.

Turpan é uma cidade oásis lendária, onde visitamos aqui a mesquita de Uyghur e um minarete que é o mais alto da China - o minarete de Emin com 44m de altura. Símbolos fortes da tradição de construção muçulmana nesta região. Construída em tijolos amarelos decoradas à mão. Uma técnica só existente na China.

Conhecida na Ásia pela sua produção e exportação de passas de uva, mesmo para outros países. Surpreendente em terras tão áridas. Consideradas muito doces mas acho que as nossas são melhores...e então se forem de uvas moscatel trouxe algumas para amostra. Mas quanto mais viajamos, mais apreciamos o que temos embora descobrimos também coisas extraordinárias.

Com o calor o jantar foi num enorme recinto/esplanada ao ar livre.

No dia seguinte deixamos a província de Xinjiang em direcção a outra China...

M. J. Lobo
Maio 2018



O mais alto minarete da China. Em Turpan



Feira do Gado em Kashgar



Mercado de gado



Um casal de etnia uigur natural da provincia chinesa de Xinjiang